

**REVISTA DA ACADEMIA
NORTE-RIO-GRANDENSE
DE LETRAS 2021**
Nº 68 - JUL/SET



REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS



Nº 68

NATAL, JULHO/SETEMBRO- 2021

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Publicação trimestral

Diretor: Manoel Onofre Jr.

Editor: Thiago Gonzaga

Diagramação e capa: Diolene Machado/ CJA Edições.

Arte da capa: Assis Marinho
(Coleção de Onofre de Souza Neto).

Catálogo na Fonte: Ana Cláudia Carvalho de Miranda – CRB15/261

R454

Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras / ANL. – n.68
(mar. 1951 -). - Natal: Offset Editora, 1951 - .

Trimestral.

Número atual: 68, Jul/Set.2021

ISSN: 0567-5995

1. Literatura - Periódico. I. Academia Norte-rio-grandense de
Letras. II. Título

CDU: 8(05)(813.2)

OS ARTIGOS REFLETEM EXCLUSIVAMENTE A OPINIÃO DOS AUTORES

SUMÁRIO

ARTIGOS E ENSAIOS

O PODER DO LIVRO - Diogenes da Cunha Lima.....	11
CÂMARA CASCUDO E LEAL DE SOUZA NAS PÁGINAS DO 'BOSQUE SAGRADO' - Vicente Serejo	14
A ALMA POTIGUAR: TERRA NATAL - Humberto Hermenegildo de Araújo.....	21
VIVER, CRIAR E LUTAR - Cláudio Emerenciano	34
A RUA DA SAUDADE - Marcelo Alves Dias de Souza	37
VERÍSSIMO DE MELO: CENTENÁRIO - Francisco Martins .	40
VERÍSSIMO PINHEIRO DE MELO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO [09.07.1921 - 18.08.1996] Francisco Fernandes Marinho.....	42
CONFIDÊNCIAS A PAULO - Cláudio Arcanjo.....	58
A CIDADE DOS REIS DE CARLOS DE SOUZA Carlos Fialho.....	68
RELEMBRANDO COLEGAS ACADÊMICOS..... Valério Mesquita.....	72
HOMENAGEM AO CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DO SAMBISTA MAIOR NASCIDO NO RIO GRANDE DO NORTE RAYMUNDO OLAVO DE SOUZA 1920 – 2020. GRANDE SAMBISTA SINCOPADO DO BRASIL, CONSIDERADO UM DOS MELHORES SAMBISTAS DO BRASIL - Leide Câmara.....	77

CULTURA ANTIGA - (Uma Síntese) III ÍNDIA Jurandyr Navarro.....	86
A CULTURA EM NOSSO TEMPO - Gileno Guanabara.....	94
O DESAFIO DAS PALAVRAS - Elder Heronildes.....	101
UMA ACADEMIA NO SERIDÓ Carlos Roberto de Miranda Gomes.....	109
OS 80 ANOS DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE FOLCLORE Francisco Firmino Sales Neto.....	115
A MEDICINA POPULAR PRATICADA NO SERTÃO NAS CIRCUNVIZINHANÇAS DA FAZENDA ARACATI..... Benedito Vasconcelos Mendes.....	119

CONTOS E CRÔNICAS

O PRINCIPEZINHO -Iaperi Araujo.....	125
CRÁS E HÓDIE - Roberto Lima de Souza.....	131
AS MENINAS DE BANGLADESH Sonhos, só sonhos. Antônio Melo.....	136
AS MOSCAS - Thiago Gonzaga.....	140
QUE ABSURDO! Hildeberto Barbosa Filho.....	143
AS DOENÇAS DE TCHAIKOVSKY..... Daladier Pessoa Cunha Lima.....	146
UMA MULHER DO POVO - Anísio Potiguar.....	150

O MÊS DE AGOSTO - ACONTECIMENTOS POLÍTICOS Armando Negreiros.....	150
OS VIVOS E OS MORTOS - Antonio Nahud.....	152
MUSEU DA FELICIDADE - Tácito Costa.....	157

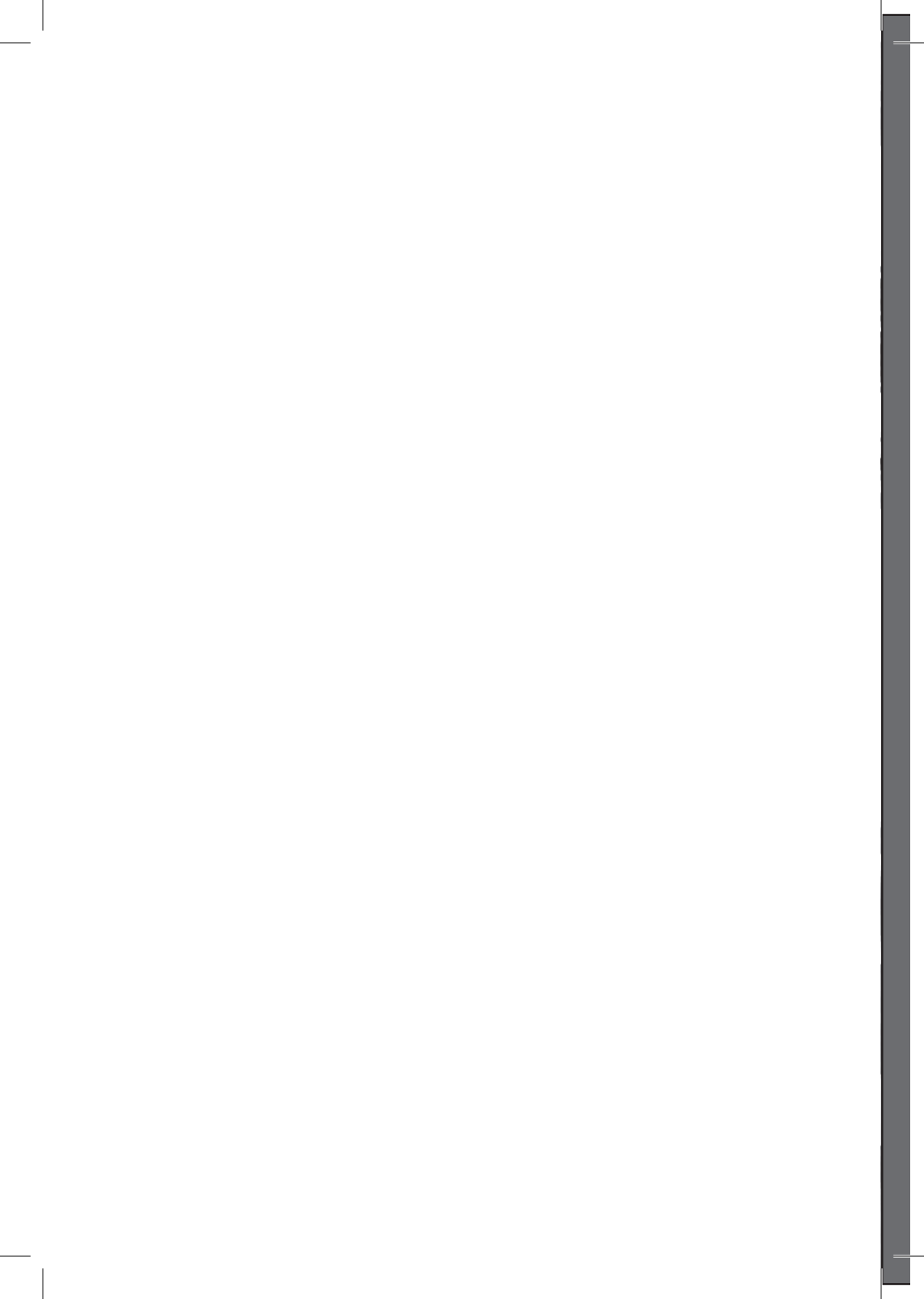
POEMAS

NOVO ENCANTO - Paulo de Tarso Correia de Melo	163
TRÊS SONETOS DE LÍVIO OLIVEIRA.....	165
MEUS SÁBADOS DE LIVROS E POEMAS - Jarbas Martins	168

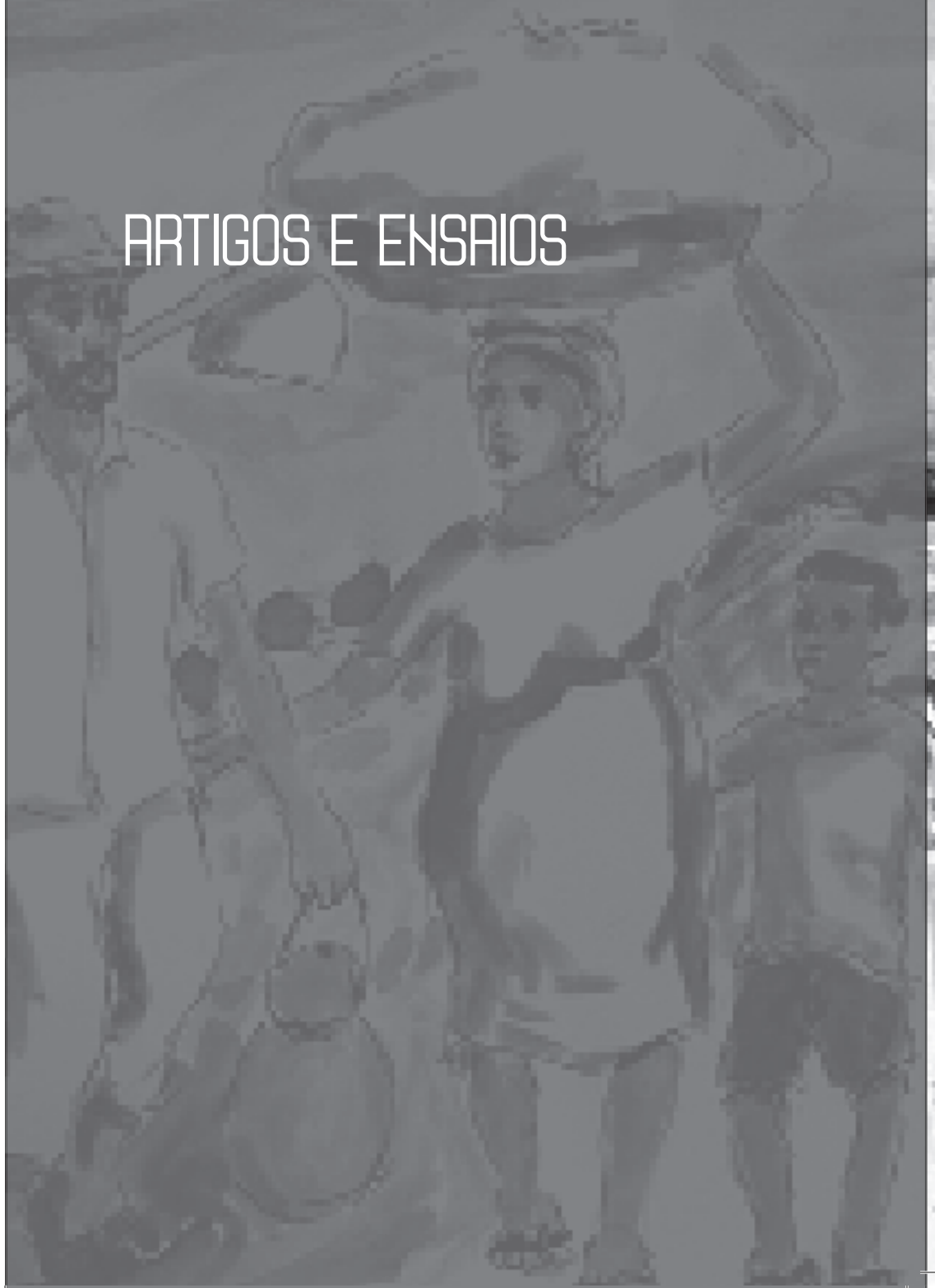
DISCURSO

JUBILEU DE OURO SACERDOTAL DE MONSENHOR LUCAS - Padre João Medeiros Filho.....	171
-----------------------------------------------------------------------------------	-----

O ARTISTA DA CAPA.....	177
-------------------------------	------------



ARTIGOS E ENSAIOS





O PODER DO LIVRO

Diogenes da Cunha Lima

O livro já está na lua. Quando os americanos alunissaram, firmaram a sua bandeira e lá deixaram o mais poderoso instrumento da humanidade: um livro. É uma pequenina Bíblia, uma polegada, apenas.

A Bíblia faz parte da vida de dois bilhões de cristãos: católicos, protestantes, anglicanos, ortodoxos e de muitas outras mutações religiosas. Ela é a base da vida de todo um povo, o judeu.

O Corão, que também reconhece a Bíblia, determina a vida de centenas de milhões de muçumanos em toda a terra. Todas as religiões são praticadas e difundidas com base na memória dos livros.

O comando do livro também é exercido por não religiosos. Assim, o Capital de Karl Marx ainda orienta os governos da Coreia do Norte, China, Cuba e de outros povos menos ortodoxos.

Alguns gênios da humanidade não escreveram livros. Jesus escreveu na areia, registro fadado a logo desaparecer. Graças a Deus, os seus biógrafos registraram os fatos básicos da sua vivência e sabedoria, Mateus, Marcos, Lucas e João. Principalmente São Paulo estabeleceu a sua doutrina. Sócrates confiou essa tarefa a Platão. Buda a um sem número de seguidores.

O livro é essência da escola. De toda a pedagogia, palavra que vem do grego paidos (criança) e agogia (conduzir). Do jardim de infância à Universidade. Nele se contém a filosofia, a ciência, a arte, a poesia, a tecnologia. Tudo o que o engenho humano produziu. O saber duradouro que faz o desenvolvimento da humanidade.

No mínimo, esse notável instrumento do saber tem marcante cumplicidade com os acontecimentos. Agora, mais do que nunca, com a internet conduzindo a vida planetária, pela forma digital. Não é apenas através do papel, mas do reading book.



Devemos reconhecer que a má interpretação de livros tem ocasionado os maiores desastres humanos. A Bíblia foi responsabilizada pela Inquisição. O estalinismo assassinou (10?) milhões de seres humanos. Semelhantemente a Mein Kampf de Hitler (6?) milhões foram mortos.

Do outro lado, há autores de livros que são ícones de seus países, modelos de genialidade. Lembremo-nos de Shakespeare (Inglaterra), Cervantes (Espanha), Victor Hugo (França), Goethe (Alemanha), Tolstói (Rússia), Camões (Portugal). Nem sempre esses escritores são cópias intelectuais de seus respectivos países, são universais. Assim, Jorge Luís Borges na Argentina ou Machado de Assis no Brasil, Pablo Neruda no Chile.

A Academia Norte-rio-grandense de Letras sempre reconheceu a importância do livro, na exigência de publicações para candidatura a seus membros. A própria construção de sua sede, obra do notável presidente Manoel Rodrigues de Melo, obedece, na sua fachada, à inspiração livresca. Nenhuma cidade do Brasil pode ser comparada a Mossoró (viva Vingt-un!), na valorização do livro regional. Por isso, há muito tempo propomos que a cidade faça um Monumento ao Livro. E acreditamos que um dia este sonho será realidade.

Neste dia, apenas anotamos um pouco da glória e o poder do livro.

DIOGENES DA CUNHA LIMA é poeta, escritor e advogado, autor de “Os Pássaros da Memória”, “Câmara Cascudo – Um Brasileiro Feliz” e outros livros. Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-reitor da UFRN e ex-presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.



LEAL DE SOUZA

BOSQUE SAGRADO



LIVRARIA EDITORA
LEITE RIBEIRO & MAGRILLO
Rua Santa Helena, 3 - Rio
de Janeiro



CÂMARA CASCUDO E LEAL DE SOUZA

NAS PÁGINAS DO 'BOSQUE SAGRADO'

Vicente Serejo

À memória dos poetas que morreram sem cantar.

Leal de Souza

Quatro vezes 'Alma Patrícia', o primeiro livro de Câmara Cascudo, veio ao mundo: em 1921, quando foi originalmente lançado, há exatamente um século neste 2021; a sua primeira edição fac-similada, pela Coleção Mossoroense, em 1991; a terceira, comemorativa dos cem anos do autor, Fundação José Augusto, 1998; e a segunda, integralmente fac-similada, incluindo as capas da edição princeps, lançada este ano para marcar a estreia da bibliografia do autor.

A rigor, é a obra fundante da sua produção formal, em livro, mas sua estreia intelectual - o primeiro texto assinado e publicado, acontece três anos antes, em 1918, quando inicia a coluna 'Bric-à-Brac', nas páginas de 'A Imprensa', o jornal fundado por seu pai, Francisco Cascudo. Um coronel da Guarda Nacional e comerciante próspero, senhor do Principado do Tirol, vivenda aristocrática com o fulgor de dois automóveis na garagem e piano na sala.

Aquela edição de lançamento de 'A Imprensa', a 18 de outubro de 1918, marca o início da atividade jornalística do repórter, como o próprio Cascudo proclamava-se, mas seu primeiro texto não é jornalístico. Escolheu fazer uma resenha literária, nitidamente impressionista, para comentar um livro que chamou a atenção da crítica nacional, um ano antes, em 1917: 'O Bosque Sagrado', do poeta Leal de Souza, também um pioneiro no estudo da poesia feminina no Brasil.



Em outubro de 1918, Cascudo tinha 21anos incompletos - faria em dezembro - e tinha como seu *scholar*, na cidade, o escritor Henrique Castriciano, certamente a figura mais culta da província. Um intelectual com temporadas de cura nos principais sanatórios suíços, em Lausanne, e frequentador das livrarias de Paris, por isso, provavelmente, o dono da mais importante biblioteca na sua cidade, ele um poeta presente em antologias brasileiras e francesas.

O lançamento da nova edição fac-similada de ‘Alma Patrícia’, enseja, de alguma forma, a retomada do texto de estreia pela primeira vez registrado por Zila Mamede ao publicar os três volumes - ‘Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual 1918/1968’, lançados em 1970, pela Fundação José Augusto. A grande reunião de meio século da produção intelectual do maior escritor do Rio Grande do Norte, fixando o ano de 1918 como sua real data fundadora.

O fato não afasta o valor histórico de ‘Alma Patrícia’, por ter o vigor de um pioneirismo fundamental: sem a reunião dos seus ensaios críticos e biobibliográficos não teria sido possível aos estudiosos que vieram depois, inclusive da crítica universitária, conhecer e estudar a vida literária na província das primeiras décadas do século vinte - os principais inauguradores da prosa e da poesia, os fundadores da criação literária no Rio Grande do Norte.

O Bosque Sagrado

O que teria levado o jovem Câmara Cascudo a optar por um nome nacional para lançar sua coluna, ele que tinha os olhos sempre voltados para sua aldeia? Talvez tenha sido levado a demonstrar ser um leitor bem informado naquele 1918, numa Natal de poucas mil almas. Tão pequena e distante do Rio de Janeiro, a metrópole literária acessível apenas aos que tinham recursos para as demoradas viagens nos modernos navios a vapor, de porto em porto.



‘Bosque Sagrado’, certamente, e como o próprio título sugere, deve ter encantado o jovem Cascudinho, filho único do coronel Francisco Cascudo e Ana, a filha do desembargador Teotônio Freire, portanto, o avô do acadêmico de medicina que acabaria formado em Direito. O ‘Bosque Sagrado’ foi destaque nas rodas literárias do Rio do início da segunda década do século vinte, centro da intensa efervescência intelectual do país.

Rapaz rico, de vida fidalga, com direito a realizar sonhos, é provável que Cascudo tenha tido acesso ao livro de Leal de Souza por aquisição ou através do poeta Henrique Castriciano, cuja biblioteca frequentava. E com quem, nas tardes de domingo, fazia passeios a cavalo na mata de Petrópolis e Tirol, e a quem prestou gratidão e homenagem com o livro - ‘Nosso Amigo Castriciano’, Imprensa Universitária de Pernambuco, Recife, 1965, já relançado pela UFRN.

A resenha do jovem crítico, no primeiro passo do jornal do seu pai, tem o foco principal na poesia de Leal de Souza, com o cuidado de registrar, também, ser o poeta do ‘Bosque Sagrado’ o pioneiro no registro da poesia feminina no Brasil. E com um livro, hoje muito raro - ‘A Mulher na Poesia Brasileira’, Rio, 1918, no qual reúne e estuda três nomes, entre os quais Auta de Souza, a poetisa de ‘Horto’ que mais de quarenta anos depois seria biografada pelo próprio Cascudo - ‘Vida Breve de Auta de Souza’, Natal, Imprensa Oficial, 1961.

‘O Bosque Sagrado’ foi lido por Cascudo naquele ano de 1918, mas não é improvável que o acesso tenha sido na biblioteca de Henrique Castriciano, irmão da poetisa Auta de Souza incluída por Leal de Souza no seu ensaio sobre as poetisas no Brasil, naquele mesmo 1918, edição até hoje única e considerada rara na bibliografia sobre a poesia brasileira. No artigo, Cascudo vai além do livro e traça um rápido perfil de Leal de Souza.

Câmara Cascudo se projeta nos olhos nacionais em 1924, ano de lançamento de ‘Joio’, mas chega com o seu terceiro livro, no mesmo ano, ‘Histórias que o tempo leva...’, por duas forças



propulsoras: é lançado pelo editor Monteiro Lobado - financiado pela lei de incentivo ao livro, a primeira do país e aqui proposta por Henrique Castriciano, então vice-governador do escritor Antônio de Souza, o Policarpo Feitosa; e o prefácio de Rocha Pombo, considerado um dos maiores ícones da historiografia nos anos vinte, duas chancelas fundamentais.

Formalmente, sem que se negue a precocidade de sua visão em artigos para revistas e jornais da época, Cascudo chega ao universo das superstições antes de lançar os primeiros livros sobre as magias branca e negra, segundo a classificação da época. Basta notar sua surpreendente contribuição ao Primeiro Congresso Nordestino de Estudos Afro-brasileiros, realizado em Recife, e registrado em dois volumes: o primeiro em edição da Ariel, Rio, 1935; o segundo só dois anos depois, em 1937, edição Civilização Brasileira, no qual está seu ensaio 'Notas sobre o Catimbó', nas páginas 77 a 131. Os dois volumes foram reeditados pela Função Joaquim Nabuco em 1986, integralmente mantidos como nas edições de 1935 e 1937.

É bom não perder de vista que suas 'Notas sobre o Catimbó' são precursoras de dois grandes livros que lançaria décadas depois - 'Meleagro', Agir, Rio, 1951; e 'Superstições e Costumes', Antunes, Rio, 1958, para citar os dois títulos marcantes de sua extensa e erudita bibliografia sobre o tema. O detalhe tem a ver, por coincidência, com os consagrados registros de Leal de Souza, a partir do livro 'O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas da Umbanda, que lança no Rio, em 1933, praticamente fundando os registros formais sobre o Umbandismo. Livro que, pela procura dos seguidores da Umbanda, teve a segunda edição pela editora Divina Luz, para marcar os cem anos da Umbanda no Brasil - 1908-2008.

Antônio Eliezer Leal de Souza, esse seu nome completo, nasceu em Livramento, no Rio Grande do Sul, em 1880. Foi jornalista, poeta, ensaísta e é considerado o fundador dos estudos sobre a Umbanda no Brasil. Combateu, ao lado das tropas do Exército,



na Guerra de Canudos, liderou manifestações de oposição ao chefe político Borges de Medeiros, quando ainda vivia no Rio Grande do Sul; e faleceu no Rio, em 1948, depois de uma longa e intensa participação na vida jornalística. É uma das fontes citadas por Câmara Cascudo nos estudos da superstição, com vários livros publicados, entre eles uma biografia de Getúlio Vargas.

“Bric-à-Brac”

É com o título, ‘Bric-à-Brac’, o mesmo da coluna de Leal de Souza, no Rio, que Câmara Cascudo lança sua coluna em ‘A Imprensa’, em 18 de outubro de 1918, a partir do livro ‘Bosque Sagrado’, de Leal de Souza, edição Leite Ribeiro & Maurillo, Rio, 1917. Eis o texto histórico:

Depois de ter encantado meio mundo através do Bric-à-Brac, depois de tão lido e festejado como Frei Antônio o Voltaire, Leal de Souza veio consolidar o seu nome literário com a publicação do Bosque Sagrado. Não resta dúvida que Leal de Souza é um transviado da velha Grécia de Praxíteles, neste ano terrível de crises e falta de carvão. Bosque Sagrado é uma invocação prodigiosamente feliz. Os mármore, flores e bustos de mulher aparecem e admiram por entre a sonoridade rítmica dos seus versos perfeitos. Respira-se através das páginas do Bosque Sagrado uma atmosfera erudita. Os conceitos, imagens e rimas são naturais e perfeitamente espontâneas.

Ainda estavam vibrando no ar os aplausos deste livro quando Leal de Souza reaparece com a reunião das suas três conferências, dando-lhe o nome: A mulher na poesia brasileira. A não ser o monótono livro de Norberto de Souza, fez-nos um grande bem, lembrando velhos poetas e citando novos. A primeira parte do livro – “O ideal feminino dos poetas”, é um estudo de valor, não só pela raridade do assunto e pesquisas inteligentes, como também pela justeza dos conceitos e firmeza de opiniões. Para rebuscar os livros, era preciso um erudito, para compreender estas multiformes ideias era necessário um poeta. Leal de Souza, reunindo estes dois requisitos, deu-nos a sua magnífica con-



ferência “Poetisas Brasileiras”, segunda parte do livro, é um resumo simples e preciso das nossas poetisas. Diante de mim, passaram todas essas habitantes do Parnaso, desde Ângela do Amaral Rangel, nascida nos românticos tempos de 1725, até as expansões vibrantes de Gilka da Costa Machado.

Leal de Souza imparcialmente espargue flores sobre elas, a lapidaria de esfinge, a sonoridade dos versos de Laurita Lacerda, a nossa suave e mística Auta de Souza, todas têm a sua mancha de rosas. Por entre as citações das poetisas, a prosa fluente de Leal de Souza rompe festivamente, e o seu magnífico poder sintetizante mostra-se através da “sciense enexorable de son esprit”, como diz o bom Saint-Beuve. Terminando pela “Musa Contemporânea”, o poeta faz-nos parar no meio do mundo de conceitos, definições que da mulher fazem os espíritos bons ou razoavelmente medíocres. Anotando tão sabiamente o que se pensa da mulher, fazendo sua defesa racional e lógica, e este a terceira e, infelizmente, última parte do livro. Quer pelos seus artigos esparsos, conferências ou versos, Leal de Souza mostra insensivelmente a que grau de perfeição chegou o seu espírito e o seu caráter.

Seus artigos sobre o magistral e malgrado Aníbal Teófilo têm tanto cunho de sinceridade que somos obrigados a venerar a memória do esteta de A Cegonha. Atualmente, na sua produção, na sua conferência sobre os ideais femininos, o poeta se refere com tal carinho aos velhos poetas que não parece um filho deste honesto tempo de egoísmo e orgulho.

O que para mim vale muitíssimo em Leal de Souza é esse reunir o útil das suas pesquisas literárias ao agradável dos seus versos sonoros. Com tal norma de conduta, o sucesso não será um estímulo ao seu espírito, e sim uma recompensa ao seu trabalho.

Começando uma das suas conferências, Leal de Souza pede desculpas a seu auditório de o fazer subir um quinto andar. Para dicção de palestras como estas que o poeta do Bosque Sagrado brindou ao público carioca, subiria contentemente até ao décimo terceiro.

Merece, pois, Leal de Souza, todas as gentilezas e barretadas dos



jornais patricios, por ter destoado da monotonia das obras mascas de escritores austeros.

O olho genial de Câmara Cascudo já estava ali, há mais de um século.

Natal, ano da peste de 2021, cem anos de ‘Alma Patrícia’, Veríssimo de Melo, Aluizio Alves e Oriano de Almeida, em pleno mês de agosto, como no poema de Joaquim Cardoso.

VICENTE SEREJO é escritor, jornalista e professor aposentado da UFRN, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais. Autor de “Cena Urbana”, “Cartas da Redinha” e “Canção da Noite Lilás”.



A ALMA POTIGUAR: TERRA NATAL

Humberto Hermenegildo de Araújo

A literatura local sempre foi alvo do interesse de Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), que demonstrou o desejo de sistematizar essa produção literária. Na bibliografia anotada por Zila Mamede (1970, p. 18), consta como inédito o livro *História da literatura norte-rio-grandense*, que nunca chegou a ser publicado. *Alma patricia*, publicado em 1921, marca o início da longa obra cascudiana, no suporte livro, e nele o autor investe na perseguição desse objetivo de ordenamento historiográfico. Trata-se de uma publicação centenária e histórica, porque ela foi a primeira tentativa de síntese do movimento literário do Rio Grande do Norte.

Esse primeiro livro e o seguinte (*Joio*, 1924) aparecem no momento em que predominava no meio potiguar um empenho no sentido da sistematização da atividade literária local, com o intuito de incluir na história do estado poetas e escritores que dariam um estatuto literário à província que se modernizava. O produto desse movimento tomou forma, por exemplo, na *Revista do Centro Polymathico*¹, nos livros *Alma Patricia* e *Joio*, e na coletânea *Poetas Rio-grandenses do Norte*, de autoria de Ezequiel Wanderley (1872-1933)².

1 Segundo Manoel Rodrigues de Melo, no *Dicionário da Imprensa no Rio Grande do Norte: 109-1987* (Natal: Fundação José Augusto; São Paulo: Cortez, 1987, p. 208-209), a revista era uma publicação trimestral que circulou entre os anos de 1920 e 1922. A resenha de n. 05 – agosto 1921 – apresenta o sumário com os seguintes colaboradores, entre outros: Câmara Cascudo (diretor da publicação), Palmyra Wanderley, Raul Bopp, Tasso da Silveira e Jorge Fernandes. Cf. *A República*, 12 ago 1921.

2 A coletânea contemplava 108 poetas nascidos em território potiguar e seguia a evolução entre 1809 e 1900. *A República*, que deu um destaque especial para esse livro a partir do ano de 1920, publicou o registro bibliográfico no dia 26 de setembro de 1922.

Tinha-se como objetivo a institucionalização de um cenário letrado no Rio Grande do Norte, como traço de urbanidade de uma sociedade que, não obstante, vivia ainda sob o domínio de oligarquias rurais. Durante os anos 1920, foram publicados três livros fundamentais de literatura: *Versos* (1927), de Lourival Açucena; *Terra Natal* (1914) e *Poesias completas* (1927), ambos de Ferreira Itajubá. O livro de Lourival era uma antologia de versos reunidos por Câmara Cascudo e *Terra Natal* foi publicado por Henrique Castriciano. Coube também, a Castriciano, a escrita do artigo “Uma figura literária do Nordeste: Nísia Floresta” publicado em 1925, no *Livro do Nordeste*, organizado por Gilberto Freyre. Coube, portanto, aos dois nomes que mais se destacaram no empenho referido – o jovem Cascudo e o já maduro intelectual Henrique Castriciano –, a elevação desses escritores ao nosso cânone, no processo formativo local.

No contexto mais amplo de surgimento de *Alma patricia* – as três primeiras décadas do século XX –, surgiram grupos de intelectuais e instituições que os representavam e valorizavam a prática sociocultural na capital do estado. Foram criadas revistas literárias e surgiram espaços que viabilizavam uma vida literária, a exemplo de uma academia informal de Letras, a “Diocésia”, que funcionava no sótão do Café Magestic, de propriedade do poeta modernista Jorge Fernandes. Em contrapartida, havia também o ambiente aristocrático localizado na Chácara do Tirol, que era a residência do jovem Cascudo, onde se reuniam muitos intelectuais da cidade. Surgiram, em 1925, o Instituto da Letras do Atheneu e a Escola de Belas Artes. Na década seguinte, em 1936, foi fundada a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, de acordo com o estudo de Carlos Roberto de Miranda Gomes, *As confrarias e o tempo* (Natal: Sebo Vermelho, 2018). Muito provavelmente, o empenho dos intelectuais no sentido de institucionalizar as representações literárias culminou, após uma década, na criação dessa confraria.

Não por acaso, dentre os dezoito escritores selecionados para as notas biobibliográficas apresentadas pelo autor, certamente com



o intuito de formação de um cânone local, cinco deles (Segundo Wanderley, Ponciano Barbosa, Ferreira Itajubá, Auta de Sousa, e Gothardo Neto) são patronos da Academia Norte-rio-grandense de Letras e sete (Sebastião Fernandes, Henrique Castriciano, Othoniel Menezes, Palmyra Wanderley, Virgílio Trindade, Francisco Palma e Ezequiel Wanderley) seriam os primeiros ocupantes de cadeiras da instituição.

Após estas considerações gerais sobre o contexto da publicação do livro, gostaria de apresentar três comentários que, de algum modo, reiteram características da trajetória intelectual cascudiana: uma visão sobre a cidade que se modernizava e ainda mantinha traços coloniais e provincianos; o interesse ainda incipiente sobre manifestações populares, da oralidade; a percepção da importância da poesia de Ferreira Itajubá para a formação do cânone local.

1. A rua de Gothardo Neto e a cidade nova de Cascudo

No capítulo sobre Gothardo Neto (1881-1911), poeta natalense pós-romântico, é sugerido que o autor de *Folhas mortas* (1913) sofre de tal forma a influência do meio que a sua tristeza romântica seria determinada pelo aspecto mórbido da rua e da casa onde morava, lugar de reclusão durante os cinco últimos anos da sua vida, quando escreveu versos doentios. Trata-se de um espaço romanesco, assim descrito no seguinte trecho:

A rua em que morava (21 de março, quase perto do Baldo [...] era neste tempo (1890 a 1911 e ainda hoje, 1920) uma sarjeta lúgubre [...]. No inverno era intransitável, lama, pedras e o eterno redemoinhar do vento encanado. No estio, poeira sufocante, um calor abafado de mormaço, sem um pedaço

de casaria branca, sem um pouco de vegetação, onde o espírito atribulado do poeta repousasse contemplando a placidez serena das velhas árvores, o tranquilo esvoaçar dos galhos, o balanço das folhas, o enovelar onduloso das relvas. Em vez disso, existia (hoje ainda) um amontoado de carrapateiras, mofumbos e mata-pastos, cordões de S. Francisco, feixe triste e raquítico de plantas se erguendo, pensativas e melancólicas, do terreno baldio da sarjeta.

Durante a noite, esta rua assemelha-se a uma página do Rei Peste, de Poe. A rua torna-se sepulcral e tétrica. Calçadas altas e cheias de lodo escorregadio. As fachadas negras e decrépitas, o enxurro sussurrante das imundices, o bruxulear das luzinhas elétricas que mal iluminam dois metros em volta, tudo isto mais acerbava o ânimo doentio, o desejo ansiado de sofrimento e de mágoa, que enchia o espírito de Gothardo.

(CASCUDO, 2021, p. 146)

A rua de Gothardo é representada como símbolo de um tempo em que a cidade do Natal existia apenas no mapa administrativo da colônia, pois somente com a República ela passaria a ter uma vida social próxima de padrões considerados urbanos e modernos. Alguns anos depois, já no final da década, o mesmo Câmara Cascudo apresentaria o seu ideal de cidade moderna, ao comentar, nas páginas da revista *Cigarra*, o aspecto geral do *master plan* (de autoria do arquiteto Giacomo Palumbo), protótipo urbanístico do planejamento que colocaria a cidade no marco da modernidade e traria,



como novidade, o traçado dos futuros bairros do Tirol e Petrópolis, para onde se deslocou a elite local no espaço da Cidade Nova³.

A apreciação cascudiana foi publicada com o título “Natal, outra cidade!” (*Cigarra*. Natal, Ano III, n. 5, p. 15, mar. 1930). O texto é curto e investe no que o autor qualifica como “beleza racional”, atendendo a fatores econômicos, com vistas à satisfação das massas urbanas e o respeito à história da cidade. O planejamento, considerando padrões de saneamento urbano modernos, domina a perspectiva geral do *master plan*, conforme se lê, na íntegra:

A primeira prancha que A CIGARRA publica como sua homenagem aos sonhadores numa nova Natal é apenas uma parte do “master plan” onde a terra de Jeronymo de Albuquerque se desdobrará numa perspectiva de beleza racional. Já de agora se poderá ver o “futuro”. O bairro baixo com suas ruas paralelas ao rio e as perpendiculares caindo em ângulos retos anunciadores de asseio estético. Nada de arrasamento e de destruição. O material aproveitado é vasto. As ruas conservam a localização antiga. A mão moderna retificou para melhor onde se semeara a esmo. Advinha-se, depois das finais, o abraço tornejante da grande avenida de contorno.

3 Sobre a vida social que surgiu no contexto do clima de Belle Époque, já nos governos da oligarquia Albuquerque Maranhão cf. o estudo de Tarcísio Gurgel, *Belle Époque na esquina*: o que se passou na República das Letras potiguar (Natal: Ed. do autor, 2009); sobre a modernização da cidade, cf. os estudos de: Giovana Paiva de Oliveira, *De cidade a cidade*: o processo de modernização do Natal 1889/1913 (Natal: EDUFRN, 2000); Raimundo Arrais (Org.), *A terra, os homens e os sonhos*: a cidade de Natal no início do século XX (Natal: Sebo Vermelho, 2017); Raimundo Arrais, Alenuska Andrade e Márcia Marinho, *O corpo e a alma da cidade*: Natal entre 1900 e 1930 (Natal: EDUFRN, 2008).

Até aí ainda não surge “urbanificação” no sentido de criar e dispor. A mentalidade que presidiu ao “master plan” foi coerente e lógica atendendo aos fatores econômicos. Há, apenas, uma sistematização das massas urbanas. Aproveita-se o máximo, conservando as características da Cidade de trezentos anos feitos.

A parte que interessa às crianças ainda não vimos. Serão os parques, as aleias sombreadas. Creio firmemente que se pensou no clima quando o lápis foi traçando as ruas de quinze e vinte metros de largo. Uma arborização densa em Natal é tão necessária e espontaneamente estética como a via contornante que cingirá a cidade dos Reis. O “master plan” ainda não possui, graças a Deus, o critério unilateral de precisar o que há de vir. Deixa ensanchas para esperar o gosto da época, mutável e plástico. Uma sistematização difere duma “toilet” feminina. Feita, é para quase toda uma existência. E a existência duma cidade é de séculos.

A redução moderna do “master plan” sofrerá o embate natural dos preconceitos e das opiniões pessoais. Mas é preciso pensar na cidade quando se constrói uma casa. O inverso também é certo e justo. Os fatores que civilizam uma cidade escoam-se, se ela não fixar as linhas mestras de sua grandeza. Tráfego, higiene, movimentação, residência, beleza



e lógica são as afinidades eletivas duma cidade. A tudo o “master plan” registou.

Urbanismo é colaboração e crítica. Uma soma de valores e nunca uma afirmativa solitária. Assim o “master plan” abrirá para os entendidos e os amigos de Natal uma fase de solidariedade e de cooperação.

A valorização do *master plan*, pelo autor da apreciação, está fundamentada na sua posição sobre a noção de moderno, que não implica ruptura; antes, contempla “continuidade”, em desacordo com o programa da modernidade aplicado nos movimentos gerais de modernização do espaço urbano da época, bem como ao modernismo dos primeiros anos que, no Brasil, teve como marco a Semana de Arte Moderna de 1922. O texto publicado em *Cigarra*, já no início dos anos 1930, contempla um modernismo que deseja se entroncar com a tradição. Por isso, o reparo (“Nada de arrasamento e de destruição. O material aproveitado é vasto. As ruas conservam a localização antiga. A mão moderna retificou para melhor onde se semeara a esmo”) e a afirmativa colada à perspectiva arquitetônica enfocada (“Aproveita-se o máximo, conservando as características da Cidade de trezentos anos feitos”).

Muito provavelmente, o autor, se possível fosse, apresentaria ao infeliz Gothardo Neto a perspectiva feliz da Cidade Nova, onde ele teria à disposição o espaço que lhe faltou na velha cidade...

1. O interesse incipiente pela oralidade

No texto do ensaio conclusivo de *Alma patricia*, uma curiosidade chama a atenção de quem está à procura da gênese da tendência assumida por Câmara Cascudo em direção à pesquisa da cultura popular e da oralidade: sem que seja incluído entre os



dezoito poetas estudados, um por capítulo, aparece nesse último ensaio o nome de Josué Silva, a quem o autor dedica dois longos parágrafos reveladores da sua, já, paixão pelo estudo da oralidade.

Este é um dado significativo, pois, em texto de pretensões eruditas, uma vez que o ensaio trata do esboço de uma tradição literária, insere-se, a modo de extrapolação, uma observação repentina sobre aquilo que estava às margens do mundo letrado da província. Um indício, portanto, de futuros caminhos, como se percebe neste trecho sobre as “quadrinhas” de Josué Silva:

Eu não posso, d’espírito desapaixonado, ler trovas. Considero estas quadrinhas como única expansão poética do Povo. Tenho para mim que trovas, loas, descantes, como as antigas xácaras, solaus e rimances, soem sair do coração ignorado dos cantores populares, o menestrel vagabundo de viola enfeitada de fitas multicores, cantando ao luar, n’uma latada florida, entre sertanejas alegres e morenas bonitas. Desta forma, todos quanto escrevem trovas [...] ressentem-se d’algo, sem nota desconhecida, um tom ignoto e obscuro, uns ares de rusticidade e humilde dizer, que somente o Povo saberá escrever, cantar e dizer.

(CASCUDO, 2021, p. 169)

Na extrapolação das notas sobre os escritores locais reside o indício sobre o interesse pelas manifestações regionais da cultura, que Câmara Cascudo iria pesquisar, anos mais tarde, como registros do folclore. Também é daqueles anos (CASCUDO, 1922) a resenha entusiasmada que ele publicou sobre o livro *Cantadores*



(1921), do cearense Leonardo Mota, tocado pelo sentimento nacionalista que dominaria o cenário cultural da década.

A tradição regional vinha sendo impulsionada pelos irmãos Henrique e Eloy de Souza, que apresentaram à elite letrada os poetas cantadores Fabião das Queimadas e Manuel Tavares (cf. CASCU DO, 1965, p. 120). O tema do aboio, que o autor de *Alma patricia* apresentou na *Revista do Brasil*, com a crônica “O aboiador” (Rio de Janeiro, ano VI, v. 17, n. 67, p. 296-298, jul. 1921), também fora publicado por Henrique Castriciano na mesma revista, no poema “O aboio” (Rio de Janeiro, ano V, v. 14, n. 54, p. 127-131, jul. 1920). Eloy de Souza retomaria o tema no texto “Os últimos cantadores do Nordeste”, publicado no *Livro do Nordeste* (organizado por Gilberto Freyre, Recife, p. 66-67, 7 nov. 1925).

A cultura sertaneja e popular, como símbolo de brasilidade, seria altamente valorizada por Câmara Cascudo, ao longo de toda a sua obra. Como marco desse registro, destaca-se o livro *Vaqueiros e cantadores* (1939), bem como a iniciativa de institucionalização dos estudos da oralidade, por meio da criação da Sociedade Brasileira de Folclore, em 1941, cujos 80 anos são comemorados neste 2021.

Antes e depois desses marcos, vários estudiosos e literatos investiram em pesquisas sobre a tradição, seja por influência dos irmãos Castriciano – provavelmente, Manoel Dantas, Garibaldi Dantas e o jovem Cascudo –, seja no entorno da personalidade cascudiana, em acordo ou desacordo, nas linhas gerais ou nas suas variantes, sempre com base em uma identidade regional: Veríssimo de Melo, Hélio Galvão, Manoel Rodrigues de Melo, Oswaldo Lamartine e Deífilo Gurgel, dentre os autores que finalizaram as suas obras no contexto do século XX⁴.

⁴ Teríamos aqui uma lista bastante ampla e, nela, acrescentaríamos os nomes de Jorge Fernandes, Zila Mamede, Dorian Gray Caldas, Raimundo Nonato da Silva, Gumercindo Saraiva, Paulo Bezerra – lista que, evidentemente, está longe de se completar.



2. A alma patrícia de Ferreira Itajubá

Ferreira Itajubá é apresentado como “o derradeiro menestrel do Rio Grande do Norte”, poeta publicado em jornais, acolhido razoavelmente bem no meio intelectual provinciano. Poetizado e tornado romântico após a morte, era alegre, gritador, álcere. Para Cascudo (2021, p. 118-121), o poeta possuía todos os requisitos comuns ao brasileiro e a sua descrição física começa pela cor “de canela de caboclo” e chega à voz “[...] quente, pastosa, cheia de tonalidades estranhas e cambiantes diversos, andar indolente e mole de caboclo”. Teria a desconfiança nativa dos potiguaras, em combinação com a afoiteza e a ousadia do português, no que resultaria a “tumultuância [sic] mórbida do sangue das três raças”. Comparado jocosamente ao Camões da Lisboa de 1551, pelos natalenses, era o “brigão de horas mortas”, em tudo oposto ao Itajubá romantizado.

Autêntico e popular, o seu livro *Terra Natal* (1914) seria o único poema genuinamente potiguar no período considerado. Como expressão isolada, de pouca cultura e muito talento, Ferreira Itajubá recebe os seguintes elogios de Câmara Cascudo em *Alma patrícia* (2021, p.133):

É a própria terra que canta pela sua boca rude. É o mar que se aniliza [sic] nos seus olhos tristes. No meio doentio, estranho e mórbido da Poesia em Natal, Ferreira Itajubá foi um sopro vindo das montanhas, fresco e vivificante, naquele ambiente abafado de lirismo e de pieguice. Os outros poetas [...] estavam “enfurnados na alma”. Era o eterno lamentar de traições, desesperos, falsas juras de amor, sangue e ciúmes, tudo o que se relacionasse com o coração [...]. Itajubá rasgou com a sua forte mão de jangadeiro este véu negro de melancolia



amorosa. Diante os suspiros e soluços de paixão dos poetas esguios e magros, pôs o grande amor de Branca, os cantos heroicos do desterrado, as descrições dos morros e dos mares, falou de esperanças em dias melhores. Ante o sentimentalismo romântico, abriu a janela larga dos horizontes naturais, mostrando o que é nosso, terra, céu e mar.

Após a leitura do poema *Terra Natal*, de Ferreira Itajubá, reconhecendo imperfeições e identificando como ponto alto o cenário “nosso” – mar, jangadas, pico do Cabugi, luar, morros, cajueiros e mangabeiras, areia alva, canto dolente de lenhadores, multidão desconhecida de miseráveis... –, o leitor Câmara Cascudo (2021, p. 132-133) compara Itajubá aos outros (Gothardo Neto, Auta de Souza, Henrique Castriciano) para concluir: “Só Itajubá é nosso”.

A apreciação sobre Ferreira Itajubá dá a pista para o significado de “alma patrícia”. Os qualificativos dados ao poeta parecem ter como chave de leitura o critério de julgamento do principal autor da nossa formação literária – Machado de Assis, em “Instinto de nacionalidade”, ao verificar que os seus contemporâneos “[...] buscam vestir-se com as cores do país, e não há negar que semelhante preocupação é sintoma de vitalidade e abono de futuro” – quanto ao designativo do que seria “literatura brasileira”. Com o desejo de sistematização da literatura local, para a formação de um cânone vinculado ao sistema literário nacional, Câmara Cascudo teria, certamente, lido Machado de Assis, a julgar por uma das epígrafes do *Alma patrícia*. E não é improvável que aquele leitor não estivesse atento ao ensinamento do mestre:

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assun-

tos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobreçam. O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.

(ASSIS, 1994).

O jovem Cascudo, aspirante a crítico e historiador da literatura, estaria buscando, com a designação subjetiva “alma patrícia”, uma noção do que fosse “potiguar”, “norte-rio-grandense”, para chegar, enfim à noção de “brasileiro”. O poeta Ferreira Itajubá surge, contudo, como um desafio, pois o seu comportamento não condizia com essa busca ideológica, se for autêntico o seu desejo romântico e poético: “Natal, quando eu morrer, apaga-me da lembrança”. Como pesquisador, Cascudo não desiste, não obedece à sentença do poeta erguido por ele ao cume do nosso processo formativo: “Foi este o seu trabalho. Já contei a sua vida. Que alguém melhor que eu, o julgue, e investigue os seus métodos, as suas tendências, as suas belezas e os seus erros” (CASCUDO, 2021, p. 134).

Na linha de contiguidade entre a publicação de *Alma patrícia* e a fundação da Academia Norte-rio-grandense de Letras, nada mais justo e louvável do que a publicação da segunda edição fac-similar do livro, com a organização e o patrocínio da acadêmica Eulália Duarte Barros. Louvemos, neste ano (digamos, não obstante, “pandêmico”), o lançamento da obra no espaço da Academia, evento que marcou o centenário de publicação da primeira obra cascudiana.



Referências

ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira. Instituto de nacionalidade. In: _____. *Obra Completa de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. III, 1994.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Alma patricia*: crítica literária. Organização de Eulália Duarte Barros. 2. ed. Fac-similar. Natal: [s.n.], 2021.

CASCUDO, Luís da Câmara. Registro bibliográfico: Cantadores... *A Imprensa*, Natal, 22 jan 1922.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Nosso amigo Castriciano (1874-1947): reminiscências e notas*. Recife: Imprensa Universitária, 1965.

MAMEDE, Zila. *Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual, 1918-1968; bibliografia anotada...* Natal: Fundação José Augusto, 1970. 2. v em 3.

HUMBERTO HERMENEGILDO DE ARAÚJO é poeta, escritor e professor aposentado da UFRN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Autor de diversos livros, dentre eles, “Rastejo” (romance) e “Argueirinha” (Poemas).



VIVER, CRIAR E LUTAR

Cláudio Emerenciano

Nascer. Adquirir um sentido para viver. Sonhar. Idealizar. Lutar para realizar aspirações que se apresentam, aparentemente, como adversidades intransponíveis. A coragem de um Davi para vencer um Golias que, numa espécie de miríade, em inexplicável fenômeno, como Fênix, parece ressurgir de suas próprias cinzas. A têmpera para transformar o mundo. Originalmente aquele pequeno “universo” de sua terra natal. A terra esturricada. Possuída e dominada por intensa claridade, debruçando-se ante a ternura generosa, deslumbrante, romântica e viril do crepúsculo. As brisas do entardecer se sucedem e se fundem. Parecem ventanias suaves e suplicantes, que se misturam para germinar madrugadas orvalhadas. Espécie de compensação pelo calor cáustico dos dias. Eis momentos enigmáticos, que fecundam resistências, sonhos e esperanças. Circunstâncias da formação do homem.

A pobreza do lugar não é miséria. A falta de erudição não é ignorância. Os sonhos, individuais e coletivos, substituem as limitações do meio. O menino é síntese de um cosmo sentimental, telúrico, atávico. Enriquecido e renovado pelas superações de cada dia. As idéias fervilham e explodem em cataratas, que se sucederão interminavelmente enquanto viver. Desde então se estabelece em seu espírito uma convicção inamovível: não há na vida obstáculos insuperáveis. Cria um jornal original. Singular. Escrito por ele mesmo. De um único exemplar. Que, semanalmente, é avidamente lido por cada membro da comunidade. Há uma união de todos, que passam a vivenciar o sentido da partilha: de sentimentos, idéias e sonhos. O menino, precoce, não tem infância. Tem amor e obstinação pela causa comum.

O jovem tem fé. Conheceu-a no milagre diário da vivência de cada homem, cada mulher, cada criança e cada ancião do lugar, testificando o amor ilimitado de Deus. É uma fé sem piqueice.



Que será fervorosamente desvendada pelo Padre Monte. Que lhe testemunhará, como ninguém, por toda a vida, o sentido de servir. A dimensão infinita da doação de uns pelos outros. Ainda que submetida às contradições e desafios da condição humana.

José Augusto, Eloy de Souza, Juvenal Lamartine, Câmara Cascudo e Aldo Fernandes detectam sua vocação de jornalista e servidor do povo. Estimulam e apóiam o jovem lutador. Torna-se homem público. Rompe preconceitos e consegue mobilizar Natal em favor de milhares de flagelados da seca. Possui infatigável disposição para trabalhar. Sua curiosidade intelectual é incontida. A generosidade do proprietário da Livraria Internacional, Sr. Antonio Barbosa, dá-lhe acesso, por venda a crédito, ou empréstimo, de livros de literatura, filosofia, sociologia, história e política. Era um leitor compulsivo. Durante a 2ª. Guerra Eleanor Roosevelt visita Natal. Repórter de “A República”, entrevista-a, tendo como intérprete Protásio Melo. Recebe convite para estudar em Universidade nos Estados Unidos com bolsa de estudos. Não consegue vencer a resistência dos pais. Seu destino e sua vocação estavam aqui.

A derrubada de Getúlio Vargas e o fim do Estado Novo. Deputado constituinte e, depois, federal. É o mais jovem. José Augusto o introduz no cenário nacional. Torna-se amigo de Otávio Mangabeira, Afonso Arinos, Milton Campos, Magalhães Pinto, Carlos Lacerda, San Thiago Dantas, Apolônio Salles, Tancredo Neves, Gilberto Freyre, Jorge Amado e tantos outros. Alceu Amoroso Lima, Fernando Veloso, bispos José Vicente Távora e Hélder Câmara também foram seus amigos. Assim como Odylo Costa, filho, Otto Lara Rezende, Fernando Sabino, Villas-Boas Corrêa, José Aparecido, Prudente de Moraes, neto, Roberto Marinho, Carlos Castello Branco, José Sarney, Samuel Wainer, Nelson Rodrigues, Hélio Fernandes, Luiz Lobo, Adolfo Bloch, Rubem Braga, Lêdo Ivo, Carlos Heitor Cony. Amizades que venceram o tempo e adquiriram o sentido de eternidade. A atividade parlamentar não o inibiu em atuar na imprensa do Rio de Janeiro. Militou no Diário de Notícias e no Correio da Manhã. Depois na Tribuna da Imprensa, de cuja

fundação participou com Carlos Lacerda e da qual foi seu primeiro redator-chefe (editor). Também editorialista. Era, juntamente com Murilo Melo Filho e José Sarney, uma espécie de “censor” (em termos jocosos) de Carlos Lacerda, cujos textos explicitavam seu temperamento incontido, emocional, apesar de cultura e estilo geniais. Carlos o chamava de “meu departamento da sensatez”.

Sempre lutou e inovou como deputado. Fundou a TRIBUNA DO NORTE. Governador, modernizou o Estado. Na crise da renúncia de Jânio Quadros (1961), os governadores, por unanimidade, em reunião no Palácio Guanabara, escolheram-no para articular um governo parlamentarista como Primeiro-ministro. Recusou, alegando que a Constituição do Rio Grande do Norte não previa seu afastamento sem perda do mandato. Surpreendeu os presentes, em sua maioria da UDN, ao alegar que, no sistema parlamentarista, o chefe do governo pertenceria às fileiras do partido majoritário ou da coligação majoritária. Sugeriu o nome de Tancredo Neves (PSD), notoriamente qualificado em termos éticos, morais e intelectuais. Também por ser hábil conciliador. Sua tese prevaleceu. Foi recebido na Casa Branca (Washington) pelo presidente John Kennedy, tendo como intérprete o embaixador Roberto Campos. Sensibilizou-o ao propor várias alterações à versão original da “Aliança para o Progresso”. Proscrito da vida política por militares, não se entibiu. Lutou e venceu na iniciativa privada. Conspirou pela redemocratização em 1983/85. Ministro de Estado por duas vezes. Criou a Escola Nacional de Administração Pública (ENAP). Seu último desafio, ciclópico como outros: a transposição das águas do rio São Francisco. Tornar o Nordeste uma Canaã. Foi um dos seus sonhos. Sem mandato, aos 82 anos, denunciou e propôs alterações à Reforma da Previdência, que esbulhou aposentados e pensionistas. Enquanto viveu lutou. A luta era um dínamo a movê-lo sem cansaço ou recuos. Revigorava sua índole, manifesta desde criança. Exemplo, lição e legado para todos nós: ALUÍZIO ALVES.

CLAUDIO EMERENCIANO é advogado e professor aposentado da UFRN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.



A RUA DA SAUDADE

Marcelo Alves Dias de Souza

Foi na Rua da Saudade que, pela primeira vez, dei conta da existência daquele homem. No número 1051 daquela via, por onde, ainda menino de calças curtas, vi muitos passarem para o último descanso, havia um quarto reservado para ele. Vizinho ao meu, era por minha mãe chamado de “o quarto do seu tio Aluizio”. A mobília antiga, bem ao gosto da dona casa, interagiu com um terno velho, algumas camisas e duas ou três gravatas para compor um ambiente ao modo dele, sem qualquer afetação.

O fim dos anos 70 e o começo dos 80 não foram tempos fáceis. Anistiado durante a ditadura, ele ainda carregava a marca dos 10 anos de cassação. Pelo que eu podia entender, ele não tinha casa em Natal e, como “cigano” na vida, quando aqui estava, morava conosco. E para ele, sempre que se podia, havia a galinha torrada, a coalhada e a palmatória vinda do “sertão lá do Cabugi”.

Mas não demorou muito para eu perceber a grandeza daquele homem. As conversas entreouvidas, a deferência das visitas que ele recebia, o respeito do meu pai e o amor fraternal da minha mãe, no tempo “de eu menino”, foram suficientes para incutir também em mim a reverência por aquele que já era um mito para os que testemunharam sua “cruzada de esperança”.

O ano de 1982 e a casa da Rua da Saudade transformada em comitê só consolidaram esse quase “feitiço”. Nossas vidas, de todos que ali moravam, trabalhavam ou passavam, foram tomadas pelo turbilhão daquela campanha que o levaria – assim achávamos – de volta ao Palácio da Esperança (Potengi), para garantir à “mocidade potiguar saúde e educação”. O verde dos galhos e das árvores era a cor de tudo. Até o nosso time de futebol, formado pelos meus amiguinhos da rua, vestia a camisa “Aluizio Governador”. Perde-

mos muito mais do que o futebol de rua, e ali conheci – mesmo sem entender direito – a ingratidão e a debilidade do ser humano, quando muitos daqueles amiguinhos foram proibidos após a derrota, pelos seus pais, de andar comigo, sob pena de serem todos estigmatizados como “bacuraus”. E foi só anos mais tarde, em parte pelas histórias contadas pelo meu pai sobre aquele tio que havia sido tudo e nada na vida, que entendi (e aceitei resignado) essa triste, mas tão comum, faceta da natureza humana.

Mas foi também naquela esquina da minha infância, ainda em tempos de derrota e até de assassinato de um outro tio, que vi muitos resistirem dizendo: “eu não mudei nem vou mudar”. Recompensados pela fidelidade, ainda ali eles vibraram – vibramos todos nós – com as “diretas já” e a nomeação do líder como Ministro de Estado. Ainda tenho vivíssima, na algibeira da memória, a lembrança da chegada dele à sua Natal, pela primeira vez como Ministro, para a convenção que homologaria a campanha vitoriosa do sobrinho à Prefeitura da Capital. Na minha primeira adolescência, nunca esquecerei essas festas de 1985 e 1986, quando, com ele vivo, ainda se fazia política acreditando em todos os políticos, seja a pé com a “gentinha”, seja chegando à Guarita no trem que “levava esperança”.

O tempo passou, e nós saímos da Rua da Saudade. Eu cresci. Mas a presença daquele tio em minha vida – em nossas vidas, porque falo por toda família – nunca diminuiu. Muitos foram os reencontros, tristes e alegres, até os dias dos seus últimos anos, marcados por visitas quase todas as noites, com a minha mãe, àquele que tinha se tornado a representação viva do Rei Lear. Um testemunho da genialidade do poeta que transformava em ouro literário os segredos da alma humana, mas também a prova de que Aluísio – o político, o jornalista, o homem – soube fazer de sua vida, como ninguém na história deste Estado, um poema em forma de epopeia e de tragédia. Mas isso é outra história...

Daquele tempo “de eu menino”, o que restou de herança? Um sobretudo surrado e duas gravatas que, quando posso, ainda



as uso, como se assim pudesse voltar, menino correndo atrás da bola, a morar naquela esquina. Regalos esquecidos por ele que, como poucos que conheci, quase nenhum apego tinha aos bens materiais. Mas tio Aluízio, principalmente, ao tomar o trem que um dia todos nós iremos tomar, daquela rua da minha infância ao desconhecido, deixou-me um exemplo de vida em uma estrada que percorro todos os dias com imensa saudade.

Originalmente publicado na Tribuna do Norte – em 22 de Maio de 2011.

MARCELO ALVES DIAS DE SOUZA é escritor e Procurador Regional da República. Doutor em Direito (PhD in Law) pelo King's College London – KCL .Mestre em Direito pela PUC/SP. Membro da Academia Norte-riograndense de Letras, e de outras instituições culturais.



VERÍSSIMO DE MELO: CENTENÁRIO

Francisco Martins

Estaremos comemorando os 100 anos de nascimento de Veríssimo de Melo. Um homem múltiplo, orgulho do Rio Grande do Norte. Para homenageá-lo, eu e Cirlene Maciel de Oliveira Melo, Bibliotecária que trabalha no Museu Câmara Cascudo estamos em conjunto, estruturando o livro “**O Baú de Veríssimo de Melo - Ensaio Bibliográfico**”. Muitas informações já foram apanhadas e devidamente referenciadas no trabalho que ainda será publicado esse ano.

Enquanto a pesquisa aguarda ser publicada, esse inquieto pesquisador, que também dá vida ao personagem Mané Beradeiro (poeta, cordelista) aproveitou para escrever um cordel sobre Veríssimo de Melo, o poema ganhou o título de “**Nas veredas de Veríssimo**” e será lançado agora em setembro. O folheto vai ser editado pelo selo Carolina Cartonera, com capa toda revestida em tecido e o desenho de abertura é uma releitura feita pelo artista plástico Otávio Roosevelt, capista, xilógrafo, tatuador.

Veríssimo de Melo teve seu centenário de nascimento assinalado com alguns eventos que foram feitos de forma remota, por causa da pandemia. Foram eles: Sessão Especial do Conselho Estadual de Cultura, dia 6 de julho, com palestra proferida pelo Conselheiro Diógenes da Cunha Lima¹; o Museu Câmara Cascudo- UFRN – promoveu no dia 8 de julho, a live “Deixa Vivi Viver”²; o Colégio CEI realizou com seus alunos, dentro do mês de julho, a Semana Literária Veríssimo de Melo; a Escola Municipal Erivan França, na Zona Norte de Natal, através da Mediadora de Leitura e Contadora de Histórias Dorinha Timóteo também homenageou Veríssimo de Melo.



A Comissão Norte-Rio-Grandense de Folclore, que é presidida pelo pesquisador e escritor Gutenberg Costa, não ficou de fora dessas homenagens e até lançou um cordel sobre o Centenário de Veríssimo de Melo, escrito pela poeta Josenira Holanda. No Jornal “Tribuna do Norte” encontramos material sobre Veríssimo de Melo, que está sendo semeado por Diógenes da Cunha Lima, Valério Mesquita e Woden Madruga.

A Academia Norteriogrاندense de Letras ultima os preparativos para prestar a consagração a tão importante nome da cultura brasileira.

1 – Sessão Especial do CEC/RN – Canal Direito e Cultura - Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=Zc5HaezQLI4>>

2 – Live “Deixa Vivi Viver” – Museu Câmara Cascudo – UFRN – Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=IVTfUeTa6sk>>.

FRANCISCO MARTINS é poeta cordeilista, escritor e pesquisador. Secretário Administrativo do Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte. Membro da União Brasileira de Escritores – UBE/RN, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, da Academia Norte-Rio-Grandense de Literatura de Cordel e da Academia Cearamirinense de Letras e Artes - Pedro Simões Neto (sócio efetivo).



VERÍSSIMO PINHEIRO DE MELO

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO

[09.07.1921 - 18.08.1996]

Francisco Fernandes Marinho

Filho de Graciano Melo e Maria Emília Pinheiro de Melo, nasceu na Cidade do Natal (RN), no dia 09.07.1921, e faleceu no dia 18.08.1996; cursou o Ginásio no Atheneu Norte-rio-grandense, sendo aluno do Professor Luís da Câmara Cascudo; o Pré-jurídico, no Colégio Universitário (RJ), do Padre Leonel Franca; o 1º ano, na Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica - PUC/RJ, formando-se pela Faculdade de Direito do Recife, em 1948; Chefe de Gabinete do Prefeito Sylvio Pedrosa, em 1946; 3º Juiz Municipal na Cidade do Natal, em 1951; Professor da Cadeira de Etnografia do Brasil, na Faculdade de Filosofia de Natal, da Universidade do Rio Grande do Norte - URN, por indicação do seu Mestre Luís da Câmara Cascudo; de Antropologia Cultural, e de Cultura Popular, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, aposentando-se em 1989; Procurador interino da Prefeitura Municipal de Natal; Diretor do Centro de Estudos e Pesquisas da Casa Euclides da Cunha, da Cidade do Natal, em 1951; um dos fundadores, em 1959, e Conselheiro de Redação da Revista Cactus; um dos fundadores, com José Nunes Cabral de Carvalho, Padre Nivaldo Monte e Onofre Lopes da Silva - Reitor da Universidade, do Instituto de Antropologia - I.A./UFRN, criado através da Lei nº 2.694, de 22 de novembro 1960, com as seções de Antropologia Física, Antropologia Cultural e Paleontologia, e compreendendo o estudo, a colheita documental, a sistemática metodológica, o Museu expositor, o laboratório de análises, classificações e anotações dos espécimes coletados; Diretor do Departamento de Cultura Popular, do I.A./UFRN, em 1962; Professor de Antropologia Cultural Brasileira, no Curso de



Introdução à Antropologia, criado através da Portaria do Diretor de Instituto, em janeiro de 1962; Diretor do Museu Câmara Cascudo - MCC/UFRN, criado através da Resolução nº 081/73, datada do dia 04 de outubro de 1973, e instalado com as quatro seções: Antropologia Física, Antropologia Cultural, Geologia e Paleontologia do Quaternário, e Malacologia; Diretor do Departamento de Antropologia Cultural; e Diretor dos Arquivos do I.A./UFRN, em 1964; recebeu convites para participar do XXXVI Congresso Internacional de Americanistas, integrando o Simposium de Folklore, em Madrid, Espanha, no mês de setembro; e do V Congresso Indigenista Interamericano, em Quito, Equador, em outubro de 1964; e do Deutschen Volkskunde-Kongress, em Marburg/Lahn, Alemanha, em abril de 1965; Assessor do Reitor Daladier da Cunha Lima, na UFRN; em dezembro de 1967, apresentou à UFRN o projeto para a criação de um Serviço de Antropologia Social Aplicada, junto ao CRUTAC; Membro do Conselho Estadual de Cultura - CEC/RN, nomeado por Decreto do Governador do Estado, Monsenhor Walfredo Gurgel [Jarbas Bezerra], datado do dia 16 de outubro de 1968, publicado no D.O.E., nº 1.674, de Sábado, 19 do mesmo mês, para mandato de dois (02) anos, por sorteio, realizado no dia 29 de outubro, entre 20 de novembro de 1968 e 20 de novembro de 1970; e entre 20 de novembro de 1970 e 11 de novembro de 1976; nomeado por Decreto do Governador do Estado, Tarcísio Maia [Laércio Segundo de Oliveira], datado do dia 03 de novembro de 1978, publicado no D.O.E., nº 4.461, de 15 do mesmo mês, para complementação do mandato do Conselheiro Dr. Aldo Fernandes Raposo de Melo, tendo em vista o que consta no Processo nº 0011809/78-SEC e na Ata da 460ª Sessão Ordinária, realizada no dia 03 de outubro de 1978, tomou posse no dia 20 de novembro, conforme Ata da 467ª Sessão Ordinária, do CEC/RN, para o período de 20 de novembro de 1978 a 03 de abril de 1983; reconduzido por Decreto do Governador do Estado, José Agripino Maia, datado do dia 05 de abril de 1983, publicado no D.O.E., nº 5.550, de Terça-Feira, 19 do mesmo mês, para mandato de seis (06) anos, entre 19 de abril de

1983 e 19 de abril de 1989; passou a Membro Nato, como representante da UFRN, de acordo com o Ofício nº 227/89, de 27 de abril de 1989, que encaminhou a Portaria nº 182/89, da mesma data, do Magnífico Reitor Daladier da Cunha Lima, mediante os termos do Parágrafo 2º, do Artigo 5º, da Lei nº 5.852, de 30 de dezembro de 1988, publicada no D.O.E., de 31 do mesmo mês, que alterou a Lei nº 4.923, de 17 de dezembro de 1979, tomou posse no dia 27 de abril de 1989, e permaneceu até o dia 15 de maio do mesmo ano; nomeado por Decreto do Governador do Estado, Geraldo José de Melo [Luiz Eduardo Carneiro Costa], datado do dia 11 de maio, publicado no D.O.E., de 13 do mesmo mês, para mandato de seis (06) anos, retroagindo os efeitos para o dia 20 de abril, tomou posse no dia 16 de maio, para o período de 20 de abril de 1989 a 20 de abril de 1995; ocupou a Vice-Presidência, na gestão do Conselheiro Américo de Oliveira Costa, no período de 30 de junho de 1983 a 27 de setembro de 1984; e a Presidência nos seguintes mandatos: eleito no dia 27 de setembro, com 7 votos, tomou posse no dia 29 do mesmo mês, permanecendo, sucessivamente, até o dia 29 de setembro de 1986; de 14 de outubro de 1986 até o dia 13 de outubro de 1988; e de 14 de outubro de 1988 até o dia 13 de outubro de 1990; reeleito, por aclamação, no dia 23 de outubro, permaneceu até o dia 23 de outubro de 1992; reeleito, no dia 27 de outubro, permaneceu no cargo até o seu falecimento, quando foi substituído, na Presidência do CEC/RN, pelo Conselheiro Cláudio José Freire Emerenciano, no dia 27 de agosto de 1996; no dia 08 de maio de 1969, apresentou a sugestão para que se fizesse um levantamento da bibliografia básica norte-rio-grandense; no dia 22 de maio do mesmo ano, *“sugeriu à Comissão de Literatura e Ciências Sociais, a publicação da obra do poeta Jorge Fernandes, tendo em vista a sua importância para a corrente modernista brasileira e visando levar os conhecimentos das novas gerações o que foi legado por aquele vulto, cuja contribuição ao modernismo brasileiro é inteiramente reconhecida”*; com o título *“Livro de Poemas e Outras Poesias, de Jorge Fernandes”*, sob a organização, introdução e glossário do próprio Conselheiro, incluindo “40 po-



esias inéditas”, foi publicado pelo Plano Editorial da Fundação José Augusto, em 1970; e no dia 1º de julho, apresentou as “*Reformulações das Comissões do Conselho Estadual de Cultura*”, constantes no Processo nº 03/69, através do Parecer nº 05/69; Membro da Comissão de Folclore do Rio Grande do Norte, da Cidade do Natal, filiada à Comissão Nacional do IBEC; participou do Simpósio de Folclore e Turismo, realizado no Pavilhão de Geografia e História da Cidade Universitária, na cidade de São Paulo (SP), entre os dias 23 e 28 de agosto de 1970, com o objetivo de estudar os meios de divulgação do folclore em relação ao turismo cultural, “*sem que aquele perca a sua verdade essencial - a liberdade criadora do artista popular, - sem comercializá-lo ou deformá-lo*”; o trabalho do Professor Veríssimo de Melo constou de uma “notícia” sobre a geo-região nordestina seguida da apresentação das principais manifestações folclóricas que interessavam ao turismo e que foi dividida em Artes Rítmicas, Artes Plásticas, Comidas e Bebidas e ilustrada por cerca de 70 slides, além dos dispositivos apresentados, como ex-votos, esculturas populares, santos, oratórios e cerâmica; divulgou, também, vários trabalhos de Newton Navarro, Dorian Gray Caldas, Manxa e das coleções de Carlos José, Iaponi Araújo, Osvaldo de Souza e do próprio Conselheiro; do 1º Congresso Brasileiro de Folclore, realizado no Rio de Janeiro, em 1971; proferiu a Palestra “*Contribuição do Nordeste ao Movimento Modernista*”, a convite da Diretora da Biblioteca Pública do Estado da Paraíba, Professora Márcia Steinbach Silva, sendo saudado pelo escritor e crítico Virgínius da Gama e Melo, no dia 29 de novembro de 1971; “*Literatura de Cordel - singularidade e fenômeno folclórico no Brasil*”, no I Congresso Internacional de Folclore Ibero-americano, em Santiago del Estero, na Argentina, sendo eleito Vice-Presidente, em setembro de 1980; “*Antecipação de Gilberto Freyre ao Manifesto Regionalista de 1926*”, durante as “Comemorações dos 80 anos de Gilberto Freyre”, na Academia Pernambucana de Letras, no Recife, em 1981; “*O Natal no Folclore*”, no Arquivo Público Estadual, no Recife, no dia 21 de dezembro de 1982; “*Literatura de Cordel*”, na Semana do Folclore, no Teatro Nacional de Brasília (DF), no



dia 24 de agosto de 1983; Presidente da Comissão Julgadora do Prêmio “Alberto Maranhão” - Concurso de Monografias sobre Alberto Maranhão, o Homem e a Obra, instituído pelo CEC/RN, em 1972; Membro da Comissão de Publicação, quando da proposição da aprovação do Plano de Estruturação do Conselho, na Presidência do Conselheiro Diógenes da Cunha Lima, de acordo com a Ata da 4ª Sessão Extraordinária, realizada no dia 15 de maio de 1973; em 1974, fez, no CEC/RN, um *“relato sobre a transposição do Marco de Touros para a Cidade do Natal”*; publicou, com incentivos do CEC/RN, o *Calendário Cultural e Histórico do Rio Grande do Norte*, através da Companhia Editora do Rio Grande do Norte - CERN, em 1976, *“dedicado ao Prof. João Faustino Ferreira Neto, Secretário de Educação e Cultura do RGN, e ao Prof. Onofre Lopes da Silva, Presidente do Conselho Estadual de Cultura do RGN, pelos incentivos que proporcionaram à publicação”*, com prefácio intitulado *“Abrindo o Livro”*, de Luís da Câmara Cascudo, datado de outubro de 1975; indicado pela Presidência do CEC/RN, no dia 01 de julho de 1976, para Delegado junto às instituições culturais, com o objetivo de organizar as comemorações do Centenário do Nascimento da Poetisa Auta de Souza; foi apresentado por Luís da Câmara Cascudo a grandes folcloristas de renome mundial, como Raffaele Corso, da Itália; Smith Thompson, dos Estados Unidos; Augusto César Pires de Lima, de Portugal; Menéndez Pidal e Castillo de Lucas, da Espanha; Félix Coluccio, da Argentina; participou de vários congressos e festivais de Folclore, no Brasil, ministrando cursos e realizando palestras, em várias universidades brasileiras; apresentou a proposta da criação do prêmio literário anual, na Reunião do dia 25 de junho de 1981, com o Regulamento da sua autoria, entregue no dia 30 de junho e lido na Sessão Ordinária do dia 11 de agosto; Coordenador do Seminário de Tropicologia da UFRN, em 1985; no dia 12 de abril de 1989, quando das comemorações da maioria, na qualidade de Conselheiro e Presidente, escreveu, para o Caderno 2 Pontos, de 22/24 de abril de 1989, p. 7, um *“Breve relato dos 21 anos do Conselho Estadual de Cultura”*: *“O Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte*



- hoje comemorando sua maioria - foi instituído pelo Decreto nº 4.793, de 4 de abril de 1967, do Governador Mons. Walfredo Gurgel, referendado pelo então Secretário de Estado de Educação e Cultura Dr. Jarbas Bezerra. / Tudo foi decorrência da criação do Conselho Federal de Cultura, órgão do Ministério da Educação e Cultura, que determinava a criação dos Conselhos Estaduais de Cultura como órgãos de assessoria consultiva das respectivas Secretarias de Educação e Cultura. / A posse do primeiro Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte verificou-se no dia 24 do mesmo mês de abril de 1967, sob a presidência do Governador Mons. Walfredo Gurgel. Constituído por sete membros, eis os nomes dos primeiros ocupantes deste Conselho: Luís da Câmara Cascudo, Américo de Oliveira Costa, Alvamar Furtado de Mendonça, D. Nivaldo Monte, Dorian Gray Caldas, João Batista Cascudo Rodrigues e Ilma Melo Diniz. / Todavia, foi a Lei nº 3.691, de 30 de outubro de 1968, que criou o Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte, dando-lhe atribuições e aumentando de sete (7) para 12 (doze). Todos - diz a Lei - nomeados pelo Governador do Estado "dentre personalidades eminentes da cultura". / Promulgou-a o então Vice-Governador, em exercício, Dr. Clóvis Mota, referendada pelo Secretário de Educação e Cultura Dr. Jurandyr Navarro da Costa. / Sete anos depois, foi promulgada a Lei nº 4.469, de 10.07.1975, alterando dispositivos da Lei nº 3.691, de 30 de outubro de 1968, promulgada a Lei nº 4.469, de 10 de julho de 1975, alterando dispositivos da Lei nº 3.691, de 30 de outubro de 1968, promulgada pelo Governador Tarcísio Maia e referendada pelo Secretário de Educação e Cultura Dr. João Faustino Ferreira Neto. / O Decreto nº 6.946, de 1 de setembro de 1976, com a retificação do D.O.E. de 10 de outubro de 1976, aprovou o Regimento do Conselho Estadual de Cultura, ainda em vigor. / Durante estes vinte e um anos de sua existência, o Conselho Estadual de Cultura/RN teve vários presidentes, a saber: Dr. Jarbas Bezerra, Dr. Alvamar Furtado de Mendonça, Dr. Diógenes da Cunha Lima, Dr. Onofre Lopes da Silva e o atual ocupante. Sem desmerecer os demais, destacamos a situação do saudoso Prof. Onofre Lopes à frente deste colegiado, por sermos testemunhas do seu trabalho e seu vice-presidente no último mandato.

Com a mesma correção e dedicação com que se houve na Reitoria da UFRN, Onofre Lopes soube conduzir o colegiado com extremo zelo, tendo deixado marcas indelévels de sua passagem por esta casa. / Com o seu desaparecimento, já durante a nossa gestão, promovemos, com apoio unânime do Conselho, a homenagem a que tinha direito, dando-lhe seu nome ilustre a esta sala de reuniões. / O Conselho Estadual de Cultura/RN durante estes anos tem tido atuação constante em todos os movimentos de cultura do Estado - o que poderá ser constatado facilmente através da leitura de suas atas. / Como órgão de assessoria para os assuntos da cultura junto à Secretaria de Educação e Cultura, não dispomos de verbas próprias para publicação de livros, revistas ou outras iniciativas que envolvam gastos públicos. Nem por isso deixamos de concorrer com o nosso apoio e estímulo - solicitados ou não - ao desenvolvimento cultural da nossa terra, através de copioso expediente remetido ou mesmo presença pessoal de vários de seus membros a reuniões estaduais ou nacionais. / Sem pretender arrolar muito do que aqui se tem feito, registramos, todavia, que o disciplinamento dos nomes de ruas, logradouros públicos e toponímia em geral do Estado - em consonância com a Câmara de Vereadores de Natal e Assembleia Legislativa do Estado - foi fruto de laboriosa Resolução deste Conselho. O tombamento e estímulo à restauração de prédios e monumentos antigos do Estado - também tem tido a permanente cooperação deste colegiado. Ultimamente, uma das iniciativas deste Conselho pela sua importância, foi, sem dúvida, o expediente que entregamos pessoalmente ao Exmº Sr. Governador Geraldo Melo, solicitando urgentemente a salvação do Parque das Dunas, que vem sendo impiedosamente desmatado e invadido por parcelas da população. / Em linhas muito gerais, este é o Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte, ao qual servimos com muita honra, ao lado dos ilustres conselheiros que o integram, todos cõscios do permanente propósito de servir à nossa terra na área do seu desenvolvimento cultural. / Seria injustiça não consignarmos, neste instante, o agradecimento do Conselho aos Exmos. Srs. Governadores do Estado e seus respectivos Secretários de Estado de Educação e Cultura que o criaram e têm apoiado todos os nossos vinte e um anos. Ao saudoso Mons. Walfredo Gurgel, ao inesquecível amigo



Dr. Clóvis Mota, aos Drs. Tarcísio Maia, Lavoisier Maia, José Agripino Maia e Geraldo Melo - registramos o nosso reconhecimento”; Vice-Diretor do MCC/UFRN, em 1981; iniciou-se no jornalismo no jornal A República, como revisor, redator, repórter, cronista diário; publicou no Jornal do Comércio; no Jornal Pequeno; e no Diário de Pernambuco, entre 1948/49; na revista Nordeste, em 1961; na Região, do Recife (PE), em 1948; Jornal da Manhã; e Arquivo Municipal de São Paulo (SP); Notícias Culturais, de Fortaleza (CE); Mutirão Cultural (GO); no Rio Grande do Norte, publicou na Tribuna do Norte; em O Poti; no jornal Dois Pontos, com a coluna “Páginas de Letras”; nos Arquivos do Instituto de Antropologia (MCC/UFRN), entre 1964/65; no Correio Brasiliense (DF); na Revista Clá; BANDO - Órgão da Casa Euclides da Cunha, fundada por ele, Hélio Galvão, Manoel Rodrigues de Melo, Raimundo Nonato da Silva, Luís Patriota e João Alves de Melo, com circulação até 1959; o artigo *A nossa arte popular*, no número “1” da Revista “Província”, do Serviço Cultural da Secretaria de Educação e Cultura, sob a Direção da Professora Ilma Melo Diniz, em 1967; Crítica - Política & Letras; Revista Douro-Litoral, no Porto; Etnografia de Nápoles; Investigaciones Folklóricas, na Argentina; Dialectología e Tradiciones Populares, na Espanha; Caderno de Etnografia, em Portugal; um dos fundadores e Membro do Conselho de Redação da Cactus - Revista de Cultura; autor do verbete “Brezilien”, sobre o conto folclórico no Brasil, na Enzyklopadie des Marchens, Berlim, Alemanha; Editor da Revista Norte-rio-grandense de Folclore, com o patrocínio da Fundação Nacional de Arte / Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (DAC/MEC), em 1978; poeta, violonista e compositor; em parceria com Oriano de Almeida compôs “Cajueiro” (Oriano interpreta Oriano - UFRN, Projeto Memória 2); com Hianto de Almeida, “Coisa boa” (Floração - UFRN, Projeto Memória 3) e “Caju nasceu pra cachaça” (Hianto revivido - UFRN, Projeto Memória 21); e com Diógenes da Cunha Lima, “Assunto pessoal” (Canção para Natal - UFRN, Projeto Memória 3), “Brinco de amor” (Floração - UFRN, Projeto Memória 3) e “Encanto da Noite” (Mangaba -

UFRN, Projeto Memória 28); saudou o Acadêmico Newton Navarro Bilro, na posse da Cadeira nº 37, do Patrono Jorge Fernandes, da Academia Norte-rio-grandense de Letras, no dia 26 de outubro de 1967; e o Acadêmico João Medeiros Filho, na posse da Cadeira nº 36, do Patrono Benício Filho, da Academia Norte-rio-grandense de Letras, no dia 27 de agosto de 1971; recebeu o 2º Prêmio, no Concurso Nacional de Monografias do Folclore Brasileiro, em 1949, com o ensaio *“Rondas Infantis Brasileiras”*; e no 6º Concurso Nacional de Monografias sobre Folclore (SP); 2º Prêmio - “César Lates”, no concurso de monografias sobre a Vida e a Obra de Albert Einstein, da Universidade Federal de Alagoas, com *“Albert Einstein - o Humanista”*; a Palestra *“foi lida para estudantes e professores da Faculdade de Ciências Econômicas de Campina Grande, médicos e estudantes da Maternidade-Escola ‘Januário Cicco’ e Faculdade de Medicina da UFRN, atendendo convites, respectivamente, dos professores Moacir Vasconcelos, Leide Morais e Gilberto Wanderley”*; *“no dia 14 de março de 1979, - data do centenário, - foi lida ainda no Instituto ‘Joaquim Nabuco’ de Pesquisas Sociais, do Recife, em atendimento ao convite do seu presidente, dr. Fernando Freyre”*, e publicada no número 38, da revista alemã “Humboldt”, em Munique, Alemanha, em fins de 1978; para Vingt-un Rosado *“Veríssimo deve ser considerado como a mais eminente culminância do folclore infantil no Brasil”* [ROSADO, Saudade ..., 2001, p. 11]; entre os seus críticos, destacam-se: Abimael Silva, Ângela Cruz, Archer Taylor, Arthur Ramos, Ascendino Leite, Basílio de Magalhães, Bronte Whit (Dr.), Carlos Drummond de Andrade, Carlos Roberto Melo de Andrade, Carmen Calado, Cassiano Nunes, Cecílio Lopes, Daladier Pessoa Cunha Lima, Danúsia Bárbara, Deífilo Gurgel, Diógenes da Cunha Lima, Dorian Jorge Freire, Enéas Athanázio, Epitácio Soares, Eugênio Pereira Sales, Garibaldi Alves Filho, Genival Rabelo, Gilberto de Mello Kujawski, Gilberto Freyre, Guarino Alves, Gustavo Barroso, Hélio Alves, Hildegardes Vianna, J. C. Marques, Jaime Hipólito Dantas, Jaime Lopes Dias, João Batista Pinheiro Cabral, Joaquim Inojosa, Jorge O’Grady de Paiva (Padre), José Alexandre Garcia, José Lins do



Rêgo, José Manuel da Nóbrega, Luiz Romano, Manoel Onofre Júnior, Manoel Rodrigues de Melo, Maria de Lourdes Fernandes da Nóbrega, Mário Sette, Miss Maud Karpeles, Moacyr C. Lopes, Múcio Leão, Nélson de Araújo, Newton Navarro, Nilo Pereira, Nílson Patriota, Osvaldo Sangiorgi, Osvaldo Lamartine de Faria, Paul G. Brewster, Paulo Augusto, Paulo Nunes Batista, Peregrino Júnior, Plínio Doyle, Protásio Melo, R. Menéndez Pidan, Rafael Jijena Sanchez, Ralph Steele Boggs, Renato Almeida, Roquette Pinto, Rossini Tavares de Lima, Sanderson Negreiros, Silvino Lopes, Umberto Peregrino, Valério Mesquita, Vicente Serejo, Victor Varas Reyes, Wellington Faria, Wilson Lins, Yapery de Brito Guerra; Paraninfo Geral da Solenidade Única das Turmas de Colação de Grau, da UFRN, do 1º Semestre de 1987, realizada no dia 18 de setembro, com a escolha do nome aprovada pela Resolução nº 127/87-CONSEPE, datada do dia 18 de agosto; recebeu a Medalha Imperatriz Leopoldina, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo - IHGSP, em 1958; Marechal Rondon (SP); e Brigadeiro Couto de Magalhães (SP), em 1962; a Medalha Cultural José Bonifácio, instituída pelo Decreto nº 2.487, de 14 de abril de 1963, da Prefeitura Municipal de Santos (SP); Nina Rodrigues (SP); e Vital Brasil, do Governo do Estado de São Paulo, em 1963; a Menção Honrosa no Concurso Nacional Prêmio Thomas Mann, com *“Itinerário da contribuição germânica à Antropologia Brasileira”*, promovido pela Embaixada da Alemanha e a UBE/RJ, no Rio de Janeiro, em outubro de 1973; o Diploma do Mérito da Educação e Cultura (RN); a Medalha Auta de Sousa, de Macaíba (RN); e da Educação, da Prefeitura Municipal da Cidade do Natal (RN), em 1974; Alberto Maranhão (RN), em 1975; Martin Afonso de Sousa, do IHG Guarujá-Bertioga (SP), em 1982; José Veríssimo, da Academia Paraense de Letras, em 1987; Grande Oficial do Mérito de Santo Amaro, no Grau de Cavaleiro (SP); o Mérito Presidente Tancredo Neves (SP); a Ordem do Mérito Consular, no Grau de Comendador; Placa de Ouro, da Casa da Música, da Cidade do Natal; da União Brasileira de Escritores - UBE/RJ; e Personalidade do Ano - 1988; Mérito Fundação Joaquim Nabuco

(PE), em 1989; Diploma e Medalha de Amigos da Marinha, em 1990; o Mérito Maçônico, da Loja Padre Miguelinho, em 1991; Medalha José Maria dos Santos (PB); e Homenagem Especial, da Associação Comercial (RN), em 1992; Patrono da Escola Cívico-Militar Municipal de Ensino Fundamental II, localizada no bairro Felipe Camarão, na Cidade do Natal (RN); Prêmio Literário, promovido pela UBE/RN, sobre ensaios folclóricos publicados entre 2000/01; Membro Correspondente de Amigos del Arte Popular, de Buenos Aires, em 1949; da Academia Alagoana de Letras; do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas - IHGAL, em Maceió; da Sociedade Folklorica da Bolívia; e da Asociación Tucumana de Folklore, da Argentina, em 1950; da Sociedade Folklorica de México, em 1951; da Asociación Española de Etnologie y Folklore, de Madri, em 1952; Sócio Honorário do Instituto de História, Etnologia y Folklore, de Tucumán, na Argentina, em 1953; Correspondente da Sociedade Peruana de Folklore, de Cuzco, em 1954; Conselheiro da Sociedade Luso-Brasileira de Etnologia, do Rio de Janeiro, em 1955; Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ocupou a Cadeira nº 12, do Patrono Amaro Cavalcanti, fundada por Juvenal Lamartine, eleito no dia 23 de agosto de 1956, tomou posse no dia 27 de julho de 1957; Correspondente do Instituto Cultural do Oeste Potiguar - ICOP, de Mossoró (RN), em 1957; Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, em 1965; da Sociedade Internacional d'Ethnologie et Folklore, de Liège, Bélgica, em 1966; da Associação Brasileira de Folclore, de São Paulo (SP), em 1968; Acadêmico Honorário da Academia Diocésia, da Cidade do Natal, em 1974; Membro Correspondente da Academia Sergipana de Letras; e Pernambucana de Letras, em 1975; Acadêmico do Atheneu Angraense de Letras e Artes, de Angra dos Reis, em 1976; Membro Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, em 1977; Efetivo da Academia de Letras e Artes do Nordeste Brasileiro, da cidade do Recife (PE), em 1978; Correspondente da Academia Sorocabana de Letras (SP); e do Instituto Cultural do Vale Cariariense, em 1980; da Academia Espírito-san-



tense de Letras; Cearense de Letras; Honorário da Associação Brasileira de Folclore (SP); e Correspondente do IHG do Espírito Santo, em 1981; do IHG de Santa Catarina, em 1983; da Academia de Letras de Campina Grande (PB), em 1984; da Academia Petropolitana de Letras (RJ); e do Instituto de Estudos de Folclore, de São Paulo (SP), em 1988; Efetivo da Academia Norte-rio-grandense de Ciências, ocupou a Cadeira nº 09, do Patrono Luís da Câmara Cascudo, tomou posse, na Academia Norte-rio-grandense de Letras, no dia 02 de junho de 1989; Correspondente do Instituto Histórico de Petrópolis, em 1989; da Academia Santista de Letras (SP); e Sócio Benemérito da Associação Cultural Franco-brasileira - Aliança Francesa, da Cidade do Natal, em 1991; Membro Correspondente da Academia Mossoroense de Letras (RN); Sócio Efetivo da Academia de História do Amazonas, em 1992; Membro Correspondente da Academia Santense de Letras; e Sócio Efetivo da Academia Amazonense de Letras, em 1993; Membro Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Goiás; e do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal, de Brasília, em 1994; de la Comisión Internacional Permanente de Folklore, de Buenos Aires, em 1996; da Associação Brasileira de Antropologia (RJ); Sócio Efetivo da Associação Brasileira de Museologia (RJ); Membro Correspondente da Academia Paranaense de Letras; e Efetivo da Sociedade Brasileira de Folclore, da Cidade do Natal, fundada no dia 30 de abril de 1941; Correspondente da Sociedade de Geografia e História do Ceará; e Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte - IH-GRN, eleito no dia 29 de março de 1959, tomou posse no dia 05 de abril do mesmo ano; no Elogio fúnebre, intitulado *“Em memória de Veríssimo Pinheiro de Melo”*, proferido na Academia Norte-rio-grandense de Letras, no dia 30 de setembro de 1998, afirmou o Acadêmico João Batista Pinheiro Cabral: *“A Academia Norte-rio-grandense de Letras presta nesta noite, com profunda reverência, a homenagem devida à memória de um homem plural. De um acadêmico que soube, escrevendo aos sábios fazer-se, também, entender pelos humildes; que escreveu sobre Albert Einstein e Zé Areia; sobre Miguel*

Torga e Luiz Tavares, sem qualquer prejuízo para a excelência acadêmica de sua obra” (Revista, 29 (41): 141/150, 1999).

BIBLIOGRAFIA: Adivinhas, 1948; Acalantos; Parlendas; e Superstições de São João, 1949; ____, 2002; Três Aspectos da Superstição Brasileira; e Adagiário da Alimentação, 1950; O Cavalo no Adágio Brasileiro; Alcnhas do Brasil e de Portugal; e As chuvas na Tradição Popular, 1951; ____, 1986; Curiosos Aspectos da Poesia Tradicional; História de Amor em Quadrinhas; e Paremiologia Jurídica Brasileira, 1952; Rondas Infantis Brasileiras; e O Ataque de Lampião a Mossoró através do Romanceiro Popular (Palestra lida no Rotary Club de Natal), 1953; ____, através da Literatura de Cordel, 4ª edição, 1983; ____. 5ª edição fac-similar, 1999; ____, através do Romanceiro Popular [Edição fac-similar], 2007; O Folk-Lore n’Os Sertões; e Pasárgada e São Suaré [Literatura de Cordel], 1955; Inácio da Catingueira; Jogos Populares do Brasil; e Apresentação do Babelô, 1956; Populário Natalense, 1957; Assimilação e Aculturação de Japoneses no Brasil, 1959; [In: Ensaios de Antropologia Brasileira, 1973]; e Pequena Antologia do Humor Natalense, 1959; ____, 2003; Gestos Populares, 1960; Cantador de Viola; e Chico Santeiro, escultor Popular, 1961; ____, 1966; Garrafas de Areia do Tibau, 1962; [In: Xarias e Canguleiros, 1968]; ____, 1983; ____, 2006; Arte Popular; Ex-votos da Capela de Zé-Leão; Festa de Nossa Senhora do Rosário (dos Pretos) em Jardim do Seridó; N. S. dos Impossíveis - A maior devoção popular do Rio Grande do Norte; Folc-Música Natalense; e Dois Poetas do Nordeste (Jorge Fernandes e Ascenso Ferreira), 1964; Folgedos Populares (Natalinos), 1965; [Xarias e Canguleiros, 1968]; Babelô - Sobrevivência Negra no Nordeste, 1966; Calendário das Devoções Populares no Rio Grande do Norte, 1966; [In: Calendário Cultural e ..., 1976]; Xico Santeiro, 1966; [In: Revista de Etnografia, 15/1967]; [com Zila Mamede, 2009]; CRUTAC: “... uma edificação na mente e nos corações humanos”; e A nossa arte popular, 1967; Xarias e Canguleiros. Ensaios de Folclore e Antropologia



Social Aplicada, 1968; Livro de Poemas de Jorge Fernandes (Organização, introdução e glossário); e Coexistência de Nações Indígenas no Alto Xingu, 1970; [In: Ensaios de Antropologia Brasileira, 1973]; Antropologia e História; Contribuição do Nordeste ao Movimento Modernista (Palestra realizada no dia 29.11.1971), 1971; _____. [I - O Pensamento Acadêmico sobre vários temas. Revista da ANL, 36 (24): 11/26, 1993]; Sátiras e Epigramas de Zé Areia, 1972; _____. 2ª edição, 1979; _____. 3ª edição, 1982; _____. 4ª edição, 2001; _____. [Fac-símile da 2ª edição], 2007; Natal há 100 anos passados, 1972; ____, 2007; Patronos e Acadêmicos. Academia Norte-rio-grandense de Letras: Antologia e Biografia, vol. 1: Patronos, 1972; ____, vol. II: Acadêmicos, 1974; Heitor Villa-Lobos, 1973; Humanismo e Tradição (Ensaios e Palestras); e Jorge Fernandes Revisitado, 1982; Ensaios de Antropologia Brasileira, 1973; O conto folclórico no Brasil; e Calendário Cultural e Histórico do Rio Grande do Norte; A Viagem de Volta de Edgar; e Origens da Literatura de Cordel, 1976; Algumas Fontes para o Estudo da Medicina Popular, 1977; Folclore Brasileiro - Rio Grande do Norte; Brezilien (Verbete) [In: RANKE, Kurt. Enzyklopädie des Märchens, Berlim, Alemanha]; e Antídio Azevedo: Poeta e Trovador. I. Discurso de posse do Acadêmico Antônio Soares; II. Discurso de Saudação do Acadêmico Veríssimo de Melo; III. Autobiografia de Antídio Azevedo, 1978; Cascudo em dois tempos: o Professor, o Epistológico; e Albert Einstein - o Humanista (Palestra), 1979; [Humboldt, 38. Munique, Alemanha, 1979]; Um jornal e uma época - Relembrações, 1979/80; Literatura de Cordel - Problemas e sugestões, 1980; [In: Ensaios de Antropologia Brasileira, 1973]; Princípios e Metas da Antropologia Cultural; e Folclore Infantil: Acalantos, Parlendas, Adivinhas, Jogos Populares e Cantigas de Roda, 1981; ____, 1985; O gigante Luiz Tavares [1982]; _____. [Fac-símile], 2007; Visita do Papa ao Brasil, através da Literatura de Cordel, 1982; ____, 3ª edição, 1991; Raul Fernandes na Academia Norte-rio-grandense de Letras (Discurso de posse do Acadêmico Raul Fernandes, na cadeira nº 14, e Saudação pelo Acadêmico Veríssimo de Melo. Academia Norte-rio-grandense de

Letras. Solenidade realizada no dia 25.08.1983), 1983; _____. [Fac-símile / Separata], 1988; Aspectos da Religiosidade Nordestina no Cordel; e Humor dos Flagelados: A Sabedoria Popular como estratégia de resistência dos flagelados da seca, 1984; O livro, a língua e a Universidade na ótica de Ortega y Gasset; 30 de setembro - gesto de grandeza em favor da abolição; e Tancredo Neves na Literatura de Cordel, 1986; Universidade e Humanismo (Discurso de Parainfo Geral das turmas da UFRN, proferido no dia 18.09.1987); e Villa-Lobos: Centenário (Palestra), 1987; A obra folclórica de Cascudo como expressão do movimento modernista no Brasil. (Elogio do Patrono: Academia Norte-rio-grandense de Ciências - ANOCI, no dia 02.06.89), 1989; _____. 2ª edição, 1998; Cartas de Ascenso Ferreira a Veríssimo de Melo (Introdução e anotações). Também cartas de d. Stella Griz Ferreira; e Dicionário de Espírito e Humor dos Velhos Amigos, 1989; Homenagem da Cidade do Natal (24.08.1990) (Coletânea); Doze depoimentos sobre mestre Cascudo, 1990; Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo (Introdução e Notas), com Mário de Andrade e Câmara Cascudo; Cascudo e Mário de Andrade (Artigo), 18.08.1991; Síntese Cronológica da UFRN: 1958-1988, 1991; ____, com Carmen Calado: 1958/2017, I, II e III, 2018; Centenário da Associação Comercial do Rio Grande do Norte: 1892-1992. Memória Histórica; Dos grandes, um pouco (1º Pacote Literário): Simões Lopes Neto, Luís da Câmara Cascudo, Ortega y Gasset, Carlos Drummond de Andrade, Octávio Paz, Ascenso Ferreira, Nísia Floresta, Rubem Braga, Miguel Torga, Nelson Rodrigues; e Nilo Pereira - Cartas de emoção e de humor, 1992; Faça-se a Luz. Contribuição à História da Energia no Rio Grande do Norte: o papel da CO-SERN; e Waldemar de Almeida: 90 anos de saudade, 1994; Cartas & Cartões de Oswald Lamartine, 1995; Medicina popular num mundo em transformação, 1996; Joaquim de Fontes Galvão, ou o Guerreiro do Magistério Potiguar no Memorial dos Mossoroenses (Coletânea), 2003.



Referência bibliográfica: CÂMARA, Leide. *Memória Acadêmica*, 2017; CASCUDO, Luís da Câmara. *Prefácio* (Acalantos), 1948 [Folclore Infantil: ..., 1985]; ENCICLOPÉDIA da Música Brasileira: erudita, folclórica, popular, 1977; FRIAS, Lena. *O Poeta de Cordel é um Conservador* [Entrevista], 08.07.1978; MELO, Veríssimo. Patronos e Acadêmicos. Academia Norte-rio-grandense de Letras - Antologia e Biografia, II: Acadêmicos, 1974; ROSADO, Jerônimo Vingt-Un. Saudade de Veríssimo, 2001 [CM: "C"/1.195/2001].

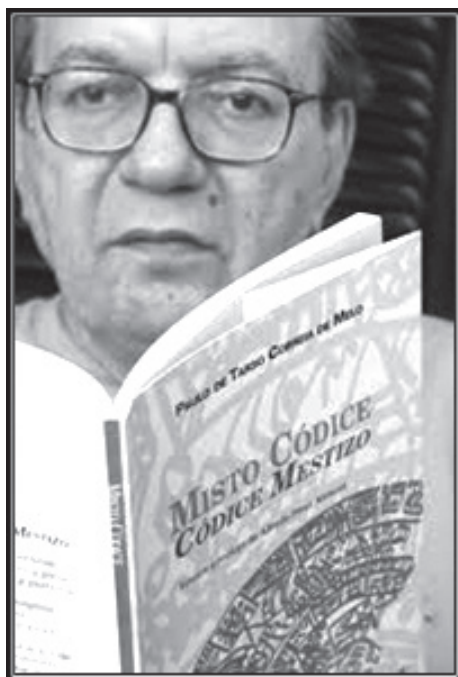
1 Verbetes: MARINHO, Francisco Fernandes. GUARDIÃES DA HISTÓRIA - Galeria dos Sócios do IHGRN, II [Inédito].

FRANCISCO FERNANDES MARINHO é escritor, pesquisador e professor aposentado da UFRN. É autor de "Bibliografia do Rio Grande do Norte" e outros livros.



CONFIDÊNCIAS A PAULO

Clauder Arcanjo



*O poema vem de longe e de perto, chega
de mil antanhos e lugares
poças d'água e gregos mares
o poema navega.*

Em tuas estrofes, Paulo de Tarso, homem do “Princípio”, a Grécia se revela, versos de luminosa Paideia. Como se uma nova Odisseia despontasse nas veredas potiguares, entoada por cantigas de terras lusas e hispânicas, no latejar de mil acalantos — guia de tantos natais e de cordiais folhetins.



Paulo, teu poema navega em rasos e fundos açudes, em mares nunca vistos nem cantados, por entre penínsulas ainda sonhadas, em barcos-sonetos — benditos guardados, dentro de rimários de antigos manuscritos.

Paulo, teu poema sulca e cintila, “guarda sangue e mágoa / e santos óleos”, e o céu (na boca dos homens) mais se extasia.

*O poema esteve onde sempre estive:
ao alcance da mão,
sob todos os passos,
o poema vive.*

Teus versos, “Arte poética”, traz novidanças num ofertório novo, louvores em construções de alabastro e anil. Ao te ouvirmos, ficamos, cativos e pasmos, frente ao portal de tantas construções líricas. Se é dia, Paulo, no Sol te leremos; se se faz noite, na escuridão tu (e tudo) nos clareará. “Caminho para a beleza / e em beleza termino.”

No escuro silêncio,
balbucia e espera o clarão
da descoberta.

&&&

*Forma de cântaro d’água
o torso de hoje tem.
O barro humano sem trégua
refaz a marca de ontem*



— Paulo de Tarso, no torso de teu poema, obra de barro e luz, a trégua e o banal não fazem morada. Não as fazem, porque o halo divino o instiga e, enquanto a marca de ontem nos aguça, o hoje do poemário anuncia o seu principado de ousadias e humanos cantares.

No cântaro do verso, água nunca serenada, o leitor se sacia, e se embriaga, profundamente.

Logo em seguida, vê:

*no corpo que outra língua
fala e sem saber carrega
na cintura uma curva
de ânfora grega.*

Paulo, a “ânfora grega” (na poética do teu flamar) pode ser uma bilha, uma bica ou um simples pote. Depende da artesanaria do tempo, e da nesga precisa do teu corte. No vinco de cada curva-palavra, o tempo a recobre de fôrma e linho; em retilíneo labutar, o corpo-verbo se faz esnober, em nobres estrofes.

*Sopro divino apressado
deixou a marca de jarro*

&&&

*Vêm na véspera da morte,
ficam logo nus em pelo.*



*Vêm como gado pro corte,
a maior parte é donzelo.*

Alguns leitores de Poesia entregam-se, com o espírito nu em pelo, ao destino primeiro do poema. Nos arredores — almas donzelas —, entregam-se ao coito da primazia. Enquanto copulam sobre as estrofes, os donzelos leitores urram como se em êxtase infinito. Calma, leitor, a Poesia é uma dama de lances traquinas. Esconde a melhor parte, enquanto oferta a carne menos nobre na corte primeira.

— Todos os leitores deveriam ser conduzidos ao leito primeiro (ou antes da morte?) da Poesia por mãos hábeis e dadas, dignas d“O Romanceiro Ibérico”!

*Com beijos de tutti-frutti
e suores de hortelã,
se esbofam no desfrute
até o romper da manhã.*

&&&

*Estes romances chegaram
em bocas de marinheiros,
quando o mar que atravessavam
durava meses inteiros.*



Chegaram em conversas de escotilha — “mas fantasia é ga-geiro, /ultrapassando o real, /ainda vê terras de Espanha /e areias de Portugal” —, desciam da nau e afundavam-se, sementeiros, no aluvião da ilha. Com o tempo, eles germinavam magnânimos, os brotos a orquestrarem cantigas as mais ligeiras, em versos a perderem-se na noite, sempre a sonharem com ilhas de outrora.

O mar era sempre o berço galego desses romances, e as mulheres as mais leais romanceiras. O amor fundava-se em espanto, enquanto, na calada da noite, o que antes era cântico e mito... fazia-se carne, servida por inteiro, “como exemplo de real e fantasia”.

E, assim...

*Real é aqui e agora,
real é barco amarrado
ao presente, não ancora
em futuro nem passado*

&&&

*Não é água e albumina, simplesmente,
nem o espírito que paira sobre as águas
o que provoca este arrebatamento;
nem as fendas da veste, nem as cavas
da carne, a perfeição do espaço
vazio e pleno; é antes um momento
fugaz e endereçado à eternidade*



A poesia, em tal “Montanha Mágica”, nos arrebatava e “enflautece”, Paulo de Tarso Correia de Melo! Alimento audaz, quase a perfeição do eterno, como se teus manuscritos pairassem sobre o espírito das águas.

Ouso repetir, “batendo os pés no chão /como índio em quarup”, tal qual em “Memória e Recitação”: “um momento fugaz e endereçado à eternidade”.

*Cantam as harpas de Sião
que após a Batalha dos Guararapes
e a definitiva expulsão
do batavo invasor,
os holandeses se transferiram
para a costa leste norte-americana
e lá fundaram o que viria a ser
New York, de início
com o ex-nome natalense
de Nova Amsterdã.*

— E Licânia, do que se ouvia falar, então?

Em Licânia, Paulo de Tarso, nunca passou um batavo invasor. De holandês, só algumas sementes alvinegras no nosso gado. Vacas de úberes dadivosos, a caminharem de pernas abertas, a ofertarem seus peitos ao cio da noite. No curral ao lado, um zebu ferino, de galhas altas, espera o cair da madrugada para cobrir as holandesas, entre urros e coices zebuínos.

Na rádio, o programa “Varandão do Sertão” trazia, para o nosso povo manso, os dramas de acontecimentos de tirar a credulidade de um cristão sertanejo:



*Como não fazer versos sobre acontecimentos,
velho conselho do poeta Drummond,
se nove moças desapareceram no Zodíaco?*

&&&

Um velho malcriado, dizem que nascido lá nas grotas do
cão, gritava por entre as ruas de Licânia:

— Ninguém mais acredita em Frei Damião!

Em urros alucinantes, o povaréu corria para cima dele, a
expulsar o velho andrajoso. Ele, risonho, corria à solta para dentro
da mata; para voltar, logo no dia seguinte. Sempre molhado do
sereno e de uma nova fantasia.

*Como não cantar minha cidade pobre e fantasista,
onde nove meninas fogem da Rua das Margaridas
para um desenho animado?*

Quando, ainda garoto animado, desenhei um canário de fita
e engracei-me com a vermelha cor da ave. E, em tudo e por tudo,
o rubro tingia as minhas criações.

Até que, numa tarde de verão cinza, dei com um homem a
correr esfaqueado; e o vermelho sanguíneo no calor da tarde me
mergulhou em fatal pavor.

Ainda hoje, ao nascer a manhã, espero o azul do infinito
para rezar por um novo destino — “Para a casa da aurora /e a casa
do azul da tarde”. Desde então — sofrido, solitário e calado —,
assumo: o azul nunca me decepcionou.



Somos lábios
— *abertos ou calados* —
se calados
mais solitários somos

&&&

Lê-se umas linhas
cerze-se meias
faz-se uma carta
se ouve o silêncio

O poeta lê e relê a poetisa que tanto admira: “corpo de pálida seta”. Enquanto caminha por entre seus silêncios, encontro entre Natal e uma janela em Armherst, o que, no papel, era mero poema — secreta biografia —, se metamorfoseia em português brasileiro; e Paulo, arauto desse encanto, (re)escreve uma nova carta poética aos leitores aflitos. “Romances de Alcaçus”.

&&&
Imagino
ancestral
Asteca
definindo
símbolos
possíveis
do destino
de homem
e poeta



Entre astecas e maias, gregos e troianos, diante de provençais segredos e júbilos recônditos, no deserto e nos oceanos, o poema se insurge, se inquieta... mas se cala frente ao “Rio dos Homens”. Em seguida, entre símbolos e mitos ancestrais, sublima-se como, melhor (e única) tradução, sabença do humano. Quer hoje, quer na morada de nossos ancestrais, quer aqui, quer lá fora... a Poesia traduz-nos, enquanto, dentro de si e per se, revolta-se contra o que fora traduzido.

Moral da história: nunca ouse, suprema presunção, encontrar a explicação do poema. Se tu fizeres isso, maldição das musas, ele se tornará pó.

*Depois da grande explosão
recriam o mundo passos
de ancestral peregrinação*

&&&

*A príncipes e guerreiros
falavam poetas
de flores, aves e gemas.*

Paulo, tu cantas as flores, as aves e as gemas, mas, em especial, os mistérios e os códigos que se escondem por trás de flores, aves e gemas. Como poeta, príncipe-guerreiro da palavra, tu decifras o nosso códice, “cantos de amerigo”: “a brevidade da vida / e a incerteza / da permanência de poema”.

Não supliques, se por acaso o poema for breve; se sua chama, pequena, Paulo. O valor de um verso não mora na medida plácida de um sequer fonema, a sua maioridade (e divinal eternidade) só



comparece... quando a Beleza lhe zela o (com)passo, ao tempo em que, vestido de miudezas, se outorga infinito arpejo.

Crê e cria, Poeta. A nós, leitores teus, a agonia de sorver teu coração em demasia.

*A arte é criação
das mãos do homem
e da imaginação de seu coração.*

Obs.: os trechos em itálico foram extraídos dos livros de Paulo de Tarso Correia de Melo: *Tálhe rupestre (poesia reunida e inéditos)* — Natal: EDUFRN (2009); *Misto Códice* — Mossoró: Sarau das Letras (2012); *Diário de Natal* — Mossoró: Sarau das Letras (2013), e *Livro de louvor* — Mossoró: Sarau das Letras (2015).

CLAUDER ARCANJO é poeta, escritor e editor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais. Autor de “O Fantasma de Licânia”, “Lápis nas Veias” e vários outros livros.



A CIDADE DOS REIS DE CARLOS DE SOUZA

Carlos Fialho

Por que somos do jeito que somos? Qual a razão de nos comportarmos desta ou daquela forma? Qual a explicação para reagirmos assim ou assado diante das mais variadas situações cotidianas que a vida nos prepara? Quando um de nós vai a um psicólogo em busca de respostas, as perguntas sobre nosso passado são pequenas pistas que o analista dispõe sobre a mesa do inconsciente para desvendar o grande mistério que vem a ser a nossa vida. O que ocorreu conosco durante o nosso crescimento, e mesmo em tempos recentes, pode explicar muito sobre nós. Os traumas, as escolhas, as experiências, influências mil que compõem a complexa personagem de cada um, protagonistas que somos de nossas infinitas narrativas em primeira pessoa.

Lendo o romance “Cidade dos Reis” (FJA-2012) do saudoso Carlos de Souza, que nos deixou em 2019, tendo sido responsável por muitas alegrias e cuja única besteira que fez na vida foi o jornalista Alex de Souza, concluí que este raciocínio pode ser aplicado também a uma cidade. Tudo porque, nesta obra, Carlão nos conta a sua versão da história de Natal nos 100 anos compreendidos entre o 1º dia de 1901 até derradeira folha do calendário de 2000. Por meio de uma narrativa envolvente, o autor apresenta a trajetória de Natal e mesmo do RN de uma forma que nos permite descobrir bastante sobre como viemos a ser como somos.

O protagonista do livro, Jonas Camarão, era descendente direto do herói duvidoso Felipe Camarão, homem de caráter questionável a ilustrar os livros de história do nosso Estado. Jonas viveu exatamente um século e, como nunca saiu do RN, a não ser para umas tantas e rápidas idas a Recife a fim de fechar negócios, acompanhou de perto todos os acontecimentos políticos, sociais, econômicos e as transformações ocorridas em Natal e arredores.



Viu as mudanças de governos, a evolução nos hábitos e costumes, a chegada do automóvel, as alterações urbanas da cidade (incluindo o plano Palumbo), a vinda (e depois partida) dos americanos entre tantos outros acontecimentos relevantes.

O protagonista, em que pese a origem humilde, devido ao grande esforço dos pais, estudou no Atheneu, acabando por se tornar um comerciante de sucesso. Ou, como ele próprio dizia: “Comerciante não. Negociante!” Tornou-se um típico cidadão da capital potiguar. Pacato, de índole dócil e conservador. Tanto que lhe causava profunda contrariedade a maneira como os empresários locais faziam questão de derrubar edificações clássicas para construir caixas horrendas em seus lugares, não importando a relevância do que se destruía. Sobre isso, o narrador declara: “Uma cidade se diminui quando elimina seu passado. Natal está sempre sujeita a sucumbir a qualquer ilusão de modernidade. Os poderosos, verdadeiros donos desta cidade, estão sempre dispostos a destruir qualquer bela construção para erguer algo novo no lugar. É uma cidade sem memória.”

Jonas nunca se conformou com determinados traços flagrantes de miudeza da alma que faziam o povo potiguar se comportar de maneira a voltar-se uns contra os outros. Indignava-se sobretudo com a maledicência do povo e a mania de maltratar os conterrâneos, principalmente os que ganham algum destaque, diminuindo seus méritos e desvalorizando seu trabalho, comportamento típico de gente invejosa, cujas janelas permanecem sempre abertas para a vida alheia. Em dado trecho, referindo-se a grandes artistas que não obtiveram o reconhecimento devido por essas plagas, o texto diz: “Aqui ninguém suporta o sucesso alheio. Esta é a cidade da inveja e do olho gordo. Se o vizinho comprar algum objeto de desejo, se alguém adquirir algo grandioso, se alguém se destacar, passa a ser motivo de ódio dos demais. O ditado diz que ninguém é profeta em sua terra. Isto, em Natal, ganha proporções desérticas... É uma cidade amordaçada. Seus filhos mais ilustres são como profetas que pregam no deserto para gafanhotos indiferentes.”



O próprio personagem principal se viu como vítima de fofocas: “Jonas percebia o olhar jocoso por trás das palavras falsamente respeitosas que lhe dirigiam. Fingia não dar atenção, mas por dentro estava nascendo um rancor tão refinado que poucos iriam perceber o quanto iria odiar as pessoas da sua cidade nos anos vindouros.”

Apesar de ter vivido os dissabores e decepções comuns à grande maioria de nós, Jonas prosperou como comerciante, desfrutando de uma vida plena e confortável. Tinha a sorte dos predestinados. Tudo lhe favorecia nos momentos em que mais precisava. Mesmo quando sofria um forte revés, logo o destino lhe presentearia com um golpe de sorte. Graças a isso, não passou grandes apertos com dinheiro. Os maiores sobressaltos vividos por ele se relacionavam ao contexto histórico vivido, fosse a 2ª Guerra Mundial ou a estúpida Ditadura Militar. Tanto que o narrador opta por eliminar a figura de um vilão central, antagonista do “herói”. Um dos personagens que apresentou potencial para ser esta encarnação do mal, que temperaria a trama e criaria conflito suficiente para dar uma maior complexidade à ficção, não se desenvolve para se converter neste malfeitor clássico. Esse expediente (de condicionar as ações do personagem a fatores externos) permitiu ao narrador dar maior enfoque à história de Natal sem distrações.

Mesmo sendo um homem à moda antiga, como a grande maioria da população de Natal, o negociante, diferentemente de nossa elite empresarial e política, formada basicamente por ignorantes endinheirados, amava a literatura e devotava enorme admiração por Câmara Cascudo. Esta é outra tacada certa do autor. Por meio dessa preferência do protagonista, o autor nos conduz pelas vidas e obras de Auta de Souza, Henrique Castriciano, Zila Mamede e Cascudo, entre outros, citando os livros lançados com o passar dos anos. Os lançamentos de Cascudo, por exemplo, são introduzidos na história com muita naturalidade, entremeando a narrativa marcada por sucessões de governos e a passagem do tempo para Jonas. Com isso, os leitores têm a oportunidade de compartilhar do conhecimento de Carlão acerca de nossos grandes autores.



Tal apreço de Jonas Camarão pela vida intelectual contrasta com muitos dos seus colegas empresários locais, tão indiferentes a todos os assuntos que não se relacionem a dinheiro. Sobre isso, o narrador se questiona: “Como seria a vida de alguém assim, cuja única diversão é ganhar dinheiro? Que tipo de vazio poderia ser preenchido apenas com o ato mecânico de faturar mais? Que almas abrigam espíritos tão embrutecidos?” Em certo momento, também relata um comportamento frequente entre a elite natalense: “Enquanto se é rico, todas as atenções lhe são prestadas. Quando se é pobre, todos viram as costas. Você vale o que possui.” A conclusão a que chega é que, em face à forma desumana com que os empregadores tratam seus funcionários, “Aqui, a revolução industrial chegou com atraso”.

O livro de Carlos de Souza é indispensável a todos aqueles que pretendem aprender sobre Natal, o Rio Grande do Norte e, por extensão, sobre si próprios, ainda por cima, divertindo-se no processo.

CARLOS FIALHO é escritor, jornalista, publicitário e editor. Autor de “Não Peças Nudes, Papai”, “É Tudo Mentira” e vários outros livros.



RELEMBRANDO COLEGAS ACADÊMICOS

Valério Mesquita

JOSÉ MELQUIADES: A FICÇÃO DE UM MEMORIALISTA

Envaidece-me sobremaneira que a generosidade e o carinho amigo do autor tenham-me julgado digno de dar, por escrito, uma opinião sobre “A Morte do Goitizeiro”. Opinião que, evidentemente, não pode ser considerada como crítica literária, mas que, sem dúvida, é o resultado de uma leitura atenta, primeiro, e entusiasta depois.

O Rio Grande do Norte é fértil quanto à poesia, no entanto, na prosa, especialmente na ficção, sempre demonstrou-se avaro em reais talentos, salvo algumas exceções (Policarpo Feitosa, Nei Leandro de Castro, sendo que este último destaca-se, também, como grande poeta). José Melquíades entrega ao nosso Estado, à querida Macaíba, na qual temos origem comum, um romance que vem resgatar a ficção potiguar e o faz com a naturalidade das verdadeiras grandes obras, isto é, fugindo da retórica das palavras e da impositação acadêmica (apesar de ser destacado membro da Academia Norte-Riograndense de Letras).

Refiro-me, aqui, àquele estilo literário que faz lembrar Graham Greene e que – alternando a dramaticidade ao ameno, a reflexão de cunho quotidiano do povo -, alcança a dimensão da literatura universal.

A escolha verbal é o elemento determinante deste romance. Estrutura, esqueleto e músculo, medula e nervo de um organismo que constrói sua própria identidade apresentando-se ao leitor como a edificação de partes que se complementam e, harmonicamente, formam uma definitiva unidade. A verdadeira obra de ficção que permanece.



Como nos grandes romances dos séculos XVII e XIX, o autor esconde-se atrás de um nome fictício, no caso, Manoel Mendonça, que escreve suas memórias. Recurso inteligente e requintado que permite o exercício crítico no âmbito da própria obra a qual, lembra, quanto à atmosfera, ao ambiente, às falas, o melhor José Lins do Rêgo, aquele de “Menino de Engenho”, “Bangüê” e “Fogo Morto”. Não escondo um certo sentimento de orgulho ao escrever esses comentários mal alinhavados. Antes de mais nada por ser conterrâneo do autor de “A Morte do Goitizeiro” (portanto por termos partilhado uma Macaíba que vive exclusivamente na memória amorosa), depois por tê-lo tido como professor e, finalmente, por termo-nos tornado irmãos maçons.

O romance, entre tantas virtudes, possui uma qualidade rara. Apesar de José Melquíades ter declarado tratar-se de obra de ficção, sem referência intencional a lugares e pessoas, terminou por escrever uma belíssima obra de memorialismo, porque criou lugares e seres vivos, em um Nordeste real e vigoroso, cronologicamente situados como participantes não apenas de uma estória, mas da história no sentido filosófico e poético, porque todos os gestos, as palavras, as situações que refletem a verdadeira aventura humana inserem-se, inapelavelmente, na história. Principalmente, quando os verdadeiros protagonistas dessa aventura, como neste romance, são os sonhos.

UBIRAJARA MACÊDO

O saudoso jornalista Raimundo Ubirajara Macêdo lançou há vinte anos passados, o seu livro “... e lá fora se falava em liberdade”, na Capitania das Artes. Bira é macaibense nascido em Jundiá e afilhado de crisma do meu pai Alfredo Mesquita Filho. Como funcionário do antigo Correios e Telégrafos foi colega de minha mãe Nair de Andrade Mesquita ao longo de muito tempo. Os seus pais foram Antonio Corsino de Macêdo e Alice de Almeida Macêdo.

Estudou no Atheneu. Como jornalista esteve em São Paulo onde trabalhou na Folha, Editora Abril e Rádio Piratininga. Em

Natal, deixou a sua experiência e talento na Tribuna do Norte, na A República, no Diário de Natal além das rádios Cabugi e Nordeste. Com Carlos Lima publicou durante alguns anos a revista “Cadernos do Rio Grande do Norte”.

Esse foi o seu livro de estréia. Ubirajara Macêdo sempre foi um homem de idéias que enfrentou com coragem a injustiça social, o arbítrio e o desrespeito a cidadania. No curso exemplar de sua vida jamais renegou a sua identidade com essas causas revelando-se através de sua pena a presença do humanista, solidário com o seu tempo e antenado ao sentimento do mundo. O título de Cidadão Natalense que a Câmara Municipal lhe conferiu teve a dimensão intemporal do afeto. Foi orgânica pois se integrou a estrutura intelectual e a luta do próprio homenageado em defesa de suas idéias tendo Natal como sua trincheira. Ubirajara Macêdo na lide jornalística foi uma vida em linha reta. Simples, sem ostentações, submetido a sacrifícios extremos mas teve a sua coerência com sua posição humana e política. É a injustiça quem faz o herói. É a irresignação que acresce o lutar e retempera a luta dos bravos. Daí o seu “... e lá fora se falava em liberdade”.

Por último, lembro Léon Bloy: “O sofrimento passa, mas o ter sofrido nunca passa”. Salve Bira Macêdo!

EDGAR BARBOSA, HUMANISTA DE TRATO CORDIAL

Ao lado de Alvamar Furtado, Múcio Ribeiro Dantas e Floriano Cavalcanti, Edgar Barbosa formava um quarteto de invejável saber jurídico na velha Faculdade de Direito da Ribeira, na década de 1960, comentado e sussurrado com reverência por nós, seus alunos, pelos corredores e salas da saudosa instituição.

Mas o professor não cabia num figurino único – embora confortável, do ponto de vista intelectual –, de grande e admirável jurista. Sua formação filosófica fizera dele um humanista no sentido lato,



ou seja, na medida em que nada do que fosse humano lhe era indiferente. Compará-lo ao seu mestre Luís da Câmara Cascudo seria fazer justiça ao primeiro, e elevar a estatura intelectual do segundo.

Por trás desse duplo verniz jurídico e humanista, Edgar Barbosa encobria um homem cordial que só a pouco e a vagar deixava transparecer no convívio com seus alunos. Já alertados por colegas mais antigos, nós também não demoramos a descobrir outros traços salientes da personalidade complexa de nosso mestre em Direito Constitucional. Isso acontecia até com certa regularidade, na medida em que fui também me habituando a integrar uma espécie de círculo de ouvintes do velho professor para as conversas que se sucediam à aula, mas que aconteciam ali mesmo, juntamente com Carlos Gomes, Claudio Emerenciano, Hilda Fagundes e outros colegas.

Visava transmitir sabedoria, conhecimento, humanismo. Com essa preocupação sempre alerta, o grande estilista fazia incursões pela Antiguidade Clássica à cata de exemplos, de modelos, de parâmetros comparativos com os problemas de nosso tempo, ilustrando-os e esclarecendo-os, como costumava fazer nos seus ensaios e artigos jornalísticos escritos para o jornal “A República” a partir da década de 1920, como revela o volume de textos e crônicas organizado pelo saudoso jornalista Nelson Patriota e lançado pela editora da UFRN. Ali se podem detectar alguns temas que serão amadurecidos pelo futuro jurista, como o direito do voto feminino, os problemas enfrentados pelo ensino público, a importância da liberdade de expressão para a vida política brasileira, entre outros.

A esses temas, acrescentou o mestre considerações líricas, evocações nostálgicas, quadros recortados cuidadosamente de sua memória afetiva sobre a sua telúrica Ceará-Mirim, com seus vales férteis como se fora recortada por um Nilo transplantado para lá por um sortilégio de Deus. Cenas de infância, tipos populares que chamaram sua atenção de menino imaginoso, acontecimentos únicos que ficaram nos porões da memória, tudo isso constituiu matéria literária em suas mãos.

Às vezes me flagro entrando, pela via franca da memória, na sala de aula da antiga Faculdade de Direito, na velha Ribeira que, como o beco recantado pelo poeta Manuel Bandeira, está “intacta, suspensa no ar”. Nesses momentos, sinto que é hora de reler algum tópico do livro «Imagens do Tempo», onde recolheu crônicas dispersas nos jornais locais, porque sabia que deveria preservá-las em livro. Ao ler o perfil de um Henrique Castriciano, de um Juvenal Lamartine, de um José Gonçalves ou de um Padre Monte, ou ainda uma crônica dedicada ao jasmineiro de Auta de Souza, um retrato de Vila Flor, a descrição de um velho engenho, tudo isso me confirma que o escritor memorialista soube entender como poucos a alma patricia do homem potiguar, seus valores essenciais, que outro mestre, Luís da Câmara Cascudo, resumiu à perfeição.

Recordar Edgar Barbosa termina por ser também um exercício de saudade sem saudosismo, porque se faz em contato com sua obra, a qual, pelas lições que continua a nos dar, permanece aberta e receptiva às questões da nossa época. Como ex-aluno, evoco-o com emoção.

VALÉRIO MESQUITA é escritor e advogado. Membro da Academia Nortério-grandense de Letras, ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, ex-presidente da FJA. Autor de “Notas de Ofício” e vários outros livros



HOMENAGEM AO CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DO SAMBISTA MAIOR NASCIDO NO RIO GRANDE DO NORTE RAYMUNDO OLAVO DE SOUZA 1920 – 2020.

GRANDE SAMBISTA SINCOPADO DO BRASIL,
CONSIDERADO UM DOS MELHORES SAMBISTAS DO BRASIL

Leide Câmara

Nasceu na Praia de Maracajaú Município de Maxaranguape, litoral Norte Potiguar RN, a 20 de junho de 1919, segundo ele, foi registrado no ano de 1920 e faleceu de problemas decorrentes de Alzheimer, no Rio de Janeiro RJ, no dia 9 de junho de 2001, sendo sepultado no Cemitério de Inhaúma, no Rio. Cantor, compositor, tocava guitarra gostava de tocar banjo e para compor, seu inseparável violão. Filho de Pedro Madeiro de Souza e Maria da Conceição de Souza. São seus irmãos os músicos; Pedro Madeiro de Souza, e Mário Olavo Souza. Raymundo Olavo, casou em Natal, no dia 13 de junho de 1954 com Maria Almeida de Souza, nascida num lugarejo chamado de Capim em Barra de Góis, Município de Ceará-Mirim RN, ela que nasceu em 1934, fazia renda de bilro, quando chegou à época de trabalhar veio um novo registro de nascimento datado em 1932, onde foi trabalhar numa fábrica de balas. Maria, faleceu no Rio de Janeiro em 11 de outubro de 2016. Filhos do casal, todos nascidos no Rio, Cleodiana Almeida de Souza, Jorge Cleodoan Almeida de Souza, e Sueli Almeida de Souza.

No começo da vida, Raymundo Olavo, ainda morando na Praia de Maracajaú, para ajudar a família, que passava dificuldade financeira, após um acidente de carro com o Pai que ficou paralisado, sendo ele o mais velho dos filhos, tinha quase sete anos de idade, teve que começar a trabalhar para sustentar a família,

ai surgiu o VENDEDOR DE COCADAS NA PRAIA DE MARACAJÁ, cocadas que eram feitas por sua Mãe Maria. Tinha Raymundo Olavo dez anos de idade quando veio morar em Natal, foi logo depois do acidente de carro que deixou Seu Pedro Madeiro inválido. A Família se instalou no Bairro das Rocas, que veio a ser considerado o tradicional “ Berço do Samba Potiguar em homenagem ao grande Sambista brasileiro Raymundo Olavo” e assim surgiu uma nova profissão de Raymundo, desta vez de AJUDANTE DE ALFAIATE. Nas horas vagas nascia o COMPOSITOR, fez seu primeiro samba aos treze anos de idade. Integrou a Orquestra da Rádio Poti, como violonista e que teve suas músicas fazendo parte da época de Ouro do Rádio em Natal, eram cantadas pela amiga e vizinha Glorinha Oliveira e Paulo Silva em todas as Rádios locais. Nessa época Raymundo Olavo tocava em bares da cidade. Na época da guerra o jovem aprendiz de alfaiate, foi convocado para servir na Base Americana em Belém do Pará, e onde aprendeu a tocar banjo e fez parte da Banda de Música da Base e assim viveu por três anos nessa cidade, onde compôs a famosa música NORMÉLIA, que foi o grande sucesso nacional do cantor Roberto Silva. NORMELIA existiu mesmo, foi a inspiradora do samba, segundo ele “... eu cantava no Bar Suburbana onde a conheci, era uma morena bonita, que foi Rainha do Carnaval”... , uma paixão proibida, sua musa era casada, o namoro veio a público numa tremenda confusão. Em uma de suas vindas a Natal conheceu e apaixonou-se por Maria, seu grande amor, ficaram noivos em outra viagem, tempos depois quando deu baixa da carreira militar voltou a morar em Natal. Um dia resolveu ir morar no Rio de Janeiro, no final da década 1940. Sua primeira música gravada foi o samba, *PELA ORDEM, SEU PRESIDENTE*, em parceria com Ari Monteiro, na voz da cantora Linda Batista, ano de 1947, selo RCA Victor, música que foi censurada e proibida no governo de General Dutra, (Eurico Gaspar Dutra de 1946 a 1951).



Pela ordem, seu presidente (1947)

Autor: Raymundo Olavo e Ari Monteiro

Intérprete: Linda Batista

Gênero: Marcha

Gravadora: RCA Victor.

*“Vossa Excelência, dá licença,
Quero um aparte para falar,
Quero falar num artigo:
Cadê o trigo, cadê o trigo?
Levo a vida nessa marmelada.
Passa o tempo e não resolvem nada.
Peço a palavra, pela ordem,
Na voz do meu coração,
O povo não tem casa pra morar,
Não tem transporte, não tem carne, não tem feijão.
Até das frutas que existiam por aqui,
Só resta agora o abacaxi”.*

A saudade de Maria era grande durante a ausência, escrevia uma carta por semana, em determinada época a carta para Maria não chegava, muito menos a resposta, então ele compôs, em 1953/54 MANDE NOTÍCIAS, música que foi gravada pelo seu grande ídolo Nelson Gonçalves, no ano de 1956. Como músico de fama, Raymundo casou no civil em 13 de junho de 1954 em Natal e resolveu continuar morando no Rio de Janeiro; ao chegar com Maria, passou um mês em casa de uma família amiga, depois alugou uma casa na Rua Góis no Bairro Quintino Bocaiúva, comumente chamado simplesmente de Quintino, é um bairro na



Zona Norte do Município do Rio onde permaneceram por seis anos. No Rio teve um apoio de um amigo conterrâneo que lhe convidou para trabalhar e assim nasceu o Raymundo Olavo o ALFAIATE, e ficou especialista em fazer e costurar paletós, passava a noite costurando, assim sustentou a família e garantiu o leite dos filhos. Olavo também trabalhou como contínuo do Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro. Nas horas vagas se dedicava a CARREIRA DE MÚSICO COMPOSITOR, estilo que amava o samba sincopado. Visitava as rádios, para divulgar suas composições, muitas vezes deu a parceria para um e outros artistas. Era muito zeloso como músico profissional se inscreveu na União Brasileira dos Compositores- UBC. Disse Raimundo Olavo em depoimento a Fernando Faro - Programa Ensaio - 1992 :

“ Em 1946 existia um programa de nome Sequência G3, era um programa dirigido por Paulo Gracindo e muito ouvido no Norte. Em todo lugar era ouvido esse programa e no Rio Grande do Norte estava o Raimundo Olavo, sempre ouvindo o programa da Rádio Tupi. Ele disse: “Vou trabalhar no Rio como alfaiate (que ele é alfaiate, né?) e vou procurar esse cabra. Vou levar esse repertório que eu tenho aqui, vou entregar a ele e tenho certeza que ele gravará”. Exatamente, chegou na Rádio Tupi com a maletazinha dele: “O senhor é Roberto Silva?” Digo: “Sou, sim senhor.” - “É que eu cheguei agora do Rio Grande e trouxe umas músicas...”

Quando estava pesquisando para o Dicionário da Música do RN ano de 1996, liguei algumas vezes para casa dele, na época já falava com tristeza sobre a situação que suas músicas estavam esquecidas, eu que comecei a lhe fazer perguntas, sobre as composições, ele falou: “... querem acabar comigo! Eu peguei todas as minhas músicas e amarrei num pé de Jacarandá ...”, senti toda tristeza em sua voz, “...não esqueça que meu nome Raymundo Olavo se escreve com “Y”. Na musicografia de Raymundo Olavo, registramos mais de cem composições, mais de oitenta fizeram sucesso quando foram gravadas por grandes nomes da música popular brasileira: Abel Silva, Ademilde Fonseca, Altamiro Carrilho,



Ary Cordovil, Conjunto Raffa's, Duda e seu conjunto, Garotos da Lua com orquestra, Geraldo Pereira com conjunto e coro, Gilberto Alves, Jamelão, José Alves, Linda Rodrigues com Vero e seu conjunto, Nelson Gonçalves, Noite Ilustrada, Osmar Navarro, Raul Moreno, Renato Tito, Roberto Paiva com Conjunto de Lyrio Parnicali, Safira com acompanhamento de orquestra, Trio Marayá, Zé Di, Zé Maria com seu órgão e conjunto, Zito Borborema e Roberto Silva – este último é considerado pelo compositor como o seu maior intérprete (cantando em estilo sincopado, Roberto Silva se consagrou com o samba MANDEI FAZER UM PATUÁ, seu primeiro grande sucesso em disco, música de Raymundo Olavo em parceria com Norberto Martins). As composições Normélia (em parceria com Norberto Martins), Formiga (em parceria com Sebastião Nunes) e Flor em botão são os sambas de Raymundo Olavo mais famosos. É parceiro musical, também, dos compositores A. Pinto, Adjalma Alonso, Elpídio Viana, Geraldo Queiroz, J. Kleber e Oldemar Magalhães. Em sua discografia de apenas um disco gravado ESQUINA NICE, em 1958 grande oportunidade para ele, foi muito bem recebido pela crítica, o disco foi citado no livro publicado em 2008, “*300 Discos Importantes da Musica Brasileira, de Charles Gavin (baterista dos Titãs) edição da a Editora Eu sou da Paz, com textos dos jornalistas Tárík de Souza, Carlos Calado e Arthur Dapieve, o livro traz encartados dois discos*”. Raymundo Olavo, voltou a Natal em 1975, integrando a caravana dos músicos do Rio Grande do Norte que moravam no Rio de Janeiro: K-Ximbinho, Ademilde Fonseca, Paulo Tito e Fernando Luiz, as atrizes Rejane Medeiros e Gracinda Freire. A caravana viajou pelo interior do Estado a convite do governador Cortez Pereira, entregando o troféu “Cata-vento” – relativo às obras realizadas no seu governo (1971/1974). Os músicos passaram um mês nessa excursão, realizando shows nas cidades visitadas e Luiz Gonzaga era atração, embora não fosse Potiguar. Raymundo Olavo deixou com legado para música brasileira sua produção musical, como grande sambista que foi.

DISCOGRAFIA

1958 Esquina do Nice – LP de dez polegadas - Todamérica

MUSICOGRAFIA POR ARTISTA

Leia a musicografia de Raymundo Olavo no Dicionário da Música do RN.

DEPOIMENTOS DOS FILHOS

Cleodoana Almeida de Souza, mora em Rondônia RO, Jorge Cleodoan Almeida de Souza, e Sueli Almeida de Souza moram no Rio de Janeiro RJ.

“NELSON GONÇALVES, a maior voz do Brasil! Gravou MAN-DE NOTÍCIA, Esta música, meu pai (Raymundo Olavo) fez para minha mãe quando eram noivos. Na época (anos 50) receber uma correspondência (Natal/Rio de Janeiro) era um processo demorado. Além de amigo e ídolo, para o meu pai, ele é e será o maior cantor do Brasil... como deixava claro: é o nosso Sinatra...sua voz é perfeita”



Raymundo Olavo Nosso Pai

“Dia 20 de junho de 2020 foi os 100 anos dele, Raymundo Olavo, nosso pai era um homem dotado de uma inteligência musical admirável, e seguramente, um dos traços mais marcante da sua personalidade. Um dom maravilhoso que aquecia o seu coração de poeta, inspirando-o a construir suas composições, aos acordes maravilhosos de seu violão - amigo inseparável, em todos os momentos. Acreditamos que, todo homem esconde no seu coração um sonho, e deve se mover na direção dele, empreendendo todo esforço necessário para conquistá-lo, até que todas as barreiras sejam removidas. Foi assim que nosso pai atravessou vales difícilimos, em todas os níveis de sua realidade, desde a sua infância, mas não desistiu, porque tinha um sonho, e lutou por ele, valendo-se do seu talento musical, do seu incrível poder de comunicação, e acima de tudo, da sua fé em Deus. E assim, nessa perspectiva, no tempo e no modo oportunos, tudo foi convergindo para os grandes encontros, levando-o a conhecer seus parceiros musicais, e admiráveis cantores (as) da época, ícones da música popular brasileira, que gravaram suas composições, e o sucesso foi inevitável. Mas, o nosso maior registro é que, Raymundo Olavo, foi um homem exemplar e muito zeloso com a sua família. Sabia administrar o pouco que vinha às suas mãos e o multiplicava com sabedoria, e nada nos faltava. Exemplo de retidão e de integridade, sabia honrar os seus compromissos com a sua palavra. Pai amoroso e preocupado com o futuro de seus filhos, e incansavelmente, juntamente com a nossa mãe, Maria, investiu na nossa educação, especialmente, dando-nos os conselhos mais preciosos que guardamos para sempre em nossos corações”. “E não sabendo que era impossível, ele foi lá e fez.” (Jean Cocteau).

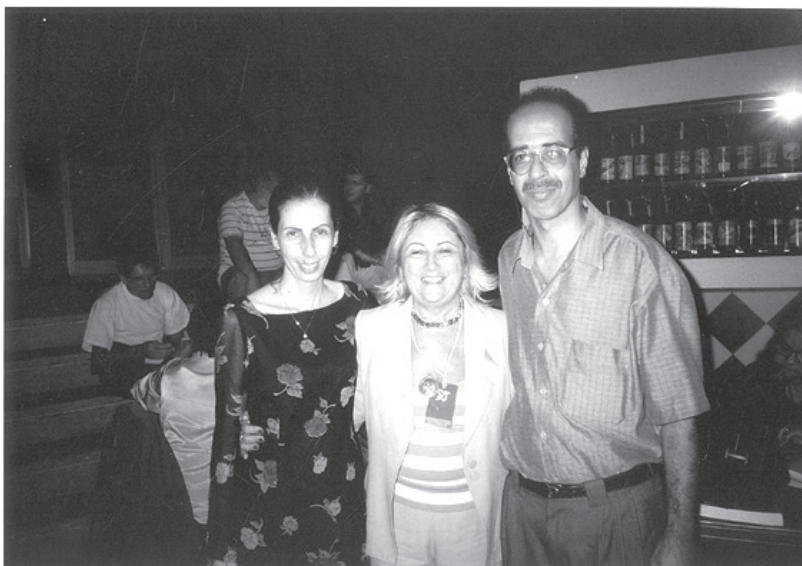
Foi assim ...



Raymundo Olavo

Foto: Acervo da família julho de 1999





Jorge Cleodoan e Sueli Almeida filhos de Raymundo Olavo com Leide Câmara no lançamento do Dicionário da Música, Rio de Janeiro em 31 de outubro de 2001

LEIDE CÂMARA: Musicóloga, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do RN, da Academia Patuense de Letras e Artes.



CULTURA ANTIGA

[UMA SÍNTESE]

III

ÍNDIA

Jurandyr Navarro

Mistérios... superstições... epopeias... envolviam a atmosfera social lendária da antiga Índia, tendo como paralelo a medicinal yoga, com sua Meditação, disciplinadora dos sentidos.

Estudiosos arqueólogos e de outras áreas, descobriram, dos escombros de suas comunidades, tesouros somente expostos séculos depois. Alguns deles ainda não decifrados.

Ruínas de Moendjo – Daro, cidade surgida no terceiro milênio a.C. Ecos da exuberante civilização, de nome Harappa, às margens do Indo, são despojos revelados do seu progresso, adormecido há milhares de anos.

Sabidamente declarou Fustel de Coulanges, no seu livro “La Cité Antique”, ser, a “Cidade, a associação religiosa e política das famílias e das tribos”.

Pesquisas de Charles Levis Masson apontam sítio de uma cidadela de tijolos, em ruínas, e por um monte rochoso escarpado, ostentando paredes com nichos à maneira oriental.

Alexander Cunningham, em 1853, arqueólogo e outros, em seguida de igual ofício, pesquisadores de Harappa, descobriram um sinete (utensílio gravado) de esteatita, usado pelos antigos habitantes para imprimir sua “assinatura” na argila úmida.

Banergi localizou uma moeda que remonta à idade do século segundo, da era cristã.



John Marshall divulgou fotos de sinetes. Arqueólogos outros, localizaram, um templo dedicado ao deus da guerra, Ilbaba, que remontava ao ano dois mil e trezentos, a.C.

Objetos encontrados em sepulturas das ditas cidades: utensílios de cobre, bronze e sílex, ambos os povos fabricavam ornamentos sofisticados de ouro, pérola, cornalina, madreperla, terracota, lápis – lazuli e turquesa.

Usavam escrita pictográfica, ou seja, desenhada.

John Marshall acenou a afirmação de um “estrito liame cultural” com a Suméria, e, após, defendeu ser ela, exclusivamente indiana, a antiga Harappa.

A julgar pelos machados e achas de sílex da idade da pedra, encontrados em todo subcontinente indiano, o homem apareceu, bem cedo, na vasta planície que hoje corresponde aos territórios da Índia, Paquistão e Bangladesh.

Planície do Ganges, vasta floresta. Este rio, nascido nos confins do Tibete, seguia seu curso até o golfo de Bengala.

Em escavações de Moendjo – Daro e Harappa, 1920, arqueólogos descobriram, na Índia e no Paquistão, mais de mil sítios arqueológicos. Tais sítios pré-históricos, estavam espalhados numa área de, aproximadamente, oitocentos mil quilômetros, superior ao território da antiga Suméria. Nenhuma civilização da idade do bronze possuía área tão extensa. Na sua plenitude, no término do terceiro milênio, antes de nossa era, seu território chegava mais adiante do chamado rio Narmada, até o Delbi.

É do conhecimento geral que o alvorecer da civilização indiana remonta ao neolítico.

Mortimer Wheeler teve desempenho decisivo, para trazer, à luz, a Cultura de Harappa. Nas investigações ele localizou um objeto parecido com um pilão, levando-o a pensar que a mão-de-obra existente nela, era destinada à moagem de cereais.



Tais alojamentos evocavam a lembrança dos reservados aos escravos dos faraós do Egito.

Inúmeros os sinetes localizados, além das informações, em relação às práticas religiosas da civilização harappiana. Sinetes da Mesopotâmia foram indicativos da decifração dos caracteres cuneiformes.

Conclusões dos estudos de Fairservis registram quatrocentos e dezanove signos.

O sistema gráfico da civilização do Indo seria logos-silábico: associaria pictogramas (imagens da escrita sintética) correspondentes às palavras, sendo os sinais empregados com função fonética.

Todavia, antes de poder identificar os homófonos (sons semelhantes) que o sistema pictográfico da civilização do Indo permitia transcrever, Fairsevis e Papola tiveram de decidir a que língua ou a que família de idiomas pertenciam. Tal como outros especialistas, eles optaram pelo chamado dravídico, linguagem ainda hoje falada na Índia, por mais de cem milhões de pessoas, consideram as estatísticas.

Os sinetes mesopotâmicos, invariavelmente, associavam corpos celestes ao nome de uma pessoa, a quem se desejasse homenagear. O fato de certas constelações, tais as Plêiades, figurarem nos sinetes de Harappa e Moendjo Daro, pode significar que os personagens dessas sociedades faziam remontar sua linhagem até às entidades cósmicas, como o Sol, a Lua e as estrelas...

Seguindo a tradução de Fairservis, a inscrição de um dos sinetes dizia: “Arasamban, grande chefe entre os chefes do sudoeste, da linhagem da Lua”.

Dentre as inúmeras imagens figuradas nos sinetes de Harappa, a do bovídio unicórdio é a mais frequente. O antropólogo Shereem Ratnagar concluiu que o clã do Unicórnio devia ter uma posição dominante na antiga sociedade indiana.

A natureza e as relações comerciais e consuetudinárias, dessas civilizações, são invocadas em textos de caracteres cuneiformes.



mes. Uma tabuleta de argila de cera de dois mil e quinhentos anos, anterior à era cristã, relata que embarcações de Dilmun, de Magã e de Meluhha, aportavam em Agade, com seus porões abarrotados de tesouros...

Meluhha abastecia a elite restrita e poderosa da Suméria, de gêneros de luxo ou exóticos e de matérias-primas de grande procura como madeira de lei, mesas marchetadas, pentes de marfins, pérolas e pedras de coralina e de lápis-lazuli, para a fabricação de ornamentos luxuosos. Descobertos outros, tais: sinetes decorados, louças, cadinho de argila, lâminas e verrumas de sílex para perfurar pérolas, pedaços de ouro e de chumbo, cornalina e ágata.

O especialista T. G. Bibby, descobre, em Dilmun, uma série de pesos idêntica a outra escavada em Mohenjo – Daro, esculpida em calcário, ardósia, esteatita, sílex negro e gnaisse.

Ranganath Rao, arqueólogo indiano, conclui, por pesquisas, que esse comércio era recíproco, de Harappa para Ur, e vice-versa.

Considerando-se os estudos de Shaffer e Lichtentein, durante séculos anteriores, à época cristã, os harappianos elevaram-se ao grupo étnico mais importante do Indo.

Tal sociedade, brilhante pelo seu desempenho, extinguiu-se de forma quase tão súbita quanto do seu surgimento. Entre mil e oitocentos e mil e quinhentos a.C., dela nada ou quase nada sobreviveu. Teve vida florescente de alguns séculos! Até a hora presente, consoante estudiosos do assunto, permaneceram, sem decifração, os caracteres inscritos em alguns sinetes da cultura harappiana.

Em seguida, aparece uma sociedade de idioma indo-ariano, com a Idade Védica, exibindo epopeias que serviram de base ao hinduísmo, sobre o qual os brâmanes impuseram sua prevalência.

Após, na fase histórica Pré-Mauria e Mauria os ritmos dos brâmanes impuseram nova religião. Daí, o hinduísmo, inspiração de Sidarta Gautama.

Chandagrupta Máuria unificou reinos da região. Criando, assim, um colossal império centralizado que a Índia conheceu. O imperador Ashoka, seu neto, construiu colunas de pedras gravadas, proclamando suas convicções. Em Sharnath, perto de Bevares, uma delas é encimada pela figura de quatro leões que se tornou o emblema oficial da República indiana.

Com o falecimento de Ashoka, fracionada foi a região pelo domínio grego, dos citas, partos e os chamados Kushanas. O novo monarca, Kanisha, interessou-se pela religião hinduísta. Período de florescimento comercial e artístico. Templos e outros monumentos foram embelezados.

Na seguinte idade, chamada de ouro, o grupta, Chandragupta I, funda a dinastia. Nesse governo há o sucesso das ciências e artes, com pintores, músicos, poetas. Artesões elaboram graciosos objetos, dentre os quais, a terracota (argila cozida) da deusa dos rios.

O matemático, Hovue, incentivou o sistema decimal, templos são erguidos, pautados na arquitetura clássica da Índia. Todavia, a chamada idade do ouro, perdeu por pouco espaço de tempo, quando os gruptas foram atacados pelos hunos brancos da Ásia Central e o império aniquilado.

Tais invasores compuseram hinos em que Weeler reconhece o valor de uma confissão escrita relativa a um massacre havido contra Harappa: “Dentro do desempenho de todos os atos próprios do homem, o deus terrível dominou o inimigo com suas armas”, proclamava um dos hinos.

“Indra, rei dos deuses da Índia, o que comanda a chuva e a guerra, inebriado de alegria abateu seus castelos; em sua pujança ele os massacrava, ele que brandia o trovão”.

Esse, o tom dos numerosos versos do Rigueda, o mais antigo dos quatro manuscritos sânscritos (Vedas), ou livro do conhecimento, textos fundadores do hinduísmo, segundo relato de autores. Narram eles os ataques que os invasores da língua lançaram,



montados em carros de combate, contra as cidades fortificadas, supostas serem as do vale do Indo. “Pela crença em ti, as raças de cor morena se dispersaram, longe de suas propriedades”, exultava um hino dedicado a Agni, divindade indo-ariana do fogo sacrificial, que governa o horizonte do sudeste, “quando tu, Agni, abrasaste e fendeste seus castelos”. A leitura do Rigueda levou Wheeler, influenciado pela amostra dos esqueletos encontrados em Mohenjo – Daro, e nas terras de Harappa, a uma conclusão: “No momento de decadência, iniciada por volta do século XVII a.C., o povo harappiano sucumbiu aos golpes dos invasores arianos”, escreveu ele, formulando, desse modo, uma explicação clara do advento de um milênio, - a era védica, permanecendo envolta em tanto mistério e legava tão poucos vestígios à posteridade.

O primeiro dos quatro Vedas, o Rigueda, contém, mil e dezessete hinos compilado pelos brâmanes que lhe deram forma padronizada, sendo, depois, postos em forma escrita.

Ao Rigueda, juntam-se duas outras obras, o Yajurveda e o Samaveda, em que constam as instruções e fórmulas detalhadas para os sacrifícios e a declamação dos hinos.

O quarto, o Atharvaveda, um pouco mais tardio, composto de fórmulas mágicas destinadas a controlar as coortes.

Com o tempo, os Vedas foram considerados revelações divinas da verdade metafísica, e as Epopeias instruções sobre a arte de guiar a própria conduta.

Após os Vedas, surgiram as duas grandes epopeias, o Ramayana e o Mahabharata.

É a Willians Jones, que já havia revelado ao mundo a literatura védica, que se deve reconhecer o mérito de ter estabelecido, pela vez primeira, um liame entre a poeira e a história.

O fator decisivo dessa revelação foi a descoberta de outro nome do Son, rio que desagua no Ganges, a leste de Patna. O dito pesquisador já fornecera algumas informações essenciais: sa-

bia que o lugar entre tais rios, se chamava Pataliputra. Certo dia, ele encontrou, num trecho literário, sânscrito, uma referência ao Son como o “rio do braço de ouro”, ou Hiranibahu, e o sentido dessa descoberta, evidenciou-se, para ele, de uma clareza que teria, certamente, escapado a quem não dispusesse dessas informações.

Textos de inspiração religiosa, os Vedas, o Ramayana e Mahabharata, pertencentes à poesia épica, esta última a mais longa, até hoje existente.

Deixou, a civilização indiana, apreciável legado. “A sua Matemática deu ao mundo um sistema em que o valor do algarismo depende de sua colocação no número. Conheciam a extração de raízes quadradas e cúbicas, tinham noção das leis fundamentais da trigonometria. Os europeus, da Idade Média, tomaram de empréstimo, aos árabes, os elementos da Álgebra, mas estes reconhecem havê-los aprendido dos hindus”.

Adiantaram-se nas artes plásticas: a escultura e a pintura de afrescos. Sua literatura rica e diversificada. O Mahabharata e o Ramayana notabilizaram-se, em narrações épicas e hinos heroicos, alçando-se a poesia. Códigos escritos, sendo o mais célebre: “Leis de Manu”, atribuindo a um ancestral imaginário...

A literatura em geral floresceu nos séculos IV e V da nossa era. Talentosos escritores dentre eles o “exaltado dramaturgo e poeta”, Calidasa.

No cenário religioso aparece, no primeiro milênio, uma filosofia materialista oponente à teologia e ao idealismo. Contrária à imortalidade da alma, à metempsicose, ao além-túmulo e ridicularizava ritos e sacrifícios.

O Mahabharata, obra de cem mil versos, originalmente, considerado, aos olhos dos indianos, um texto sagrado. Trata-se do mais longo poema épico mundial.



Obras Consultadas:

- (1) – Abril Coleções – RJ;
- (2) – Civilizações Perdidas – Índia Antiga;
- (3) – História do Mundo – A Antiguidade – Edições Fulgor – SP – 1965;
- (4) – Índia – Um Olhar Amoroso – Jean Claude Carriere – Tradução – Cláudia Fares;
- (5) – Mahabharata – Recontado por Krisna Dharma – Versão Ilustrada – Clássicos de Ouro – Ediouro
- (6) – RJ e SP

JURANDYR NAVARRO é escritor, advogado e professor aposentado da UFRN. Ex-presidente da Fundação José Augusto, Ex-presidente do IHGRN, Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor de “Páginas de Verão” e outros livros; organizou a antologia do Padre Monte.



A CULTURA EM NOSSO TEMPO

Gileno Guanabara

No mundo atual das inovações tecnológicas ininterruptas se comportam a relatividade dos conceitos, a imediação infinita da voz e da luz, a infabilidade do computador, a viagem televisiva imediata da imagem, mesmo que possa amnesiar o afeto e a razão de que somos portadores. Tudo em nome da instantaneidade da verdade congênita intramuros da ciência.

Por seu turno, a mística simplesmente contraria ao avanço do conhecimento científico, comprovado em recursos da tecnologia de ponto postos a nossa disposição e mune um universo cognoscitivo duvidoso, fatível dos enganos comoventes da crença cega, manifesta por curandeiros de momento.

Vejam-se as diferenciações antropológicas das culturas localizadas cada vez mais valorativas, as quais não podem, nem devem, se indispor com o universo cultural comum e observável em toda humanidade. No século XVI, em repulsa à violência da conquista do México, o índio Tezozómoc dirigiu aos seus pares que “*Se não existem nossos deuses, nossa fé e nosso saber, nós também não queremos mais existir*”. Proferida por um ameríndio primitivo assim considerado por conquistadores que se houveram ao extermínio cultural Maia/Asteca, o seu efeito discursivo nos contaminou por séculos afora e, ainda hoje, nos pontifica na busca de conhecer o lugar espacial que ocupamos e em que tempo nos situamos.

Do lado sul do equador, com a descoberta da América e o surgimento de novas nações, desfeita a teoria negativista de um oceano fisicamente plano, já no século setecentista, ano de 1742, depois de comprovada a mítica do “*boi voador*”, ouviu-se a voz insurgente do Conde das Galveias, a primeira contrária à demo-



lição do Palácio das Duas Torres, herança histórica do Recife neerlandês. Logo a seguir, em 1790, o primeiro registro e síntese da evolução literária das artes visuais em Minas, na obra de Joaquim José da Silva. Na sequência, Bredas (1858) que compôs a biografia de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Em 1922, em São Paulo, a Semana de Arte Moderna imprimiu melhor interpretação à nascente arte colonial e revelou a Minas barroca, na poética de Oswald de Andrade (*Pau Brasil*, 1925); ou na ensaística de Mário de Andrade (1928), manifestações inéditas sobre a monumental obra de Aleijadinho. Registre-se ainda a força pictórica do mural resultante daquele movimento – *Tiradentes*, de Cândido Portinari, em Cataguases,

“um tribunal de cores julgando o suplício do Protomártir. Minas Barroca...”
(Franklin de Oliveira, *Morte da Memória Nacional*– 1967).

Na ensaística de Mário de Andrade, a inédita revelação do caráter revolucionário da obra de Aleijadinho, numa época de brutal e inimaginável violência política contra insurgentes nativos, em tudo comparável à turbulência sofrida no decênio que intermediou a Revolução Liberal de 1930, final da República Velha. Em outro reconhecimento confirmador do caráter insurgente de Aleijadinho, a nota de Afonso Arinos de Melo Franco que revisita o tema da arte mineira, quando o Brasil desmoronava no estatuto do Estado Novo (1937). É mais: Gilberto Freyre, vítima da repressão política de Agamenon Magalhães, no Recife, também consignou:

“a obra do Aleijadinho foi e segue sendo uma expressão da rebeldia social e do desejo brasileiro, indígena, mestiço, de independência face a homens brancos ou europeus exploradores da mão-de-obra escrava...”. “...*Daí o desejo de An-*

tônio Francisco Lisboa (ainda Gilberto Freyre) de transmitir, por meio de uma forma de arte então popular – a escultura religiosa – uma mensagem política.”
(Casa Grande e Senzala).

Em “*O Reflexo do Nominalismo nas Artes Hipano-Tropicais*”, o gênio de Apipucos se indis põe ao sentido revolucionário do franciscanismo na arte colonial “*reduzindo-a a uma forma de estrita concreção estética*” (Franklin de Oliveira – obra citada). Noutro ensaio (ainda Gilberto - *Vida, Forma e Côr*) se indis põe com os artistas de Cristos, santas e anjos pintados louros, caucásicos. A crítica, porém, lembrou-lhe a obra de Manuel da Costa Ataíde, amigo e assistente de Aleijadinho, que agraciou o teto da nave da *Catedral de São Francisco de Assis de Ouro Preto* com uma virgem mestiça, inspirado em sua companheira, a Mestiça Maria do Carmo Raimunda da Silva. O mesmo ocorreu em Itu, onde o padre Jesuino de Monte Carmelo ornamentou a *Igreja de N.S. do Patrocínio* com uma penca de anjos, todos mulatos, inspirados na sua prole.

A que fundamentos da cultura se poderia atribuir esse patrimônio artístico, augúrio talentoso dos nossos irmãos, nos primórdios da nossa formação, em semelhanças para com o barroco da Alemanha Meridional, que se veem nas obras de *São João del Rei* ou de *Tiradentes* ?.. Ou a de um São Francisco de Assis caboclo, desviado do split piedoso de Francesco d’Assisi italiano e renascentista, brocado na cata famigerada do ouro e diamantes por unhas e mãos de escravos nas montanhas das Minas?... Ou no trucidamento impiedoso de Felipe dos Santos e dos inconfidentes/poetas, esquartejados em via pública, exilados para sempre, enquanto aspiravam à liberdade e bafejavam com raro esplendor de riqueza o barroco dos altares, os santos e os profetas e disseminavam sua revolta desde Congonhas do Campo?

A cultura - independentemente de qualquer perfil ideológico – encarna um amplo conceito pragmático capaz de significar tudo



ou nada. Tudo o que não corresponde em contradita à natureza puramente é cultura. Filosoficamente, pode-se até afirmar que cultura é a razão do ser, do existir do ser humano. Segundo Max Scheler é uma categoria do ser, não do saber e do sentir. Passível é de se reconhecer ser Ela a criatura e criadora, a transformadora do universo.

Igualmente ao valor qualitativo, a cultura avança em seu caráter quantitativo e tecnológico, o que lhe configura outra natureza, fruto das relações especulativas do homem com o mundo. Eis a síntese operada, criando símbolos e matéria, ou seja, ciência e consciência, conteúdo com que o homem ocupa o tempo e o seu espaço, a conter igualmente conflito e harmonia, vida e morte, guerra e paz, cosmo e caos, razão e paixão, um comportamento formalizado e incorporado por gerações, numa sequência evolutiva, a partir do *Pithecanthropus Erectus*, simplesmente o “homem-macaco” (Melville J. Herskovits – *O Homem e seu Trabalho*).

A operacionalização da cultura, a sofrer da ingerência do poder político populista, embrulha os caracteres que lhe são verdadeiros, porém germinando focos insensíveis de produção/consumo em massa, objetivando a mera especulação mercantilista, independentemente das dimensões filosóficas, sócio-antropológicas, ou estéticas que lhe são entranhados. Ora confundindo objetivos, ora confundidos pelo campo da especulação vulgar e simplória da atividade cultural, a que se referiu Marcuse: “*mais acessível, mas sob uma forma degradada*”. A cada Nelson Sargento que se vai, centenas de Wesleys Safadões surgem para produzir loas de qualidade duvidosa. Assim a cultura cafona ganha foros de beleza momentânea.

No âmbito da conduta ou do ato de criação pelo ser humano, a cultura se torna a fonte da antropologia e igualmente da Sociologia. À primeira vista, os conceitos, os traços que diferenciam sociedades racionais das irracionais. Nas primeiras com padrões distintos de comportamento e conduta que de *per si* as caracterizam, tal a conceituação científica a que se recorra. A cultura despe-se de sua cosmovisão universal, por essência valorativa, para o

reconhecimento do campo comparativo amplo das várias culturas, valores distintos e múltiplos, observáveis a cada recanto remoto da humanidade. Eis o que diferencia a visão dos valores culturais de cada sociedade, perante o conceito de cultura como valor essencial ao ser humano, tal se observa na ótica filosófica globalizante.

Na era pré-industrial, em “*Carta sobre a Educação Estética do Homem*”, Schiller protestou contra a “*utilidade*”, como valor a que se submetia a atividade cultural, um falso dilema a resolver entre o “*o útil e o belo*”, juízo de valor, a “*etiqueta alemã para obras de arte ou espetáculos de mau gosto...com pretensões a exhibir valores ‘sublimes’, o vulgar que aspira a parecer refinado, a cafonice (inconsciente) que bota banca de beleza*” (José Guilherme Merquior).

Na atualidade, porém, não há de se subestimar o conjunto produtivo cultural – geração de atividades, acumulação de riqueza, arrecadação de impostos – de que se vale o Estado contaminado pela censura institucional e mercadológica, promotor da política assistencialista que o afasta das melhores prioridades.

Segundo o antropólogo Joseph Folson a cultura representa “*tudo quanto (é) artificial...instrumentos e hábitos de vida inventados pelo homem e transmitidos de uma geração a outra.*”. Tal conceito encerra um sentido material, tecnológico, idealístico, organizacional em diversas sociedades, analisando-os comparativamente. Dessa forma existem culturas diferentes, dando-se ênfase mais quantitativa ainda que nos padrões de comportamento, como são vistos nos valores e nas normas de conduta que explicitam. Para Kant, a norma: *o direito de um se encerra nos limites do direito alheio.*

Na conjuntura dos pensadores alemães, Tylor definiu a cultura como “*todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, costume e quaisquer aptidões adquiridas pelo homem como membro da sociedade*”. Nesse mesmo prumo situava-se Lévi-Strauss, para quem o nascimento da cultura está “*no momento em que o homem criou a primeira regra de conduta.*”.



Iguais indicadores da cultura, na visão marxista, eram chamados de superestrutura. Para a conceituação de Bottmore, a cultura se limita “aos *aspectos ideacionais da vida social, distintos das relações reais e das formas de relações entre os indivíduos*”. Reconhecidos e firmada está a intimidade entre os elementos materiais e não materiais. Não raro a tendência em separar-se ou proceder-se a fusão dos conceitos idealistas e materialistas da cultura, atribuindo ser Ela a própria ação e reação, produto e produtor, realidade e ideia, ideia pura e matéria transformadora.

Comparem-se ao nosso tempo de alta tecnologia *robotizada*, comparativamente ao tempo dos rituais da pajelança da cura entre os indígenas do Xingu, no Amazonas, à manutenção dos rituais de “*magnificenza grandíssima*” da igreja católica. São distintos no tempo, mas secularizados em conteúdos de fé e ciência, forma e espaço, presença e testemunho da vida do ser humanizado. Para Herskovits, a cultura é “...*universal e particular, estática e dinâmica, determinante e determinada*”.

A unidade dos conceitos que se aborda, quer no idealismo, quer no materialismo, capazes de unir formulações do mundo espiritual e material, em diversificadas formas de produção cultural, de pensar e de sentir, representa um todo factível de ser contextualizado para efeito de análise e ação, tal o objetivo que se pretenda. Na esfera antropológica de cultura, ao destacar-se o seu espectro espiritual, como fazem alguns estudiosos, para quem realizações tidas como do espírito e, portanto, superiores (arte, ciência, filosofia), são antevisões referenciais definidas como “cultura *stricto sensu*”, refinadas e complexas nas tentativas de expressar o mundo.

Visto o pleonasma que se reporta a cultura ao que chamam de arte e literatura, em verdade reduz o seu conceito as artes plásticas, excluindo outras manifestações como o teatro, a dança, o cinema, igualmente meritórias, todas no campo da estética.

Outras preocupações no campo antropológico distinguem personagens cultos dos da ciência, atribuindo o predomínio des-

tes últimos, característica da era industrial moderna. Houve até o uso da expressão cultura às Humanidades (letras clássicas, mais atualmente filosofia e literatura), ao que se opunham as ciências exatas e naturais. São formas meritórias de conhecimento, idealização da realidade, glorificação e registro da condição humana. Por ora, mais amplo ou menos restrito em seu conjunto, sejam superestrutura ou cultura material, esses conceitos todos se manifestam como patrimônio de um povo determinado, de um mero lugarejo algures.

Por fim, a conceituação operacional ou meramente estética da arte não *deve* prescindir do intuito maior e significativo da cultura, qual seja a “*humanização progressiva do homem*” (Alberto Cunha Melo). A conferir.

Natal, maio/2021

GILENO GUANABRA é advogado e escritor, autor de “Faculdade de Direito de Natal - Lutas e Tradições” e outros livros.

O DESAFIO DAS PALAVRAS

Elder Heronildes

Não textual, mas: “Tudo vale a pena se a alma não é pequena.” FP)

Começaria, sem nenhum favor, e antes de qualquer propósito, ou com o mínimo, ou nenhum interesse, pondo em relevo uma simples observação, dizendo, sem mais delongas, que tenho admiração e uma certa simpatia e atração, pelo que escreve Manoel Onofre Júnior. Isso vem de longe. A “priori” e sem nenhum subterfúgio chego até a dizer, não contendo quaisquer resquícios de pura louvação, que gosto dos textos dados à luz por Manoel Onofre Junior. Tenho-os todos, cá comigo. E mais, já os li e gostei. Talvez já comece a ler com essa predisposição, o que assevero entender, não se constituir crime nenhum. Louvar, não é crime nem erro, mesmo sendo o louvado, um amigo. Não se trata de crítica laudatória, nem de busca de defeitos, pois não sou crítico, nem de uma nem de outra maneira.

Os seus textos, e tenho-os acompanhado em suas diferentes obras, são sempre marcados pela simplicidade, suavidade, leveza, atingindo com visível delineamento técnico e formal, os objetivos desenvolvidos em diferentes oportunidades e situações diversas no tocante ao gênero, aos temas, estilos e formas. Pode-se até dizer, repetindo alguém, que vai do particular ao geral, voltando do geral ao particular, sem diminuir a grandeza da escritura., sem quebra da sincronia e nem da harmonia.

E este “O Desafio das Palavras”, não foge àquele encadeamento ao qual me referi anteriormente. E diria mais, Manoel Onofre, com singeleza, elevado poder de síntese e leveza estilística, torna mais compreensível, mais assimilável, agradável e absorvível,

o móvel do processo de burilamento das palavras, dentro das suas variações, até encontrar o ponto escolhido como desaguadouro. E o faz com maestria, digo-o sem sobroço.

Não sou crítico e nem faço análise literária, pois, como já disse, falta-me engenho e arte. E em sendo assim, diria mais ainda, lembra-me, guardando as diversas situações formais, técnicas e gêneros; quando leio Manoel Onofre Jr, do maravilhoso Graciliano Ramos, por quem tenho uma incontrolável admiração. Há momentos de secura, de precisão e concisão em Manoel Onofre, como os há em Graciliano Ramos, não lhe faltando a visão crítica, a densidade literária e a perspectiva do ensaísmo, entranhado no percurso dos textos que compõem o livro. Sai-se de um plano e entra-se no outro com desenvoltura, alcançando o todo através de fragmentos bem alinhados. Não é todo escritor que assim o faz. Fragmentar e depois juntar o que se fragmentou, transformando-o num todo assimilável e compreensível, não é fácil. E ele o faz com visível simplicidade.

E ainda, por oportuno, induzido pelo que disse Sócrates, e esse sabia das coisas, embora expressasse o contrário:

“A palavra é para a alma o que o remédio é para o corpo.”

Assim o foi, e assim será. E aqui, sente-se isso.

Dáí a sua importância, fazendo-me enveredar pelo palavrório, que admito perdoável. Perdoar o pecado é cristão, mesmo não se perdoando o pecador. Não o faço por falsa modéstia, pois repudio a falsidade quaisquer que sejam as suas formas. Jamais ofereceria a alguém uma modéstia se não a sentisse...

Há famosos escritores que são palavrosos (prolixos) até não querer mais, mas são bons e elogiados; contudo, no meu caso, apenas uma parte cabe, pois não sou famoso e nem bom escritor, mas escrevo, inclusive porque gosto, mesmo sem escrever bem, mas prolixo. Lendo-se Marcel Proust, por exemplo, às vezes falta fôlego no término de uma oração. Mas como é bem feito e gostoso o texto!

Esta obra, como tantas outras, da lavra de Manoel Onofre Júnior é carregada de sentimentos, de lembranças, algumas até sarcásticas, não fugindo à ironia, mas ditas com precisão, envoltas em uma simplicidade e poder de síntese, com uma urdidura bem elaborada, uma estruturação perfeita, em forma, em conteúdo e, também no tocante à técnica empregada, no comum agradável e ao alcance de quem o ler. Como um verdadeiro escritor crítico, na expressão legítima do termo. Demonstrando, além do mais, ser dotado, cabe aqui o termo, de hipertimesia, memória superdesenvolvida.

“O Desafio das Palavras” apresenta-se com uma abrangência facilmente observável, ressaltando-se, mais uma vez, como é comum no autor, aqueles elementos intrínsecos e extrínsecos, numa junção, interessante e visível, formadora de condutos que sempre estão presentes no traçado dos seus livros; e o que é mais interessante, no tocante aos livros e autores que põe em relevo; valendo ressaltar que, sem muitos salamaleques, trejeitos ou palavras rebuscadas e pomposas, elas fluem e refluem, atingindo plenamente seus objetivos; ou seja, agradam aos leitores, qualquer que seja o gênero. Juntar as palavras distribuí-las e encaminhá-las aos seus devidos lugares, sem subterfúgios ou obscuridades; ele o faz com muita maestria; própria dos grandes e hábeis construtores da palavra escrita; no campo da prosa ficcional, do ensaio ou da crítica propriamente dita, como se observa com facilidade neste “O Desafio das Palavras.” O livro comentado não foge ao sentido do crítico literário, em nenhum momento. Nele há a presença do escritor-crítico. Pois visível é o juízo de valor nele existente, num hábil e intrincado desenvolvimento de conceitos, dentro de uma dialética admirável, sem perder o fio da meada.

Há escritores que dizem que escrevem para si próprios. Há outros, como Bernanos, que se perdia e nada escrevia, tendo à sua frente uma folha de papel em branco e na mesinha existente em sua casa. Fazia, e fez notáveis textos, em mesas de bar, em cafés e em viagens de trem. Cada um com o seu cada qual, forçando aqui a junção de termos evitáveis. Se fosse levar em conta a idiossincra-

sia de renomados escritores, ter-se-ia que ir muito longe, infernizando a vida do leitor com tantos desvios. Transferir para o leitor aquelas propriedades, além das emoções naturais, é fazê-lo, além do mais, um crítico. Aliás, há quem diga que, ao escolher um livro para ler, já se estará fazendo um juízo de valor. Não sei se se pode ir até aí. Porque a análise literária, ou a crítica propriamente dita, requer a junção de muitos elementos, alguns de difícil assimilação e penetração, por conta de grandes obscuridades, como disse o nosso autor, em relação ao celeberrimo irlandês/inglês James Joyce. Trata-se, aí, em relação a Joyce, de puro solipsismo, preferindo construir muros e não pontes! Eu e eu, nada mais! Penso assim, talvez apressadamente.

O sentir-se e emocionar-se, se for o caso, com a obra já seria muita coisa; embora sem nenhum sentido apreciativo, e trocado em miúdo, crítico. E seria até louvável que o autor, qualquer que ele seja, levasse o leitor a esse clímax de atenção; não só lendo, mas envolvendo-se, não só vendo, mas sentindo-se penetrado pelas palavras escritas, através dos olhos, que levam até ao cérebro (inteligência). Os olhos, sem duvida, são importantes caminhos nessa decifração. Os olhos não só veem como sentem. Foi, não há porque negar, o que senti em “O Desafio das Palavras”, permitindo-me ir muito além do razoável.

Não há livro, qualquer que seja o gênero ou estilo, abrangendo prosa, ficção, romance, conto, novela, poesia, ensaios de diferentes matizes, inclusive filosóficos, que prescindam das palavras. Não há livros sem palavras, diria então, com a minha insignificância. E palavras bem aplicadas, bem urdidas e bem postas, como o faz com sensibilidade, Manoel Onofre.

Aliás, faz-me lembrar, não sei mesmo quem disse se Mallarmé, Valaine ou Paul Valery, pondo em destaque a poesia, que: “Faz-se um poema com palavras”; é mais provável que tenha sido este último, que vislumbrou fazer da poesia, metodicamente falando, uma obra de precisão técnica. Surge aí o artesão, valeryano.

Manoel Onofre Jr, com simplicidade, e não receio repetir, enche todas as medidas. Vai além do que se pensa e do que se sabe, envolvendo na leitura, quem o ler, não se podendo largar o livro, a não ser para logo voltar.

O autor fez-me lembrar que tenho perto de mim, sempre, “A Biblioteca e seus Habitantes”, do meu saudoso e querido professor, mossoroense de coração, Américo de Oliveira Costa, por um motivo muito simples: encontro nele, num livro só, a literatura universal, numa abrangência impressionante. Junto a ele, vou conservar, agora, pelo mesmo motivo mesmo com enfoques, planos e elaborações diferentes, “O Desafio das Palavras”, do mestre em literatura, em todos os gêneros, espécies, técnica e estilos, Manoel Onofre Jr. Não sei quem disse que estilo é espírito. E esse termo cabe bem na obra do autor e conterrâneo

E faz-me ressurgir, não das cinzas do purgatório como diria Carpeaux, mas daqui de perto, onde o mantenho sempre, (o mundo é pequeno) junto a outros, o livro “Alguma Prata da Casa”, edição de 2012, ao qual, mesmo fugindo um pouco do tema que tento concluir, e por isso peço perdão, leio: “Para o amigo Elder Heronildes, com um forte abraço, Manoel Onofre Jr. 10-12-2013.” Segue a inconfundível assinatura

Tinha, em priscas eras, feito algumas anotações sobre “Alguma Prata da Casa”. Procurei-as agora, perdi-as, infelizmente, nesse emaranhado de folhas soltas entre gavetas e livros. Mas voltarei ao assunto, pois nele tem tudo sobre o Rio Grande do Norte, a partir da poesia, prosa, ficção, etnografia, história, memorialismo. Nesse livro tem de tudo, vou voltar a ler. Aliás, nos textos da lavra de Manoel Onofre, encontram-se de tudo, aqui e alhures, perto e longe também. É por isso que vou mantê-lo perto de mim.

Não vou esquadrihar “O Desafio das Palavras”, pois como é visível já disse, um tanto e um quanto do que me era permitido dizer, contudo não posso passar ao largo em relação a algumas de suas abordagens, evocações e nuances, inclusive de conotações

históricas, etnográficas e memorialísticas; algumas até com viés romanesco. Não sei como ele consegue fazer isso, induzindo a uma agilidade mental do leitor.

Por exemplo, Jorge Amado e suas diferentes fases que também, por admiração, até mesmo política, na juventude, me levou à leitura.

Nunca esqueci e gravei o que contém no início de Seara Vermelha, se a memória não me falha:

“Cai orvalho na face do escravo

Cai orvalho na face do algoz

Cresce cresce Seara Vermelha

Cresce cresce vingança feroz.”

Não gostei dele, o exarado endeusamento de Stalin, se não me engano em “Subterrâneo da Liberdade.” Foi além da medida...

Popularizou o romance de costume, de sentido político/ideológico, e o regionalismo entre nós, tendo projeção internacional; daí terem sido seus livros publicados em vários países. Não é em verdade aquele regionalismo de A Bagaceira, de José Américo, nem o de Graciliano Ramos, alguns, também de cunho político e psicológico, ou José Lins do Rego e tantos outros dessa estirpe. O regionalismo que deu tanto o que falar inclusive sobre um manifesto feito nos idos de cinquenta, como se fora em 1926. Ai é outra história e interessante, fazendo emergir o “Sursum Corda” de Inojosa.

Boas e com muita propriedade, as colocações de Manoel Onofre sobre Miguelinho. Concordo em gênero, número e grau. Fala-se, aliás, acho que foi em Eduardo Frieiro, que o movimento só foi descoberto, pelo menos com a surpreendente antecedência, porque o Mártir, que gostava de bebericar em determinado bar, deu com a “língua nos dentes”. Naturalmente sem esse propósito, pois até o fim manteve-se com bravura, heroísmo e elevado valor cívico, sem, em nenhum momento tergiversar.

Miguel Joaquim de Almeida Castro, Frei Miguelinho, graças a Deus é homenageado em Mossoró, por ser patrono de uma rua, que praticamente cruza a cidade. Merece ser mais homenageado, aqui, em Natal, no nordeste e no Brasil, pois se trata de um verdadeiro mártir da independência.

É com carinho que falo sobre o assunto, pois, salvo engano, um tio/avô dele, Dr Almeida Castro, foi um grande líder político do passado mossoroense, exercendo diferentes cargos aqui e no Estado. Incontestavelmente, foi o maior líder político no passado em Mossoró e no Estado. O vulto do Dr. Almeida Castro continua pairando acima da história mossoroense, da qual foi um grande e principal protagonista.

Por isso, Miguelinho é muito caro aos mossoroenses e deveria ser mais homenageado, aqui e lá fora.

Outro assunto que me povoou o espírito foi aquele concernente a Monteiro Lobato e o modernismo, contemporaneamente, com situação bem atenuada em relação ao movimento, principalmente por conta do choque com a grande pintora Anita Malfatti, no dizer de Mario da Silva Brito, que lembra ser Lobato admirador de Brecheret, que se enquadrava justamente naquele estilo de Malfatti.

As cascudianas enchem e preenchem os limites. Juntando-se Onofre e Cascudo só podem surgir graciosidade e beleza na estrutura escritural e de elevado espírito. E as colocações do autor são preciosas, agradáveis e cheias de bom humor, fazendo rir em alguns momentos, sem confundir com gargalhadas, como ele frisou. Lendo-se, aliás, como todo o livro, tem-se vontade de voltar. E isso, o farei posteriormente. Pois o tempo está esgotado e eu não posso abusar da paciência de ninguém. E isso aqui já está muito cumprido.

Tenho que ficar por aqui, pois adentrar no mundo da literatura de Manoel Onofre Jr, é um caminhar sem fim.

Ressalto, com aprovação, alguns dos autores por ele alinhados e postos em relevo, como Lima Barreto, Saramago, Joyce, Enéas

Athanazio, meu querido Vivi (Veríssimo), François Silvestre, ficcionista da minha predileção, (voltarei a ele); além da abordagem sobre prefácio, incluindo o (auto) Interessantíssimo (M Andrade), Humberto de Campos e academias. Eu amo as academias, principalmente, a de Mossoró e a de Natal.

La esquecendo uma das minhas preferências, Aurélio Pinheiro, que morou muitos anos na Serra Mossoró e de lá escrevia para o jornal O Mossoroense. Ele é patrono de uma cadeira da AMOL, que teve como seu primeiro ocupante fundador, o prof. Américo de Oliveira Costa.

ELDER HERONILDES é poeta, escritor e advogado. Ex-reitor da UERN, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e atual presidente da Academia Mossoroense de Letras (AMOL).

UMA ACADEMIA NO SERIDÓ

Carlos Roberto de Miranda Gomes



A região do Seridó sempre nos ofereceu rasgos de cultura, religiosidade e pesquisa histórica.

No ano 2000, da Graça do Nosso Senhor Jesus Cristo, inaugurando o Terceiro Milênio, intelectuais do Município de Currais Novos, no Rio Grande do Norte, sob a firme liderança de Antônio Guedes Filho, reuniram-se na sala de vídeo do Campus da UFRN, com a concordância do Professor Ítalo Andriola Fernandes – Departamento de Ciências Sociais e Humanas – DCSH, dentro do Projeto de Extensão, no dia 18 de setembro, pelas 16,30 h, constituíram uma Entidade Civil, sem fins lucrativos, com a denominação de ACADEMIA CURRAISNOVENSE DE LETRAS – ACL, com 20 cadeiras, oportunidade em que foram aprovados o seu Estatuto Social e o Regimento Interno e escolhidos como fundadores: Cadeira 01 – Antônio Guedes Filho, Patrono Monsenhor Paulo Herôncio; Cadeira 02 – Ausônio de Araújo Filho, Patrono Pedro Pereira de Araújo (agora ocupada por João Batista de Moura); Cadeira 03 – Antônio Quintino Filho, Patrono Monsenhor João Clementino de Melo Lula (agora ocupada por Edneide Maria Pinheiro Galvão); Cadeira 04 – Maria de Fátima Barros da Rocha, Patrono Gumercindo Fernandes de Amorim; Cadeira 05 – Mário Lourenço de Medeiros, Patrono Everton Dantas Cortez; Cadeira 06 – José Lucas de Barros, Patrono Antônio Othon Filho (agora ocupada por Celso Bezerra da

Cruz); Cadeira 07 – Valdenides Cabral de Araújo, Patrono Manoel Tomaz de Araújo.

Posteriormente, outras cadeiras foram criadas, em número de vinte e, com a recente alteração foi ampliado o número de cadeiras para quarenta, seguindo o modelo francês, com os seguintes Patronos e os ocupantes de algumas delas, ficando algumas, ainda, para preenchimento: Cadeira 08 – Celestino Alves; Cadeira 09 – Zila da Costa Mamede, ocupada por Maria José Mamede Galvão, recentemente falecida, deixando-a vaga; Cadeira 10 – Suetonia Dalva Nunes Batista; Cadeira 11 – Geraldo Luiz de Azevedo; Cadeira 12 – Mariano Coelho; Cadeira 13 - José Praxedes Barreto (Zé Praxedi); Cadeira 14 – Manoel Genésio Cortez Gomes; Cadeira 15 – Laurentino Bezerra Neto; Cadeira 16 – Tristão de Barros; Cadeira 17 – Mário Moacyr Porto; Cadeira 18 – José Cortez Pereira de Araújo, Patrono Vivaldo Pereira de Araújo, (agora ocupada por Wesley José Gama); Cadeira nº 19 – José Adailton de Medeiros, Patrono Manoel Teotônio Freire Júnior (agora ocupada por Adriano Nunes); Cadeira 20 – Manoel Rodrigues de Melo; Cadeira 21 – José Bezerra Gomes, agora ocupada por Maria Maria Gomes (Maria José Gomes); Cadeira 22 - José Lucas de Barros, agora ocupada por José Ivam Pinheiro; Cadeira 23– José Cosme da Silva (José Milanez), agora ocupada por Geralda Efigênia; Cadeira 24 – Maria do Céu Pereira Fernandes, agora ocupada por Paula Érica da Silva; Cadeira 25 – Monsenhor Ausônio de Araújo Filho, agora ocupada por Francisco de Assis Costa; Cadeira 26 –Ulisses Telêmaco de Araújo Galvão ; Cadeira 27 – Antônio Quintino Filho ; Cadeira 28 – Raimundo Alves da Silva (R.Alves); Cadeira 29 – Tomaz Salustino Gomes de Melo; Cadeira 30 – Luís Carlos Guimarães ; Cadeira 31 –João Batista Gomes (João de Orestes) ; Cadeira 32 –José Fernandes de Melo ; Cadeira 33 – Joabel Rodrigues de Souza; Cadeira 34 – Francisco Martins Fernandes (Francilúzio); Cadeira 35 – José Adailson de Medeiros; Cadeira 36 – Francisco das Chagas Bezerra (Maestro Chico Caçote); Cadeira 37 – José Antonio de Melo; Cadeira 38 – Francisco Felix de Lima (Chico Santeiro); Cadeira 39 – José Cortez Pereira de Araújo; Cadeira 40 – Maria de Lourdes Coelho (Sinhá Coelho).

Do evento inicial foi lavrada uma ata circunstanciada de constituição da Entidade, que levada ao Ofício de Pessoas Jurídicas da Comarca (3º Cartório Judiciário), tomou o número 427, livro AX, fl. IV, em 10 de outubro de 2000.

Como providência inicial foi feito o registro da nova Entidade no CNPJ da Receita Federal do RN sob o nº 04.141.293/0001-88. Ato contínuo, ocorreram o reconhecimento de utilidade pública municipal pela Lei nº 1.538/2000 e Lei nº 8.532, de 20 de julho de 2004.

Na reunião de constituição foi escolhida uma Diretoria para os respectivos cargos, composta pelos Acadêmicos Antônio Guedes Filho, Presidente; Valdenides Cabral de Araújo Dias, Secretário Geral; Maria de Fátima Barros da Rocha, Primeiro Secretário; José Lucas de Barros, Segundo Secretário e Mario Lourenço de Medeiros, Tesoureiro.

Em seu Estatuto primitivo, foi adotado o lema “Vita Brevis, ars longa” e tinha como objetivos: propagar, desenvolver e estimular a cultura das letras, em suas diversas modalidades, assim relacionadas de maneira ampla.

O Regimento Interno, por sua vez, de maneira equivocada fazia previsão de cargos, funções e outros assuntos de caráter estrutural, quando isso deveria ter sido incorporado ao Estatuto, que tem a força de criar, constituir, estatuir, enquanto o RI apenas o de regulamentar a forma do seu funcionamento.

Não por esses motivos referidos, mas o entusiasmo inicial foi se arrefecendo com o correr do tempo, alguns faleceram, redução de comparecimento às sessões dos remanescentes, sem perspectivas de realizar projetos culturais por dificuldade financeira, ficando toda a responsabilidade concentrada nas mãos do seu criador Antônio Guedes Filho que, com a chegada da pandemia do covid 19 e por problemas de saúde próprios, sentiu a impossibilidade de dar continuidade àquele sonho idealizado anos atrás. Assim, man-

teve contato com intelectuais mais jovens e alguns remanescentes da ACL para fazer ressurgir a Entidade, publicando um Edital de Convocação de Assembleia Geral Extraordinária para o dia 18 de maio de 2021, pela via da internet (Google Meet, Zoom ou similar), com uma pauta realista: apresentação do cenário da instituição cultural, quadro de sócios efetivos remanescentes, declaração de vacâncias e proposição para substitutos, designação de Comissão Especial Provisória para cuidar dos procedimentos de restauração da Academia, reorganização administrativa e fiscal, busca de um espaço público para sua sede e outros assuntos correlatos.

A AGE foi efetivamente realizada, pelo sistema Google meet, complementada nas sessões continuadas dos dias 7 e 14 de julho, com presença de alguns dos seus fundadores e outros intelectuais convidados, dela resultando muitas decisões da maior importância, registradas na Ata de Reativação e Reestruturação da ACL, que merecem registro:

- 1) apresentação do atual cenário da Entidade;
- 2) levantamento das cadeiras vagas em razão do encantamento dos titulares e eleição de novos ocupantes, o que aconteceu nas pessoas dos intelectuais em seguida nominados, todos preenchendo os requisitos para se tornarem sócios efetivos, para substituição das Cadeiras vagas dos fundadores: Cadeira 02 – João Batista de Moura; Cadeira 03 - Edneide Maria Pinheiro Galvão; Cadeira 06 - Celso Bezerra da Cruz; Cadeira 18 - Wesley José Gama; Cadeira 19 - Adriano Nunes, os quais foram proclamados eleitos e empossados.
- 3) No correr dos trabalhos foi proposto um texto de novo Estatuto, elaborado com a colaboração do convidado Carlos Roberto de Miranda Gomes, advogado, membro de várias Academias de Letras e Instituições Culturais, especializado em elaboração de estatutos que, após longa discussão, foi aprovado na sessão do dia 11 de agosto de 2021 por unanimidade e levado a registro no Ofício Especializado da Comarca de Currais Novos, ampliando

o alcance dos objetivos da agora denominada Academia Curraisnovense de Artes e Letras – ACAL, com ampliação do número de Cadeiras – das 20 iniciais para 40, conforme o modelo francês e tendo as seguintes finalidades: *preservação e a divulgação do vernáculo, da literatura, e da atividade cultural em seus múltiplos aspectos, científico, histórico, artístico e literário.*

4) Foi feita a escolha dos nomes dos novos Patronos e a eleição de algumas delas nas pessoas de Cadeira 18 – Wescley José Gama; Cadeira nº 19 – Adriano Nunes; Cadeira 21 – Maria Gomes; Cadeira 22 - José Ivam Pinheiro; Cadeira 23 – Geralda Efigênia; Cadeira 24 – Paula Érica da Silva; Cadeira 25 – Francisco de Assis Costa.

5) Houve a designação de uma Comissão Especial Provisória composta pelos Acadêmicos Maria Maria Gomes, Geralda Efigênia, Celso Cruz e José Ivam Pinheiro para auxiliar a Diretoria Provisória, também escolhida na oportunidade, com a seguinte composição: Presidente Antônio Guedes Filho, Presidente; Mário Lourenço de Medeiros, primeiro Secretário; Valdenides Cabral de Araújo Dias, segundo secretário e Francisco das Chagas Guimarães, Tesoureiro, cujo mandato terá vigência até a posse da nova Diretoria que for eleita.

Acontece, que uma vez assinado o texto do novo Estatuto, o Presidente da Diretoria Provisória e mentor maior da criação da Academia Antônio Guedes Filho, tendo o agravamento do seu quadro de saúde, elaborou uma Carta de Renúncia ao cargo para o qual foi eleito, onde Guedes descreve com tristeza sua condição de saúde, que de forma irreversível o impede de continuar à frente das atividades como Presidente, no que resultou a convocação de nova Assembleia Geral Extraordinária para a escolha de um substituto legal, a qual aconteceu no dia 18 de julho do ano corrente de 2021, com a modificação da Diretoria Provisória para a seguinte composição:

Acadêmicos Mario Lourenço de Carvalho, Presidente; Geralda Efigênia Macêdo da Silva, Valdenides Cabral de Araújo Dias, Maria de Fátima Barros da Rocha e José Lucas de Barros.

Conseqüentemente, com a renúncia também houve alteração da Comissão Especial:

Acadêmicos Maria Maria Gomes (Maria José Gomes de Araújo), João Batista Moura, Celso Cruz e José Ivam Pinheiro para auxiliarem a Diretoria Provisória.

Na sessão foi comunicado o falecimento da acadêmica Maria José Mamede Galvão, em razão do que lhe foi feita a homenagem de dar o seu nome ao Ponto de Leitura da ACAL.

Que bons ventos soprem o destino dessa Academia e doravante não tenha mais obstáculos para seu pleno funcionamento.

CARLOS ROBERTO DE MIRANDA GOMES é escritor, advogado e professor aposentado da UFRN. Membro Honorário Vitalício da OAB/RN, Professor Emérito da UFRN, Membro da ANRL, ALEJUR, AML, IHGRN e UBE-RN.

OS 80 ANOS DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE FOLCLORE

Francisco Firmino Sales Neto

Pela ocasião do dia do folclore, 22 de agosto de 2021, em referência à data em que o termo foi cunhado pelo inglês William John Thoms (em 1846), recordo-me da Sociedade Brasileira de Folclore fundada por Luís da Câmara Cascudo, em Natal, no dia 30 de abril de 1941. Apesar da importância dessa instituição dedicada aos estudos folclóricos, que articulou intelectuais no Brasil e em diferentes países, os 80 anos de sua criação passaram despercebidos pela maioria das entidades culturais e políticas de nosso estado. Tal data comemorativa nos chama a atenção à importância dessa instituição para o estabelecimento de um *Pensamento Social* que, em meados do século XX, privilegiou os chamados saberes do povo no Rio Grande do Norte.

É preciso destacarmos que a Sociedade Brasileira de Folclore foi fundamental para a formação de uma tradição intelectual em torno do folclore. Ela foi capaz de arregimentar pensadores e promover ações intelectuais, a partir do Rio Grande do Norte, mesmo antes do governo de Getúlio Vargas subvencionar e fomentar os estudos folclóricos no país, dentro de uma política cultural nacionalista: o que, posteriormente, resultou na fundação da Comissão Nacional de Folclore, no Rio de Janeiro, em 1947; e na Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, em 1958.

Estudiosos do tema como Câmara Cascudo, Veríssimo de Melo, Hélio Galvão, Oswaldo Lamartine e, posteriormente, Défilo Gurgel compuseram uma tradição intelectual sobre o tema e participaram decisivamente do processo de consolidação dos estudos folclóricos no Brasil, especialmente entre os anos 1940 e 1950, naquilo que ficou conhecido como o Movimento Folclórico Brasileiro.

A fundação da referida *Sociedade* se confunde com a trajetória intelectual de Luís da Câmara Cascudo, seu fundador e presidente vitalício. Cascudo publicou seus primeiros textos sobre o assunto no início dos anos 1920, na prestigiada *Revista do Brasil*, dirigida por Monteiro Lobato; e publicou seu primeiro livro dedicado ao folclore no final dos anos 1930, intitulado *Vaqueiros e cantadores* (1939). Direcionando seus estudos e escritos para essa área de saber que o consagraria internacionalmente, naquele 30 de abril de 1941, Cascudo e outras personalidades políticas e culturais do Rio Grande do Norte fundaram uma das primeiras instituições folclóricas do país e, mesmo com uma composição inicialmente local, deram a ela um alcance nacional: surgiu ali a Sociedade Brasileira de Folclore.

Mas essa não foi a primeira instituição cultural fundada por Câmara Cascudo, em Natal. É preciso lembrarmos que, em 1936, ele já havia movimentado os intelectuais locais quando da fundação da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Segundo o próprio Cascudo, a fundação de uma instituição dedicada aos estudos folclóricos foi uma resposta às recomendações estabelecidas por congressos internacionais realizados em torno do tema, nas primeiras décadas do século XX, que previam a criação de institutos folclóricos e o estabelecimento de ações políticas e intelectuais que pudessem inserir o folclore nos programas de ensino.

Com esse fim, tomado por um sentimento político-cultural pan-americanista, Cascudo organizou um Círculo Pan-americano de Folclore, em 1940, como movimento intelectual para irmanar e aproximar folcloristas e fazer circular estudos sobre o tema em todo o continente americano. Como órgão brasileiro desse círculo, fundou então a Sociedade Brasileira de Folclore no ano seguinte. Em suas próprias palavras, seu objetivo era “derrubar as muralhas chinesas que separam os povos ibero-americanos, do Canadá a Argentina, estabelecendo um contato intelectual proveitoso e fraternal, baseado na comunidade dos assuntos e similitude dos estudos.”⁵

5 CASCUDO, Luís da Câmara. [Cópia de correspondência enviada a L. S. Rowe]. Natal, 21 nov. 1941. 1p. Carta. Acervo do Ludovicus - Instituto Câmara

Ao longo de toda a década de 1940 e 1950, a partir de sua sede em Natal, a *Sociedade* estabeleceu uma rede de intelectuais preocupados com os saberes populares, propondo uma “Ciência do Povo”. Antropólogos, etnógrafos, historiadores, memorialistas, jornalistas, políticos e toda uma sorte de pensadores reunidos sob o perfil de folcloristas foram se tornando sócios da entidade. Mais de uma centena de intelectuais do Brasil e de outros 26 países compunham seu quadro de sócios, constando nomes prestigiados como Gustavo Barroso, Heitor Vila-Lobos e Mário de Andrade, no Brasil; Franz Boas, Ralph Steele Boggs e Stith Thompson, nos Estados Unidos; Antonio Ferro, Augusto César Pires de Lima e José Leite de Vasconcelos, em Portugal; e Antonio Castillo de Lucas, Julio Caro Baroja e Ramon Menendez Pidal, em Espanha.

Entre as principais ações desenvolvidas pela instituição, podemos listar a participação de seus membros em congressos folclóricos e a vinculação a outras importantes instituições culturais da época. Cascudo, por exemplo, chegou a ser indicado para conselheiro no Brasil da Comissão Internacional de Artes e Tradições Populares da UNESCO, em 1947; e, no mesmo ano, viajou a Portugal para atuar na Comissão Executiva para a realização do Primeiro Congresso Luso-brasileiro de Folclore. Além disso, foi organizada a publicação de uma coleção de livros intitulada *Biblioteca da Sociedade Brasileira de Folclore* que, vale mencionar, publicou os primeiros livros de Veríssimo de Melo sobre esse tema.

A instituição existiu até o início dos anos 1960, quando um princípio universitário se estabeleceu no Brasil, consolidando a antropologia e fragilizando o folclore no interior das Ciências Sociais. Naquele contexto, surgiram diversos Institutos de Antropologia no Brasil, como o da Universidade do Rio Grande do Norte, fundado no ano de 1960. Após mudanças ao longo dos anos, o Instituto de Antropologia corresponde hoje a um dos nossos principais equipamentos culturais: o Museu Câmara Cascudo. E o acervo da Sociedade Brasileira de Folclore se encontra no Ludovicus - Insti-
Cascudo, em Natal.

tuto Câmara Cascudo, relevante instituição cultural que abriga o espólio intelectual de Cascudo. Embora a *Sociedade* tenha deixado de existir, ela permitiu a diferentes intelectuais se inserirem em uma vasta rede de folcloristas e, de alguma forma, os permitiu dar continuidade aos estudos folclóricos no Rio Grande do Norte.

Por tudo isso, evidencia-se a importância desta data comemorativa em torno dos 80 anos de fundação da Sociedade Brasileira de Folclore enquanto relevante episódio histórico e cultural do Rio Grande do Norte. O estabelecimento de uma associação intelectual com esse perfil é uma das razões de o nosso estado ter uma forte tradição intelectual em torno dos estudos folclóricos e nos permite compreender o porquê de os saberes populares estarem na chave que utilizamos para explicar a cultura norte-rio-grandense e seu povo.⁶

FRANCISCO FIRMINO SALES NETO é Professor Adjunto IV na Universidade Federal de Campina Grande (Cajazeiras - Paraíba). É também professor colaborador do Programa de Pós-graduação em História e Espaços, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal). É líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Cultura (GEPHC/UFCEG/CNPq).

6 Para saber mais sobre o tema, assistir a mesa redonda *Ciência do povo, saber popular: os 80 anos da Sociedade Brasileira de Folclore* – ocorrida em 20 de agosto de 2021, às 19h30m, pelo Museu Câmara Cascudo Virtual. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wDXgrDiwezI>>.

A MEDICINA POPULAR PRATICADA NO SERTÃO NAS CIRCUNVIZINHANÇAS DA FAZENDA ARACATI

Benedito Vasconcelos Mendes

A Fazenda Aracati distava 60 quilômetros da cidade de Sobral e situava-se entre dois distritos sobralenses, Caracará e Aracatiaçu (Santo Antônio do Aracatiaçu). Da fazenda ao Caracará são 5 quilômetros e para Aracatiaçu são 15 quilômetros. Nas décadas de 1950 e 1960 ainda não existiam estradas asfaltadas para Sobral e as frotas de ônibus e de táxis (carros de aluguel, geralmente Jeep da Marca Willys) eram muito reduzidas, contribuindo para que a grande maioria dos problemas de saúde da população sertaneja fosse tratada de maneira empírica, por profissionais locais, que praticavam a medicina caseira regional (enfermeiros de formação prática, parteiras, encanadores de braço, arrancadores de dente, raizeiros e curandeiros-rezadores), residentes nas duas vilas (Caracará e Aracatiaçu) ou mesmo em fazendas da região. Na Vila Caracará morava o Seu João Enfermeiro, um profissional da área da saúde que tinha muita habilidade e prática para curar as enfermidades dos habitantes das comunidades rurais. Era um misto de enfermeiro, farmacêutico, dentista e de médico. Ele aplicava injeção, costurava, com linha zero e agulha grande de coser tecidos, facadas, estrepadas e outros ferimentos. A maioria dos seus clientes era vítima de chifradas de boi, coices de burro, quedas de cavalo, mordidas de cobra e ferroadas de escorpião e de outros invertebrados peçonhentos. Ele morava vizinho à bodega do Seu Raimundo Galdino, que vendia produtos farmacêuticos industrializados, como Cibalena, Cibazol, Melhoral, Sonrisal, Elixir Pargórico, Óleo de Rícino, Pílula de Vida do Dr. Ross, Pílula de Matos, Mercúrio Cromo e mais alguns outros remédios populares. A mulher do bodegueiro, Dona Ciça, era parteira e rezadeira, pois curava quebranto, espinhela caída, mau olhado, moleira caída e outras

doenças infantis. Na Vila de Aracatiaçu morava o encanador de braço, de nome Expedito, e o arrancador de dente Florisvaldo. Em uma fazenda próxima à cidade de Miraíma, distante 25 quilômetros de Caracará, residia Seu Raimundo Raizeiro, que vendia mezinhas, como banha de tejo, banha de raposa, de cobra cascavel, de traíra, de cágado, de jia, de galinha e sebo de carneiro capado, bem como produtos de origem de plantas, como raízes, cascas de caule, folhas, flores, frutos e sementes, que eram usados como chá, lambedor e unguento.

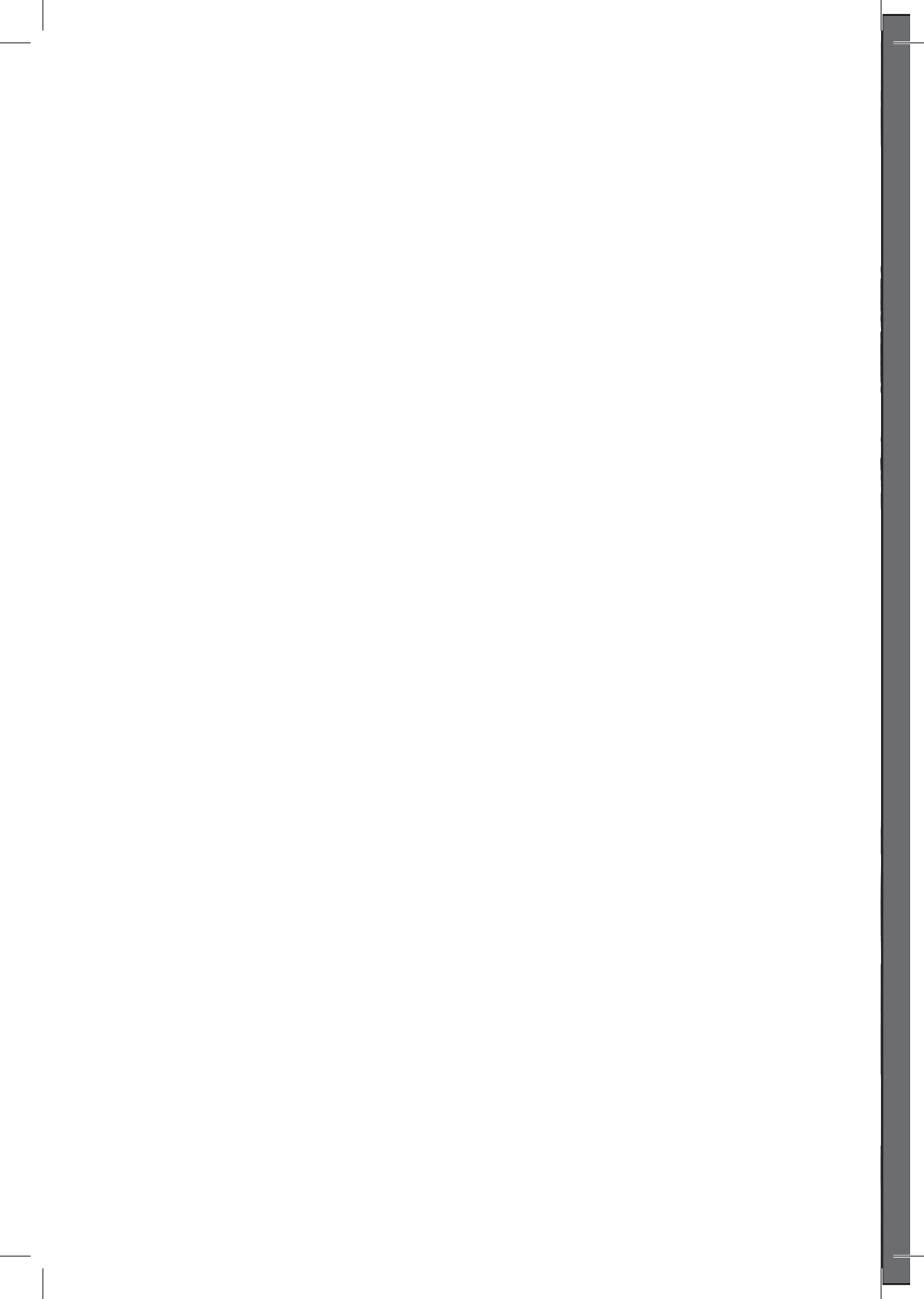
Um certo domingo, quando eu e meu avô tínhamos ido visitar um amigo dele na Vila Caracará, nos deparamos com uma cena incrível, em que um jovem durante um destes forrós sertanejos, que ocorrem nos dias de sábado, levou uma peixeirada, cortando o peritônio e deixando o intestino à mostra, com seus movimentos peristálticos. A vítima estava sendo socorrida por João Enfermeiro, na sombra de um pé de tamarindo, ao lado da igreja. Ele lavou bem as mãos com sabão preto, enxaguou-as com álcool, colocou o intestino da vítima para dentro da caixa abdominal e costurou com linha zero e agulha de coser pano (tecido). Quatro homens fortes seguravam as pernas e os braços da vítima, enquanto um lenço ensopado com éter era colocado, a pequenos intervalos de tempo, no nariz do rapaz ferido, para anestesiá-lo. Pelos gritos que a pobre vítima soltava, via-se que a anestesia não estava surtindo efeito. Era uma cena selvagem e apavorante, que traduzia a cruel realidade da miséria e abandono em que vivia o sertanejo nordestino. Para surpresa de meu avô, cerca de um mês depois da ocorrência desta cena, a vítima da facada apareceu na Fazenda Aracati, para comprar um reprodutor caprino, com o ferimento totalmente cicatrizado.

Minha avó tinha uma certa habilidade para o seu trabalho como parteira e fazia os partos das moradoras da fazenda e das mulheres que residiam nas propriedades vizinhas. Quando ela estava passando temporada no Sítio Frecheiras, na Serra da Meruoca, também fazia os partos das mulheres de lá. Ela não cobrava pelos serviços de parteira. Minha avó tinha dois bancos de parir, um

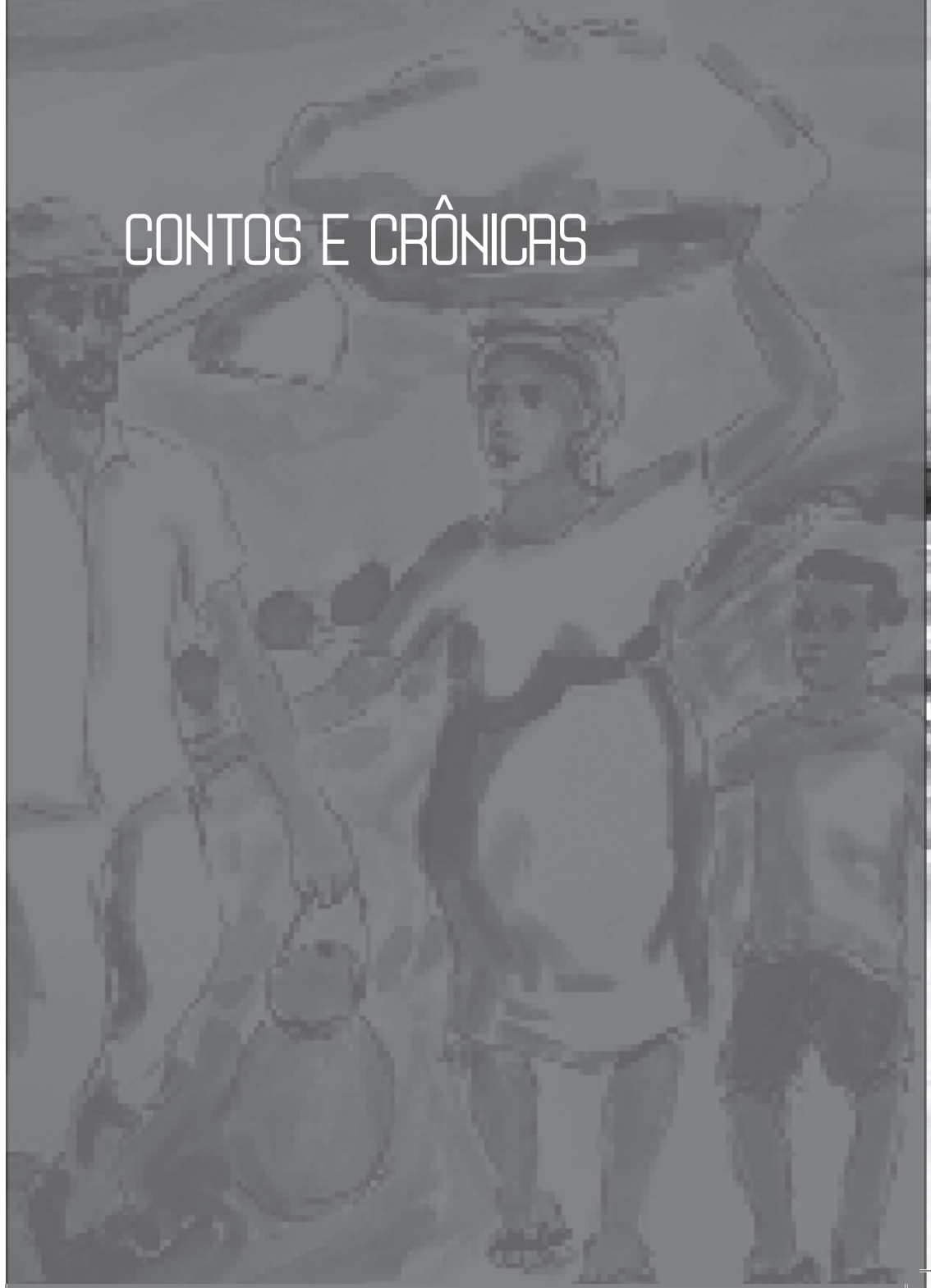
leve, de mulungu, que ela transportava de sua casa em Sobral para o Sítio Frecheiras e para a Fazenda Aracati. O outro banco era de cedro, mais pesado, que ficava permanentemente na Fazenda Aracati. O banquinho de parir feito de mulungu, hoje faz parte do acervo do Museu do Sertão. Meus pais, com muita tristeza, com lágrimas nos olhos, certa vez me revelaram uma tragédia ocorrida com minhas duas avós, paterna e materna. Minha avó paterna, Antônia Valdemar Mendes, sertaneja, que também era parteira, em uma de suas idas a Sobral, foi chamada em situação de urgência para fazer o parto da minha outra avó materna, Maria da Glória Vasconcelos, quando houve uma complicação no parto e minha avó veio a falecer. Ela morreu de parto do meu tio José Helder Vasconcelos. Depois de algum tempo, quis o destino que minha mãe contraísse matrimônio com meu pai.

Um outro fato de sucesso da prática da medicina popular que testemunhei foi quando o Seu Expedito encanou o braço de uma criança de 7 anos, neto do vaqueiro Sales e filho do Tonho da Dona Lourdes, que tinha fraturado o rádio, numa queda de cavalo. Ele puxou o braço da criança, colocou as duas pontas do osso (rádio) no lugar, confeccionou as talas de imobilização com talos de folhas de carnaubeira e fez a imobilização do braço, amarrando as talas com linha zero. Semanalmente, o Seu Expedito olhava o braço quebrado do menino, para ver se estava torto. Depois de algum tempo, o encanador de braço retirou as talas de carnaubeira e o braço estava encanado, com os ossos soldados corretamente.

BENEDITO VASCONCELOS MENDES é engenheiro agrônomo, professor e escritor. Autor de “As artes na civilização da seca” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, da Academia Mossoroense de Letras, sócio do Instituto Cultural do Oeste e outras instituições.



CONTOS E CRÔNICAS





O PRINCIPEZINHO

Iaperi Araujo



Ninguém sabia o nome todo dela. Era Maria e só, mas todo o mundo daquela vila dizia que Maria era o cão chupando manga.

Morando num casebre com mais quatro irmãos e sua mãe, aparentemente envelhecida para os alegados 32 anos, era uma menina de rua. Desde cedo, perambulava pelas poucas ruas do lugar onde morava, mexendo em tudo que encontrava pela sua frente. Apedrejava os cachorros de rua que disputavam com ela o lixo acumulado em frente das casas, tocava o sino da igreja pelo simples

prazer de ouvir o som. Disputava assovios com os perus só para ouvi-los responder com seus glu-glu, até cansarem com os gogós da cor de sangue. Encarnados que só. Maria ainda subia nos pés de fícus benjamim para mexer no ninho dos passarinhos, levava punhados de farinha exposta à venda nas mercearias e muitas vezes, açúcar, seu predileto que enchia a boca e em desembalada carreira ainda cuspiam nos presos pelas grades das janelas da cadeia pública.

Maria era mesmo uma peste. Não fazia favor a ninguém a não ser a dona Xandu que lhe dava um prato de comer prá que levasse todo dia, uma lata de lavagem de restos de comida velha até o chiqueiro dos seus porcos numa vazante do rio, logo abaixo de sua casa. Era a última coisa que fazia no final da manhã, para chegar na casa de dona Xandu exatamente na hora do almoço e receber sua recompensa. Se alguém lhe chamasse prá fazer um, mandado, fazia que não estava ouvindo. À tarde seu compromisso era na escola que não frequentava como aluna. Aliás, nem sabia ler nem queria aprender. Somente bagunçar as aulas, brincar no recreio e comer a merenda de cuscuz com leite morno e um copo de q-suco. Ficava pendurada nas janelas, fazendo caretas para os alunos e a maioria das vezes, jogando pedrinhas nas pernas das professoras que pensavam ser picadas de mosquitos.

Maria vestia-se muito simplesmente. Um chambrão de muitos anos de uso que já chegara quase aos pés e agora por conta do seu crescimento terminava um pouco acima do joelho. Era sujo, com manchas de nódoas de comida. Os cabelos não assentavam no couro cabeludo. Arrepiados como se tivessem visto alma e todo embaraçado parecendo que nunca vira um pente. Numa de suas danações acabou no centro da Vila, lugar que nunca visitara pois era o lugar dos ricos. As casas eram mais bem cuidadas. Tinham jardins com grades de ferro e muitos pés de flores. Jasmins, rosas, malvão e cravos, desses amarelos que chamam de defunto. Os postes de iluminação pública eram de ferro, enfeitados, com luzes vestidas por mangas de vidro como se fossem flores. A maioria tinha pomares. Laranjeiras, mangueiras, coqueiros e abacateiros

nos quintais. Maria ficou como extasiada. Nunca soubera que o centro da Vila era tão bonito, tão limpo e cheiroso. Nem lixo se via. E os bichos? Não existiam, nem sequer cavalos ou carroças puxadas a burros-mulos. Tinham carros desses barulhentos que já chegara a ver passando pela rodagem bem longe de sua casa. Maria ficou numa esquina parada, observando o que ela achava que era o paraíso. Tranquilidade, quase nenhum barulho. Chegava a ouvir o cantar dos passarinhos. Sua atenção foi tomada por uma casa incrivelmente bonita. Toda branca, com grades de um preto desbotado. Ela achou a cor parecida com cinza. A casa tinha detalhes em rosa e parecia uma menina vestida para uma festa. Aproximou-se da casa que parecia um castelo de princesas. Arrodeou-a com calma, observando seus detalhes. A porta toda entalhada com florões, tinha na banda de cima uma janelinha coberta por uma grade de ferro com voltas e flores. Um primor. De repente alguém abriu a porta. Escondida no pilar do portão de saída Maria pode observar a casa tão limpa e com o chão tão brilhoso. Parecia o chão da igreja dos ricos. É que na rua periférica onde morava tinha uma capelinha que diziam ter sido a primeira da Vila. Muito pobre. O chão de tijolo, acumulava tanta sujeira que no corredor do meio, por onde o povo entrava, já estava todo desbotado, realçando a sujeira das laterais onde ficavam os bancos rústicos. Mas a casa que via pela porta entreaberta parecia um castelo das histórias de sinhá Joana. Um ventinho frio, tão diferente do vento quente que passava em sua rua, passou por ela, entrou pelas grades do portão e abriu ainda mais a porta da casa. Aí ela viu o menino. Tinha uma idade indefinida, mas era muito miudinho. Gordinho de bochechas rosadas. Os cabelos batiam nos ombros, penteados com cachinhos dourados, como uma boneca de porcelana que ela um dia vira nos braços de uma menina rica que passeava na pracinha. Usava calças curtas de cor azul escuro com suspensórios e uma camisa bem fininha com babados na frente e mangas compridas. As pernas estavam cruzadas e no colo um livro grande que achava que era de histórias de reis e rainhas.

- Um príncipezinho, ela murmurou.

Depois de um tempo, uma senhora de cor, que deveria ser a sua ama, entrou trazendo um prato muito branco com uma fruta bem vermelha para ele e um copo de suco bem amarelo.

O menininho serviu-se bem devagar, comendo a fruta sem abrir a boca. Isso impressionou Maria. A empregada de pé ao lado, recolheu o prato com os restos da fruta e saiu.

Maria sentou-se no batente do portão e continuou a olhá-lo. Se ele estava vendo sua observadora, não denotou. Permanecia sério olhando o livro de figuras. Um carro parou na rua e Maria levantou-se e saiu correndo.

Dali prá casa não mexeu com ninguém. Apenas revia as imagens que acabara de ver. Faria tudo prá entrar naquela casa e observar de perto o menininho, tão limpinho, que ela era capaz de recordar o cheiro dele que o vento frio que entrara, trouxera de volta. Ela desejava aquele menininho como se fora um brinquedo que nunca tivera. Os cachinhos dourados tão arrumadinhos balançavam com a brisa que entrava pela porta e pareciam feitos de fios de ouro, como a imagem do menino Jesus da igreja, rindo prá mãezinha dele.

No outro dia, passou correndo pela rua, sem mexer com nada nem com ninguém. Sequer foi se oferecer prá levar na cabeça a comida dos porcos de dona Xandu. Todo mundo notou o comportamento inusitado da menina.

- Vocês viram a Menina da peste passou aqui e não buliu com ninguém. Comentaram os aposentados que faziam ponto na calçada de seu Justino.

- Isso é muito estranho. Tô vendo a hora o mundo se acabar. É um prenuncio. Maria da Peste quieta? Aí tem coisa.

A menina já ia longe, no rumo do centro da cidadezinha, onde chegou num cuspe. Na casa bonita, o portãozinho de ferro

estava fechado, mas a porta da frente estava entreaberta. O meninozinho sentado na cadeira estofada, olhava um livro de desenhos. Ninguém mais. Maria subiu no muro e saltou o gradilho que o encimava e foi sorradeira entre as plantas observar seu objeto de curiosidade. O menino parecia um boneco. Não se mexia, absorto na leitura. Apenas, suas mãozinhas bem brancas faziam um leve movimento para mudar as páginas do livro.

Maria, ali escondida no jardim, admirava-o com ternura. Ela mesmo estranhara sua calma e paciência. Nunca fora assim, sempre estabanaada, fazendo artes e mexendo com todo mundo. Seria isso um sentimento novo? Desconfiava que sim.

De repente viu saindo do lado de lá do jardim que terminava no batente da porta, uma cobra escamada amarronzada com desenhos amarelos. Coleando foi subindo os batentes da casa e aí ela viu no fim da venenosa, o chocalho de cascavel.

-Meu Deus, ela quase gritou. Seu pulo foi mais rápido do que seu pensamento e pegando na cobra pelo chocalho, rodou-a no ar e arremessou-a por cima do gradil do jardim, de encontro ao poste de luz. A cobra caiu na calçada meio atonteadada. Maria saltou também o gradilho e com uma pedra esmagou a cabeça da serpis. Aquele alvoroço chamou a atenção das redondezas. Alguns passantes e até empregadas dos casarões vizinhos acorreram à rua. Viram Maria matando a cascavel a pedradas e depois desmaiando na calçada de frente ao portão de ferro. O meninozinho de seu lugar de sempre, apenas levantou o rosto das figuras do livro e arregalando os olhos, permaneceu sentado e estático. Logo a senhora bonita e bem vestida apareceu vindo do corredor que levava à sala. Curiosa foi até o portão e viu a menina desmaiada e a cobra com a cabeça esmagada ainda coleando nos últimos momentos de vida.

A senhora abriu a boca, mas imediatamente cobriu-a com sua mão branca e delicada. Com a ajuda de vizinhos levou Maria para dentro da casa, deitando-a num sofá bem diante do meninozinho. Passaram álcool nos seus pulsos e molharam sua testa

com uma água friinha que ensopava um lenço de linho perfumado. Maria foi acordando pensando estar no céu.

Tudo foi explicado sob os olhares do menininho ainda sentado com o livro aberto sobre uma mesinha ao seu lado.

Imediatamente providenciaram um lanche prá Maria. Perguntaram de onde vinha e onde morava. O que fazia ali e como a cascavel aparecera. A senhora bonita mandou chamar o motorista e tirar o carro da garagem para levar Maria à sua humilde morada.

No domingo, vestida como uma menina rica, sapatos de verniz, com os cabelos penteados presos por uma fita cor-de-rosa, foi à missa com a senhora e sua família, sentando-se no primeiro banco da igreja de Nossa Senhora da Conceição.

IAPERI ARAUJO é médico escritor e artista plástico. Professor aposentado da UFRN. Ex -Presidente da Fundação José Augusto. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais. Atual Presidente do Conselho Estadual de Cultura.

CRÁS E HÓDIE

Roberto Lima de Souza

- Tenho certeza. O meu nome é Crás. Hódie me nominou assim, e nunca mais duvidei⁷...

Quando encontrei Hódie, foi tudo muito natural. Mas, desde aquele dia do nosso último encontro, sinto-me assim um tanto... estranho. Tudo quanto ele me disse ficou de tal forma registrado em minha mente que me parece impossível desviar-me de cada frase, de cada palavra sequer e na sequência exata da sua fala. Posso até repetir literalmente tudo quanto ele me falou: um relato quase interminável. E veja que ele não me passou a narrativa de todas as nomeações por ele realizadas, mas apenas aquelas cujos nominados se encontram ainda em fase de processamento, e estas não são poucas. Ao final, tive a sensação de que uma nova nomeação estava prestes a me acontecer naquele mesmo dia. Não fosse a minha força de resistência mental, nem sei mesmo quem eu seria. O mais intrigante é que agora, quando eu começo a proferir aquele relato, falo como se fosse **ele** falando ininterruptamente até que eu novamente retome a minha força para interromper essa fala e me sentir, de novo, o falante que ainda sou. Pelo menos, até este exato momento de agora. Pois bem, por favor, escute-me com atenção e cuidado, porque agora vou relatar exatamente o que **ele** me dizia naquela ocasião. Só espero mesmo poder recobrar a força necessária para dar um basta e poder voltar a mim mesmo, antes que... Bem, vamos ao relato. Insisto que você mesmo escute atentamente as narrativas:

⁷ As palavras latinas “cras” (amanhã) e “hodie” (hoje), não possuem o acento que aqui é adotado apenas para efeito fonético de uma pronúncia correta

- **Meu nome é Hódie.** Por muitas eras, tenho encontrado pessoas a quem nominar. Nesse processamento, indago-lhes como se chamam, e elas, com toda a segurança, me dizem os seus nomes, o que fazem e como vivem... Em seguida, dou-lhes novos nomes, os nomes de quem, a partir desse instante, elas serão. Depois que as nomeio, relatam, com a mesma convicção, o seu novo nome e as suas novas condições em outro tempo e, quase sempre, em outro lugar, até que vençam o processamento da nova nomeação.

A partir de Agora, vou passar para o seu registro, as narrativas das nomeações que realizei, cujos nominados ainda se encontram na fase de processamento, para que você os acompanhe em sua escalada de progressão:

- **O senhor é?!...**

- Tenho certeza de que meu nome é Makto. Morei em uma cidade rodeada de lagos, em uma região muito montanhosa. A chuva, quando caía, fertilizava o vale e, ao final, sempre nos presenteava com um belo arco-íris que, suspenso sobre o lago, desmanchava-se na montanha com os últimos salpicos do sol. Do outro lado, na margem sul do lago, situa-se a mina onde trabalha o meu pai. Durante a semana, a minha mãe prepara compotas de cereja e laranja que são muito apreciadas pelos que visitam nossa cidade, principalmente aos sábados e domingos. Já estava me preparando para ingressar na escola superior de geologia, mas tive que mudar para outra cidade.

-**Você não se chama Makto.** Não morou em uma região montanhosa arrodada de lagos. Com toda certeza, seu nome agora é Kalil. você mora, sim, em uma região semiárida, muito arenosa e...

- Tenho de certeza de que meu nome é Kalil. Nasci em uma pequena aldeia cercada de palmeiras em uma região muito arenosa. Trabalhamos no cultivo de tâmaras e também damascos com que produzimos frutas secas. Outra parte da família, que mora

nas proximidades do grande mar e das montanhas altas, vive da cultura de olivas. Fabricam o azeite mais puro e mais valorizado para muito além dos arredores. Pretendemos viajar com eles para a próxima exposição de produtores, onde acontece a degustação e premiação dos melhores e mais afamados azeites. No entanto, diferente dos demais membros da família, o que desejo mesmo é ser geólogo. Pretendo trabalhar em prospecção de petróleo...

-E você, como se chama?

- Tenho certeza de que meu nome é Sandrine. Morei em uma cidade de uma região muito plana, cercada de campos muito verdes. Meus pais cultivam a cevada com que são fabricadas as melhores cervejas de toda a região. Eu estava também aprendendo a ser uma cervejeira, mas preferi estudar arquitetura e, foi por isso que fiz aquela viagem para a Espanha...

- Você não se chama Sandrine, nunca morou em planície verde alguma. Seu nome é Moyra. Sempre morou vendo o mar...

- Tenho certeza de que meu nome é Moyra. Sempre vivi vendo o mar. A minha cidade fica em uma imensa baía de águas de um profundo azul. Os barcos ancorados na baía são da nossa família. Passam dias, semanas no mar de onde voltam trazendo o peixe e os crustáceos que abastecem os frigoríficos e as indústrias de pescado. Mas, diferentemente de toda a família, sou arquiteta. Dedico-me ao paisagismo, à ambientação. Sobretudo, fascina-me recriar paisagens...

- E você, qual o seu nome?...

- Tenho certeza que meu nome é X ...

- Você não se chama X. Você agora é Y...

- Tenho certeza que meu nome é Y...

- Você, com certeza, se chama?...

- Tenho certeza de que meu nome é Z...

- Seu nome nunca foi Z. Você agora, com certeza, é N....

- **Finalmente encontro você novamente. Este é o nosso segundo encontro... Seu nome com certeza é...**

- Pare! BASTA!!... Agora... (Ufa! Ainda bem que consegui voltar!) AGORA, sou eu. Novamente eu, Crás. Ultimamente tem sido assim, mas a cada vez, vai ficando mais difícil tornar a mim. De toda forma, vou tentar recomeçar a ser eu mesmo o falante:

- Tenho certeza de que meu nome é Crás. Hódie me nominou assim, e nunca mais duvidei. Gosto muito de meu nome. “Crás” significa “amanhã”. Morei em um mundo muito distante. Não sei em que tempo, talvez no futuro, não importa... Por muito tempo, só pensei em planos para o futuro, mas hoje gostaria muito de ter coisas importantes para fazer a partir de agora...

- **Você não se chama Crás.** Você é Hódie! Tenho tentado obstinadamente passar a missão a você, que tem sido ainda um recalcitrante. Mas AGORA, termina o jogo. Você nunca mais se esquecerá o seu nome. Você se chama **Hódie**, nunca morou em um mundo distante. É aqui e AGORA que você está, HÓDIE!...

- **TENHO CERTEZA QUE MEU NOME É HÓDIE.** Gosto muito do meu nome. “Hódie” significa “Hoje”. Agora tenho **a sensação e a compreensão do tempo. A sensação que tenho** é de que o tempo é sempre o presente, porque tempo é quando percebemos que o agora é sempre o antes que se segue a um depois. Se todos compreendessem bem que todo depois é consequência do antes, na mesma e única sequência, cuidariam mais do que pensam, do que dizem e do que fazem e viveriam sempre o AGORA. Afinal de contas, o tempo não são momentos. Momentos são apenas sensações transitórias do tempo. Mas, **pela compreensão**, que agora tenho, o tempo é um todo contínuo, algo assim como um imenso AGORA, para usarmos uma linguagem ainda sensorial. Saiba que a linguagem humana é quase sempre sensorial. Mas **a compreensão** é de que só o AGORA está disponível, só o

agora é o tempo real em que podemos realizar algo. Tudo o mais são momentos, sensações de tempo. A vida tem seus momentos porque é feita de percepções. Por isso a vida é sempre um quando, porque a vida é que passa, o tempo, não! **Tenho também certeza de que sou Hódie** porque tenho ainda a percepção do tempo, mas com a compreensão de que, no novo AGORA, a vida está mais próxima do sempre. Quando o tempo não for apenas sensação transitória, o verdadeiro tempo será o sempre. O sempre é certo, o amanhã, incerto. Por isso, o hoje está mais perto do sempre do que o incerto amanhã. O sempre nunca vai se seguir a um amanhã. Será a seqüência de um hoje...

Quando venci a fase de processamento, passei a ser, imediatamente CRÁS em outra fase de progressão. Tenho agora a consciência quântica. Talvez, por algumas eras, eu seja ainda “Hódie” até que, um dia, ao passar a missão, seja chamado, enfim, de SEMPER, que significa “Sempre”, quando espaço e tempo serão equivalentes em uma perfeita equação espaço-temporal... Você, que me escuta agora, e que também é um personagem dessa minha história...

...Bem, agora, vamos ao principal. Já que me apresentei e já lhe disse meu nome, o que quero mesmo AGORA é realizar esta minha primeira missão: Estou agora, aqui nesta cidade, para ter o prazer de conhecer você... **Diga-me, com toda a certeza: Qual é mesmo o seu nome?...**

ROBERTO LIMA é poeta e escritor, professor aposentado da UFRN. Autor de “As Dimensões do Tempo” e “As Dimensões do Espaço Íntimo” (poesias), “Romance da Princesa Kalina” e o “Quinto Anjo” (Contos). Membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, da União Brasileira de Escritores / RN e do Instituto Histórico/RN.

AS MENINAS DE BANGLADESH

SONHOS, SÓ SONHOS.

Antônio Melo

Amina tem quatorze anos. Desde os dez trabalha no Rana Plaza, um prédio enorme e antigo, de oito andares, no centro de Daca, onde cerca de três mil outras pessoas, a maioria crianças e adolescentes, exercem o mesmo ofício dela: costurar-costurar-costurar e costurar roupas que jamais irão vestir. Ganha o equivalente a 8 reais por dia, 150 takas na moeda de Bangladesh. É um bom salário para quem entrou na “fábrica” recebendo apenas 1500 takas (64 reais) no final do mês, com direito a um dia de folga a cada trinta trabalhados, se for mês de 31 dias. Nos outros, tem folga não.

Amina é diferente dos demais trabalhadores, que quase não sorriem. E quando o fazem, é sem alegria. A tristeza escapa lá de dentro, disfarçando-se num sorriso, para que o chefe não veja o tamanho da dor e os mandem embora. O patrão já disse que quem fica pensando em desgraça rende menos porque rouba a concentração no trabalho.

Ela não é assim, quando sorri, sorri de verdade, de alegria. Com o pai, doente, aprendeu a economizar. Entrega tudo o que recebe à mãe. Tudo não, só o inteiro. Dos 64 reais na moeda local, fica com quatro que guarda num mealheiro de barro. O pai – bom em fazer conta - disse que ela já tinha uma pequena fortuna: mais de 4200 takas. E agora que fez 14 anos, vai completar 5 mil. Logo-ologo terá dinheiro para realizar o seu sonho.

Anwara é vivedora, otimista. Mandou a tristeza embora desde que começou a trabalhar no Rana. E tem muito orgulho disso. Com a mesma idade de Amina, terá que estagiar um ano ganhando 1500 takas, como aprendiz. Depois, aprendida, receberá o mesmo salário da amiga. Ela é de Myanmar, antiga Birmânia, e está em

Bangladesh como refugiada. Foi levada de casa por duas mulheres numa camionete, para escapar da miséria do seu país. Uma caridade, o que elas fizeram. Mas teve que pagar caro. Obrigaram-na a se prostituir aos doze anos para indenizar as despesas da viagem. Só que isso ficou lá atrás, não tem mais importância agora.

Anwara é a melhor amiga de Amina e também tem seu sonho. E para conseguir realiza-lo vai fazer como a colega, economizar. Não é fácil para essas duas meninas a vida num país menor que o Uruguai, mas com uma população que já ultrapassa os 157 milhões de habitantes. Quatorze milhões só na capital. Com altos índices de miséria, mesmo sendo o segundo maior fornecedor de roupas prontas para as grifes mais famosas e caras do mundo, nada acontece para mudar a vida por lá.

- O prédio pode ser feio, Amina - diz Anwara sentada no chão, comendo pão sem manteiga acompanhado de um copo de leite a que tem direito antes de começar a jornada de trabalho – mas, o barulho das máquinas de costura, a beleza desse monte de tecido colorido me dão uma alegria, uma satisfação que você nem imagina. Saber que pessoas ricas e famosas do mundo todo estão usando roupas que eu fiz, é demais. Fico no maior orgulho. É maravilhoso, lindo.

- E aqueles fios elétricos espalhados no chão, tem medo não? Pois eu tenho, me dá um medo danado de levar um choque e morrer.

- Ai, para Amina! Não pensa em coisa ruim. É só prestar atenção, não pisar e pronto. Vamos falar dos nossos sonhos que é muito melhor...

Anwara também acha que dá para economizar até cinco reais por mês como aprendiz. Depois, pelo menos as mesmas 326 takas, como faz a amiga agora.

- Com o que estou guardando acho que daqui a cinco anos vou poder ir para a Disneylândia. Vai dar, tenho certeza.

- E eu vou trazer minha mãe lá de Myanmar sem que ela precise virar puta para pagar a passagem. Basta Deus querer e eu economizar. Ele vai querer, tenho certeza.

- E seu pai, não vai trazer? Vai deixar ele lá?

- Eu não tenho pai, Amina. Nunca tive. Se tive, minha mãe nunca falou nele. Também, não quero saber. Para quê?

- Olhe, Anwara, eu sei que não gosta que eu fale nesses assuntos. Mas você é minha amiga e tenho que lhe dizer: estou com muito medo das rachaduras nas paredes daqui. E ainda tem uns estalos que apareceram agora. Estou com um medo danado, tenho que lhe dizer.

- Ai, como você é medrosa. Vocês aqui em Bangladesh são muito cheios de besteiras. A gente trabalha numa fábrica que faz roupas para o Wal-Mart, a Benneton, Zara, Mango... as maiores grifes do mundo, e você com esses fricotes. Tome tenência, menina. Erga as mãos para os céus e agradeça ao nosso bom Deus pelo muito que ele nos dá todos os dias. Tem gente que nem nós que não tem emprego nenhum, vive passando fome, esmolando. Gente até mais velha.

-Mas é que eu me pelo de medo.

-Medo do quê? Esse medo deve ser por causa da vida boa que vocês levam em Bangladesh. Você não sabe o que é sofrer. Aos 11 anos fui estuprada em Myanmar quando estava brincando com os meninos vizinhos. Um deles, o maior, me levou para a floresta. Desde aquele tempo não sei mais o que é brincar.

As duas se encaminham para as máquinas de costura reiniciando a jornada diária de dez horas de trabalho. Ao meio-dia terão 30 minutos de folga para almoço, um prato de arroz branco com um naco de carne e um copo d'água. Prometem se encontrar no intervalo e se despedem felizes, seguindo cada uma para seu posto.

Às 9 horas e 1 minuto o edifício Rana Plaza desmorona matando mais de mil e cem pessoas e deixando outras duas mil e quinhentas feridas.

Os nomes de Amina e Anwara não estão na lista dos sobreviventes.

ANTONIO MELO é jornalista e escritor. Autor dos romances “A Vingança” e “O Diário das Folhas Mortas”.

AS MOSCAS

Thiago Gonzaga

O relógio na parede marcava quase meia noite quando cheguei em casa. O frio de julho me trazia aquele velho habito diário de tomar um pouco de álcool e ouvir o meu fiel amigo, Rauzito, após o expediente chato no trabalho. Imaginei que a minha avó, já quase nos noventa e cinco anos, não estaria com a melhor das caras, se fosse abrir a porta para eu entrar, tinha quase certeza de que um sermão estava por vir. De vez em quando, nos meus atrasos diários, ela permanecia num silêncio torturante, o que era incômodo demais pra mim. Resolvi abrir o portão silenciosamente, sem tentar incomoda-la com meus tombos atrapalhados.

Ao entrar, fui imediatamente à cozinha: e para minha surpresa, vovó estava lá, do mesmo modo que a deixei pela manhã, quando saí para trabalhar. Entrei com muita vontade de tomar uma sopa, ou um copo de café. Para não parecer mal educado, mais do que ela já acha que sou, convidei-a para me acompanhar no caldo; eu estava acostumado a encontrá-la sempre reclamando da sua falta de sono.

Nada aborrecia mais minha avó do que meus atrasos, e nada mais me chateava naquela casa do que umas benditas moscas que apareciam todas as noites, com aqueles olhos compostos, de cores avermelhadas; eram tantas que até escutávamos os zunidos. Eu sei que parece estranho, entendo que as moscas têm uma vida muito curta, às vezes de apenas 24 horas. Em função disso, não vemos muitas moscas no período da noite. Dizem que elas nascem de madrugada, vivem durante o dia e nesse meio tempo se reproduzem. Quando é noite, aproveitam para descansar e ficam em frestas e pequenos buracos e só saem quando o dia amanhece. Mas, aqui em casa, é diferente, e isso não é efeito do álcool em minha mente, elas aparecem à noite sempre aqui, sim.

Vovó Elza, não me parecia à vontade. Estava na mesa, paralisada, com a vista perdida no vácuo, pelo menos naquela madrugada parecia queixar-se apenas com os olhos. Aquele ambiente apertado me dava agonia, e eu soluçava direto, não sei se era de sono ou tontura. Não, eu não estava bêbado. Elas estavam lá, as moscas, para a minha infelicidade, muitas rodeando a luz da cozinha e se aproximando de vovó, doidas por um resto de qualquer coisa, estavam empestando o local, sobretudo em cima de vovó, que não dizia absolutamente nada. Com a toalha da mesa branca, impossível não perceber os insetos asquerosos querendo ouvir a minha conversa. Mas, mesmo atormentado, comecei a justificar, em minha mente, o motivo da minha hospedagem na casa de Vó Elza.

Depois do fim de um casamento desastroso, achei melhor ir morar com ela, compreendi que seria uma boa companhia, ao invés de voltar à convivência com meus pais. E, convenhamos, eu já não tinha mais idade para ficar recebendo ordens do tipo para onde você vai, que horas você volta, eu já beirava cinquenta anos. Vó Elza e eu somos intimamente ligados, desde a minha tenra infância, e ela reclamava menos das minhas noites de embriaguez e da minha necessidade de fugir da realidade. Uma separação sempre nos machuca, e a solução mais confortável, pelo menos para mim, é a bebida, claro.

Bem, a sopa já estava esfriando com as minhas meditações da madrugada. Cada colher que eu colocava na boca, eu contemplava a minha avó, ali, sentada, com os olhos duros, arregalados, naquela cadeira tosca, de camisola desbotada pelo tempo. Ela me parecia uma espécie de anjo, uma esposa de Jó, de Moisés, sei lá, coisas desse tipo. Com seus cabelos brancos, parecia ter uma aura, ou algo semelhante, ao seu redor. Eu queria, mesmo, que ela me ouvisse, olhasse para mim, e as moscas me deixassem em paz. Não aguentava mais aquilo tudo, o mundo virou de cabeça para baixo.

Comecei a ter a impressão de estar comendo larvas, os insetos, me tiravam do sério, naquele momento tudo que eu queria era desabafar com minha avó, ficar sozinho, concentrado, unido à mi-

nha segunda mãe. Era a primeira vez, em anos, que eu estava tendo a oportunidade de me abrir de verdade para ela, de demonstrar meu amor, expor meus sentimentos, mas as anomalias da natureza tiravam a minha paz.

De repente uma mosca pousa em seus lábios, e fica ali, zombando da minha cara, sugando a baba da minha vó que escorria sem parar. Nenhuma expressão no seu rosto, que sensação ruim, que agonia terrível, moscas, moscas e mais moscas, por toda a parte.

Por que será que vó Elza não me dizia coisa nenhuma? Por que não dava uma palavra de conforto ao seu único neto? Que ela tanto dizia querer bem.

Fala comigo, Vó. Eu pedi de forma quase desesperada, me conta como foi o dia da senhora. Viu o jornal? Assistiu à novela das seis? O telefone tocou? O carteiro passou?

- Vó???????

As moscas zunindo voavam por todos os lados. Me levanto e abro a despensa, estava repleta delas, e de repente, toda a cozinha. Infestavam o local, tiravam ao meu sossego, e minha vó sequer esboçava reação.

Que desespero, que desespero, que desespero! Já se passaram dez minutos desde que entrei em casa e nada de você falar, Vó.

- Vó. Vó Elza.

- Vó, sabe o que é: eu queria pedir quinhentos reais emprestados para pagar a conta no barzinho do seu Geraldo, que eu devo há dois meses.

-Vó, o que esses homens do IML vieram fazer em nossa casa a essa hora?

THIAGO GONZAGA é escritor e pesquisador. Autor de “Literatura Afrodescendente no Rio Grande do Norte no Século XX”, “Adeus, Estrada de Tijolos Amarelos” e outros livros.

QUE ABSURDO!

Hildeberto Barbosa Filho

Poetas parecem não gostar de poetas. Escritores e artistas em geral parecem não gostar de seus pares. Existem as exceções, raras, é verdade, para simplesmente confirmar a regra.

Nessa seara, pelo menos é o que me revelam testemunhos e confissões de muitos autores, assim como o aprendizado de minha própria experiência como poeta e crítico de província. Nessa seara, dizia, predomina a inveja, o ressentimento, a mesquinharia, a vaidade, a maledicência e a hipocrisia como as práticas e atitudes mais corriqueiras.

Comumente, o vezo desses poetas é o clássico “Não li nem gostei!”, ou, a dissimulação que se converte no elogio de corpo presente, para se transmutar, porém, na crítica sarcástica e injuriosa, por trás, ou na ausência da suposta vítima.

Lembro-me, aqui, do conto de Moacir Sclyar, “Os contistas”, inserido na coletânea *A balada do falso messias*; do romance de Eduardo Frieiro, *O clube dos graphomanos* e do de Marques Rebelo, *O espelho partido*, trilogia cujos títulos são: “O trapicheiro”, “Mudança” e “A guerra está em nós”. Todos, de uma forma ou de outra, abordam parodicamente o jogo de vaidades que costura, por dentro, a vida literária e suas refregas e intrigas, que a transformam numa das experiências mais tolas e absurdas. Experiência típica das preocupações cognitivas e estapafúrdias de Bouvard e Pécuchet, célebres personagens de Gustave Flaubert.

Campo minado, a vida literária, com suas ilusões e fantasias, com seus fantasmas e perplexidades, com suas toscas comédias e seus lances trágicos, com seus dissabores e patologias, parece estar cheia de todos os vírus, desde o mais miúdo e invisível até os vírus tangíveis das instituições, concursos, premiações, publicidade e marketing, que, na mais das vezes, nos fazem engolir gato por lebre.

Não. Não: a vida literária não é o reino da verdade nem da ética. Também, na maioria dos casos, não é o reino da estética. Orelhas, apresentações, prefácios e posfácios nem sempre correspondem, de fato, às características, conteúdo e linguagem dos textos a que se referem. Percebe-se, na maioria deles, a estratégia da mistificação, traduzida na apologia de qualidades intrinsecamente inexistentes ou, dizendo melhor, o exercício de protocolos editoriais comprometidos tão somente com o retorno econômico exigido pelos imperativos pragmáticos do mercado cultural. Muita publicidade e pouca literatura. Muita cafajustice e pouco valor literário.

Difícilmente os pares se admiram. Difícilmente os pares se respeitam. Ninguém lê ninguém, e, não raro, esse ou aquele se acham o gênio da raça, o vitimado, o injustiçado, o incompreendido, o melhor nisso, o maior naquilo, sem qualquer capacidade de olhar para si mesmo, distanciado, e fazer a autocrítica, a mais urgente e a mais necessária autocrítica.

Ah! Como conheço esses tipos! Ou melhor, essas meras caricaturas! A província está saturada delas. Há casos, surpreendentemente, com sintomas mais ou menos patológicos.

Um fala de sua “obra”, quando nada escreveu, e, se escreveu, a “obra” depõe contra, ainda que essa “obra”, difusa e invertebrada, comporte um número inestimável de títulos; outros pleiteiam a Academia de Letras, mais pela posição social do que pela densidade do trabalho literário, artístico e científico (tais candidatos quase sempre ocupam as vagas dos ditos imortais); alguns já catalogam uma possível bibliografia de índole apologética, quando seus respectivos textos ainda engatinham, ainda estão em processo, como diriam os teóricos; aquele publica cartas de elogio pessoal, sem temer as firulas do ridículo nem o veneno do riso alheio; alguém inventa lances autobiográficos para reforçar sua suposta notoriedade; fulano assegura que sua “obra” já dispõe dos serviços de um agente literário de nível internacional; beltrano ostenta tradução de seus poemas, contos e romances que são lidos e louvados pela crítica.

ca especializada de países estrangeiros; sicrano não sabe viver sem fazer proselitismo e carece sempre de uma claque para aplaudi-lo e bajulá-lo, sobretudo se esta claque é composta pelos neófitos e plumitivos sedentos de visibilidade e fama; aqueloutro cultiva o isolamento social, não por causa da covid – 19, mas porque se considera um novo Rubem Fonseca, corta os elos com seus pares provincianos e vai mendigar, serviçal e deslumbrado, a chancela dos centros culturais “mais desenvolvidos”, reproduzindo internamente a ideologia do capacho colonizado etc. etc. etc..

Mas o fato é que ninguém lê ninguém! Ninguém respeita ninguém! Ninguém quer saber de ninguém. Não importa a literatura, o processo de criação em si, mas a festa e o merchandising pessoal. No entanto, cada um quer cultivar a sua pequenina glória, quer entrar para a história, quer a admiração e o reconhecimento dos outros, quer ser protagonista na narrativa das ilusões literárias e nome notável na república das letras.

Que absurdo!

(27/12/20)

HILDEBERTO BARBOSA FILHO é poeta, escritor e crítico literário. Professor Aposentado da UFPB, autor de “O Galo da Torre” e outros vários livros. Membro da Academia Paraibana de Letras.

AS DOENÇAS DE TCHAIKOVSKY

Daladier Pessoa Cunha Lima

Os atletas russos podem competir nos Jogos Olímpicos de Tóquio-2020, mas a Rússia, não. Os atletas vestem uniformes com a sigla ROC, das iniciais em inglês do Comitê Olímpico Russo. É a punição da Agência Mundial Antidoping, ao constatar que os russos praticaram o doping em competições internacionais. O Tribunal Arbitral do Esporte reduziu de 4 para 2 anos o tempo da punição. Sendo a Rússia um país profuso nos esportes, seus atletas sobem ao pódio de forma frequente, quando é mostrada a bandeira do ROC e, no lugar do hino nacional, ouve-se o Concerto para piano número 01, de Tchaikovsky. Teria sido melhor outro tipo de punição, que não constrangesse os atletas, mas ressaltasse o acerto na escolha da linda peça musical desse grande compositor.

Tido como o maior compositor russo de todos os tempos, Pyotr Tchaikovsky nasceu a 7 de maio de 1840, em Votkinsky, no sopé dos Montes Urais, e faleceu a 6 de novembro de 1893, em São Petersburgo, também na Rússia. O escritor Kenneth Mcleish, em livro sobre música clássica, afirma: “Em toda a história das artes do século XIX, houve apenas um outro gênio criativo cuja personalidade se comparava à de Tchaikovsky: o pintor Van Gogh (1853-1890) (...) Ambos produziram obras que, apesar de calorosas em sua expressão de dor pessoal, falam ainda assim diretamente e muito francamente a milhões de pessoas que não partilham de nenhuma das agonias da alma que lhes deram origem”. A primeira crise de depressão de Tchaikovsky ocorreu quando ele tinha a idade de 14 anos, com a morte da sua mãe, vítima de cólera. Há referências ao complexo de Édipo, do qual sofria o compositor, causa principal dos conflitos em relação às mulheres. A fim de ocultar sua homossexualidade, aos 36 anos, simulou um casamento, que durou somente três meses. Vítima de maldades e preconceitos, amargou muitas tristezas.

No início da década de 1860, sofreu sua segunda grave crise de depressão. As décadas de 1870 e 1880, foram de grande produção do compositor, mas também de intensa angústia existencial, e, por mais de uma vez, tentou suicídio. Fez algumas viagens pelo exterior, quando recebeu muitos aplausos em palcos da Europa. Aos graves problemas psíquicos, somam-se colite, úlcera péptica, além de outras doenças. Em 1853, logo após a estreia da sua peça “a patética”, Tchaikovsky contraiu cólera e faleceu. Há uma outra versão, de que fora induzido ao suicídio, com a ingestão de arsênico.

Mozart foi o compositor favorito de Tchaikovsky. Duas coisas fizeram-lhe bem. A primeira, foi uma amizade mantida por cartas, durante 14 anos, com uma rica viúva que lhe concedeu uma pensão anual, suficiente para viver em conforto. A outra, era sua rotina de escrever músicas. Sua produção é rica e variada, e difere da sua vida, pois oferece boas emoções, “dizendo algo esperado mas nunca da forma esperada”. O mundo é grato à Rússia, pelo legado dos seus heróis na ciência, no desporto, nas artes e nas letras.

DALADIER PESSOA CUNHA LIMA é escritor, professor e médico. Ex-Reitor da UFRN, atual reitor da UNI-RN. Membro da Academia Norte-riograndense de Letras. Autor de “Retratos da Vida” e outros livros.

UMA MULHER DO POVO

Anísio Potiguar

Na esquina da rua ensolarada, homens conversavam.

Eram pessoas dessas que o povo batizou sujeitos importantes mas os cronistas sociais na sua dialética batizaram VIPs (Very Important Persons)

Eram homens tarimbados em problemas nacionais. Conheciam tudo. Sabiam tudo.

“Uma tristeza a situação do Brasil. (Não foi agora e a manhã esplendia em cores). Governos desfibrados haviam reduzido o nosso povo à mais humilhante situação. Pobre povo! Era preciso que alguém de grande coração e grande inteligência rompesse o caos, para estabelecer uma nova ordem, baseada na disciplina mas principalmente no amor, numa grande fraternidade”.

Do grupo se aproxima uma mulher, dessas que o vulgo chama uma pobre mulher e que os últimos parnasianos logo descobriram “em andrajos”.

Não vinha pedir esmolas. Oferecia lenços. Lenços trabalhados em casa. Barrados. Noite e dia. A todas as horas.

Deus sabe das canseiras, dos sofrimentos, das humilhações dos pobres!

Uma expressão de “cortar coração”, como diríamos nós, mas não diriam jamais os ibraíns, sempre alheios a esses problemas miúdos e vulgares, em suas páginas assépticas.

Os homens, como já disse, discutiam os problemas do povo, conheciam os problemas do povo, *sentiam* os problemas do povo, a miséria do povo, a pobreza do povo e ardiam por um verdadeiro governo do povo, pelo povo, para o povo.

Eram uns teóricos ardendo de amor estéril.

Por isto, diante daquela mulher em andrajos, não poderiam ter uma atitude mais digna do que a resposta seca e breve:

-Quer não, minha senhora!

Ora bolas, afinal de contas não se pode mais discutir em paz os problemas do povo:

(A manhã esplendia em cores multicores que brilhavam e bailavam entre as lágrimas da mulher).

Até hoje não se sabe se aqueles homens eram comunistas, católicos, fascistas ou o que eram.

* Crônica transcrita da revista “Rumos”, n. 4. Natal, agosto 1964.

ANÍSIO POTIGUAR: Pseudônimo do poeta e folclorista Défilo Gurgel (1926-2012)

O MÊS DE AGOSTO

ACONTECIMENTOS POLÍTICOS

Armando Negreiros

É um mês com forte influência na política brasileira. Para ilustrar, e descontrair, relato um fato ocorrido em 1968, portanto há 53 anos, no segundo ano científico – penúltimo ano do segundo grau. Alcir Leopoldo da Silveira chegou em Mossoró, recém-ordenado padre, na década de 50. Novo e muito inteligente, com excelente formação em matemática, foi ensinar no Colégio Diocesano Santa Luzia. Por um desses caprichos da vida, e para a felicidade dos seus alunos, foi obrigado a fazer uma substituição na disciplina de Português. Empolgou-se com a última flor do Lácio inculca e bela, fez doutorado na PUC do Rio de Janeiro, onde foi aprovado com nota dez com louvor. Na ausência de algum professor do doutorado ele era designado para dar aula aos seus colegas.

Ele era o vice-diretor e padre Sátiro Dantas o diretor. Naquela época padre usava batina e impunha não só muito respeito como um certo temor. Essa dupla de dirigentes fazia exceção: eram amigos cordiais e nos davam liberdade. Alcir, professor de português, gostava de mandar os alunos discursarem, não só para desinibir, como para aprenderem a falar corretamente em público e de improviso. Para facilitar, sempre dava um tema. Corria o mês de agosto, Alcir pede um voluntário:

- Hoje, 24 de agosto, mês fatídico para a política nacional: 24 de agosto de 1954, suicídio de Getúlio Vargas; 25 de agosto de 1961, renúncia de Jânio Quadros; 22 de agosto de 1976, o ex-presidente Juscelino Kubitschek morreu num acidente de carro na Via Dutra. Quem se atreve a fazer um discurso sobre o tema?

Como ninguém se habilitou, Landsberg, o mais irreverente e corajoso da turma, sentado na última fila, levanta o braço:

- Padre Alcir, que dia é hoje?

- 24 de agosto.

E Landsberg, insolentemente, fez o arremate:

- Dia do veado! (Realmente no JOGO DO BICHO o número 24 representa o veado)

Alcir não perdeu a compostura, estendeu o braço com o indicador em riste para a porta de saída, empenando o corpo para o mesmo lado, e esbravejou:

- Aproveite e vá comemorar o seu dia!

Landsberg, livros debaixo do braço, arrastando os pés e assoviando, com a cara mais cínica, abandonou a sala. No corredor, encontrou-se com padre Sátiro, o diretor.

- O que você está fazendo fora da sala de aula?

Landsberg, com toda a honestidade, contou o episódio. Sátiro foi inclemente:

- Pois aproveite e fique uma semana comemorando o seu dia!

Landsberg quase perde o ano, mas não perdeu a piada. Nosso querido e saudoso amigo Landsberg faleceu recentemente. Saudades.

Apenas a título de complementação sobre o fatídico mês de agosto para a política nacional: morte de Miguel Arraes, aos 89 anos, em 13 de agosto de 2005; morte do seu neto, Eduardo Campos, candidato a presidente, no mesmo 13 de agosto em acidente aéreo em 2014; Impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff em 31 de agosto de 2016.

Portanto, senhores políticos, muito cuidado com o mês de agosto!

ARMANDO NEGREIROS é médico e escritor. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras é autor de vários livros dentre eles “ A Folga da Dobra”.

OS VIVOS E OS MORTOS

Antonio Nahud

“A solidão é perigosa e viciante. Quando você se dá conta da paz que existe nela, não quer mais lidar com as pessoas.”

CARL GUSTAV JUNG

(Kesswil, Suíça. 1875 – 1961)

Durante três longos anos lutei contra uma desconfortável melancolia. Sonâmbulo, atirado num poço escuro, indiferente a tudo, nada me parecia real. Neste luto fecundo, compreendi que a experiência de ser vítima de uma traição, perturba, desassossega, envelhece. Felizmente, renasci amparado na religiosidade, na política, na arte. Uma resiliência costurada aos pedaços, longe do contexto social vigente. Amante da vida, suavizei densamente, muito além do mecanismo do sistema. Tornei-me adepto de virtudes, das coisas simples. Expulsei sem dó a vaidade, vícios, o erotismo exacerbado, a competição profissional, entre outras mazelas. Distante de ambições toscas, aprendi incontáveis formas de ternura.

Viver me parece importante, mas necessito distanciamento da alienação da sociedade tupiniquim. Se fosse noutras séculos, moraria numa floresta, feito o Robert Redford de “Mais Forte que a Vingança” (1972), mas não há como ser infinito e solitário nesse mundo globalizado. Sem lágrimas ou sofrimento, sem amargura ou rancor, e consciente que me tornei um excêntrico, ergui um formoso castelo no invisível. Recebo nele raras visitas e me considero em paz com o amado cão Puck. Cuido, estudo, pesquiso, produzo. Vejo os incríveis filmes da história do cinema, danço, cozinho, escrevo, viajo na rica biblioteca. Uma vida simpática. Se o Senhor lá de cima aprovar, seria maravilhoso mais uns vinte ou trinta anos nesse ritmo.

Não me considero idoso, talvez conserve um certo frescor do passado. Conheci o mundo, casei-me algumas vezes, fui um farrista devasso, vi centenas de shows e peças de teatro, estive em museus e festivais de cinema consagrados, mas não incentivo nostalgias. Confesso que perdi as ilusões: não sinto saudosismo, nem carências afetivas. Coroado pelo afeto de uma família generosa que mora longe, dedico-me honestamente ao sagrado, resolvendo com o divino os erros cometidos, joelhos no chão, e seguindo avante. Antigos relacionamentos sociais, que foram importantes, revelaram-se terríveis quando assumi uma identificação conservadora. Afastaram-se como se eu fosse um leproso. Considerei canalha e risquei-os da memória. Não foi difícil, jamais fui de lamentações, valorizo o presente. Nem mesmo me queixei da má sorte ao perder um olho pra sempre. O importante é crer em um mundo justo, onde os erros dos antigos não sejam copiados e sim reparados.

Para os ignorantes, a velhice pode ser o inverno da vida, mas para os sensatos é a época da colheita. Nos últimos anos, aprendi que a fauna e a flora curam a alma. Compreendi também - tardiamente - que o amor é um conto de fadas com um capítulo final muitas vezes abusivo. Eu tive muitos amores. Felizes e infelizes. Visualizava o amor como um estado de graça, uma das maneiras de se alcançar o céu, um perfume de lírios do Rei Salomão. O amor renega a fleuma, a placidez, o juízo. Com seus caprichos, abre-se em flor e dor. Por vezes ataca com tempestades ou transforma-nos em desertos, não importa, o fato é que ninguém está livre deste sentimento indomável difícil de compreender.

O amor faz parte de um tempo que passou. Atualmente o que me importa é a política, até a literatura ficou em um segundo plano. Eu não acreditava na política, não me seduzia, mas um dia descobri que é responsável por tudo, o bem e o mal. Passei a me informar sobre o tema e apaixonei-me, usando a densa experiência existencial para noticiar e esclarecer através de uma escrita simples, resumida, direta. Tudo começou nos mais de dez anos na Europa, acompanhando de longe a catástrofe esquerdista no Brasil. Teste-

munhar um bando de comunistas, ignorantes e larápios, tomar a terra em que nascemos muda a nossa perspectiva de vida para sempre. Fez-me ver tudo sob uma reação urgente, brotando a vontade de lutar pela nação, mesmo sob pena do conforto e notoriedade, com o qual estava acostumado, desaparecer.

Sendo assim, com bons propósitos, entrei nas redes sociais com a espada afiada na mão. Indignado com o Brasil à beira do abismo, revoltado com a politicagem perversa. Entrei nas redes sociais para escrever sobre o meu ponto de vista político e divulgar uma mensagem motivadora. Inicialmente parecia uma tarefa impossível. Como pessoas que nem me conheciam iriam me escutar? Como um país com trinta anos de socialismo iria mudar? Qual o caminho a tomar? A possibilidade de tomarmos uma rota equivocada, mantendo os mesmos no poder, era altíssima. Felizmente, a maioria dos brasileiros, inclusive os mais simples, passou a se informar pela internet, dando conta dos mecanismos de corrupção e exploração.

Nas minhas redes sociais surgiram pouco a pouco comentários do Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul, e do mundo! Formamos uma grande família sem nos conhecer pessoalmente. Voltamos a celebrar o patriotismo, a religião cristã, o lar tradicional. Influenciamos mais e mais pessoas. Amigos e amigos dos amigos. Milhares sem um comentário mal-educado, sem uma ofensa. O surgimento do líder Jair Messias Bolsonaro, como um milagre, fortaleceu a esperança de dias melhores para o Brasil. Era a pessoa certa, no momento certo, com as atitudes certas. Um tanque de guerra para derrubar a muralha do comunismo local. Muito diferente da oposição frouxa, dissimulada e inútil que ambiciona o Planalto.

Ainda nos falta muito para vencer a guerra, mas o inimigo já não tem a mesma confiança e o mesmo poder de antes. Ele não acreditava que nos uniríamos tão rápido e fortemente em torno de um objetivo comum: a independência do Brasil. Um país guerreiro é feito por patriotas que lutam por ele todos os dias. No meio dessa batalha implacável, infiltraram a peste chinesa para esculhambar o

panorama, com a morte brigando pelo protagonismo. Ainda não deu para superar esse destino insólito e muitos foram embora para sempre. Mas o prazer de viver resiste bravamente a milhares de enterros sem ninguém.

Firme, lembrei-me de um jovem sacrificado, pregado na cruz. Uma imagem de martírio e pureza. Entre máscaras, vacinas e confinamentos, recordei da porta do inferno na “Divina Comédia”, de Dante, onde se lê “deixai toda esperança, vós que entráis”. Nessa tragédia, de um lado e de outro, da esquerda e da direita, uma legião de defuntos. Todos democraticamente enterrados. Ciente que o destino do homem é o esquecimento eterno, não me abato e sigo impávido, mesmo com pena. Sinto, na carne, por terem sido tantos que partiram em tão pouco tempo. Neste mais de um ano de peste chinesa, choro por todos os mortos e tenho aversão aos governadores, prefeitos e imprensa que usaram e abusaram da pandemia.

Ando lendo “Que Filosofar é Aprender a Morrer”, um ensaio de Montaigne. Escrito em 1572, tem como base central a questão da meditação sobre a morte. Seus argumentos defendem a necessidade de uma preparação imaginativa, ou seja, uma antecipação mental da morte para que o temor que ela provoca, o qual é um grande empecilho para a boa condução da vida, possa desaparecer. Certa vez, o amargado José Saramago, que entrevistei duas vezes, ao ser perguntado a respeito da morte, respondeu que o ideal da vida é ser árvore. Parece-me que tal ideia foi despertada no escritor pelo fato de que uma árvore nasce, cresce, se reproduz e morre, distante da angústia da finitude.

Em outra definição do mesmo assunto, que considero precisa, Jorge Luis Borges nos aponta que é a consciência da morte que nos torna mortal. “Ser imortal é insignificante; exceto o homem, todas as criaturas o são, pois ignoram a morte.”. Essa consciência da morte é localizada em Umberto Eco, que disse que a melhor maneira de um escritor idoso enfrentar a mortalidade é re-

conhecer a estupidez do mundo que será deixado para trás. Nesse ritmo, basta pensar na morte para que ouçamos uma voz silenciosa perguntando: “O que está fazendo com o tempo que lhe resta?”. Creio que a morte é o acontecimento mais devastador. Talvez por isso a religião tenha influência significativa. Ela auxilia na aceitação do fim, garantindo a esperança da eternidade, seja num paraíso ou noutras vidas.

Entre o luto, a finitude e o medo que a morte carrega, valorizo a maneira como levamos a nossa vida e as marcas que deixamos enquanto vivos. É fato que a morte, tão pertinho, é tragédia que não se aceita fácil. É dura, dolorida, mas faz parte da vida. Os mortos só serão vivos outra vez numa conversa qualquer. Com sorte, alguém lembre daquele que se foi. No entanto, estará enterrado, morto. O tempo avança e, tudo que parecia sólido e fundamental, uma hora chega ao fim. Para todo o sempre.

Natal (RN), 15 de agosto de 2021

ANTONIO NAHUD é jornalista e escritor, autor de “Suave é o Coração Enamorado” e outros livros.

MUSEU DA FELICIDADE

Tácito Costa

Antes, todos os caminhos iam.

Agora, todos os caminhos vêm.

Mário Quintana

Em meio à touceira de notícias, quase todas ruins, o título de uma me chamou atenção. Como se fosse uma flor exótica no meio do extenso capinzal: “Dinamarca abre o primeiro museu da felicidade do mundo”. Curioso, cliquei na chamada da capa.

Criado pelo Instituto de Pesquisa da Felicidade (Institut for Lykkeforskning), o espaço fica no subsolo de um prédio no centro histórico da capital, Copenhague, e consiste em atividades interativas com experimentos mentais. Por meio deles, visitantes podem conhecer a história da felicidade, as políticas da felicidade, a anatomia dos sorrisos e descobrir por que os países nórdicos possuem “superpoderes da felicidade”.

Eu achei a proposta uma grande sacada. Um contraponto aos muitos museus existentes no mundo sobre episódios trágicos da humanidade, como guerras, o holocausto, ditaduras.

Quem sabe no futuro o Brasil não possa também criar o seu “Museu da Felicidade”? Por enquanto, não há clima, claro, tanto pela tragédia provocada pela Covid-19 quanto pelo governo Bolsonaro em si, antítese de qualquer conceito ou ideia de felicidade.

Este momento condiz mais com um museu triste, da infelicidade e da tragédia. Mas Bolsonaro passará, e tempos melhores virão.

Não somos nenhuma Dinamarca, mas nosso povo não se entrega. Também tem suas alegrias e momentos felizes. Apesar de todas as mazelas sociais e políticas em que o país vive mergulhado desde o seu descobrimento, alternando períodos melhores e piores, as pessoas resistem e sempre encontram meios de fazer-se alegre, através, sobretudo, de três das nossas maiores expressões culturais: a música, o carnaval e o futebol.

O museu dinamarquês é interativo, e os visitantes participam de pequenos exercícios, além de experimentos de pensamento. Entre eles, está a indagação: você tomaria a pílula vermelha ou azul na Matrix, sendo colocado em uma máquina que lhe dá a ilusão de que está vivendo uma vida perfeita ou prefere viver no mundo real?

Eu tomaria essa pílula. Desde que pudesse me arrepender e retornar à vida comum, caso não gostasse da ilusão da vida perfeita. Viajei agora. Seria massa também se a gente morresse e pudesse voltar se o negócio lá não for como as religiões afirmam. (risos)

As exposições também incluem artefatos de felicidade doados por pessoas de todo o mundo que lembram seus momentos mais felizes. Eu fiquei pensando aqui comigo o que eu doaria que lembra meus momentos felizes.

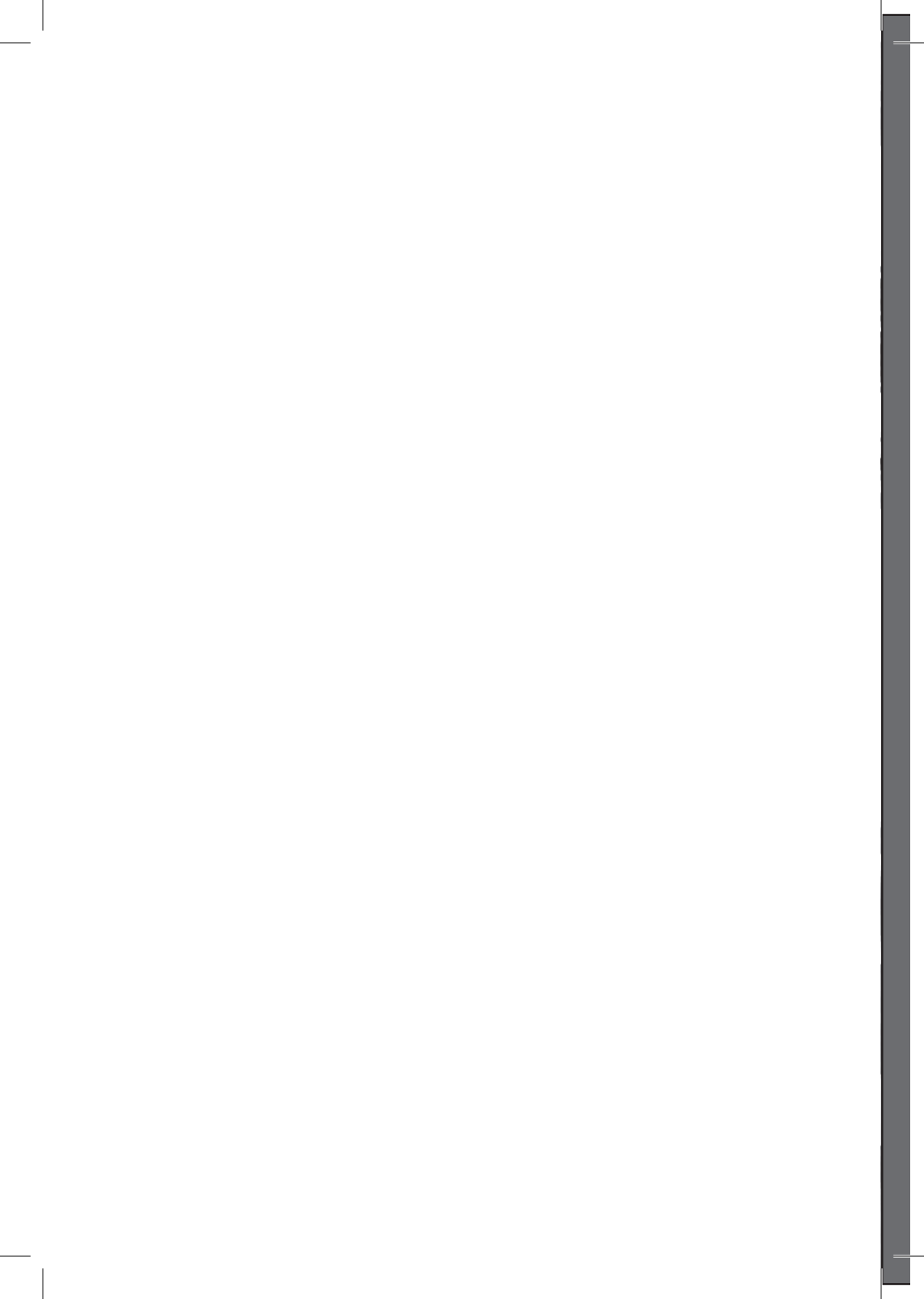
Da minha infância, o time de futebol de botões, a caneta Hermes, de quatro cores, as “notas de cigarros”, o caminhão de lata, o “gado de osso”, o pião e as revistas em quadrinhos. Da adolescência, meu radinho de pilhas, a foto da primeira namorada, a camisa “volta ao mundo”, a calça “boca de sino”, o sapato “cavalo de aço” e o cordão de ouro com crucifixo que tia me presenteou.

Da vida adulta, a máquina de escrever Olivetti Lettera 82, o diploma de jornalista, a foto do Natal com toda a família e a minha bicicleta, a atual não, a anterior, que foi a primeira da minha vida, quando eu tinha por volta de 25 anos e que reparou o desejo da infância e adolescência de ter pedalado uma.

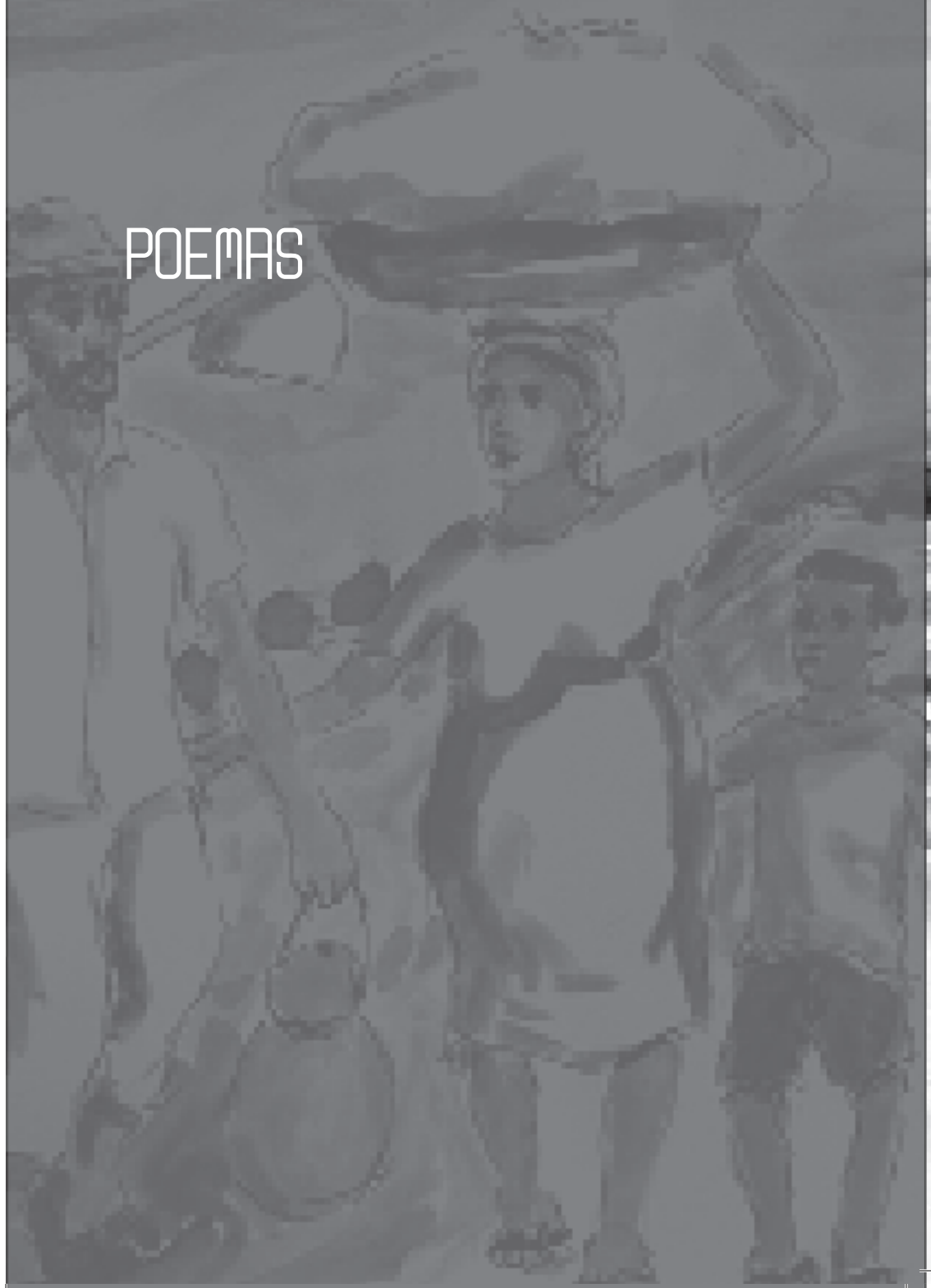
Sou capaz de lembrar histórias envolvendo cada um desses objetos. Parte deles se perdeu na poeira do tempo. Não sou bom em guardar coisas. Agora, sobrevivem apenas no museu da minha memória. Feliz de quem carrega consigo um pequeno acervo, nem que seja apenas na cabeça, de coisas que lhe proporcionaram felicidade. É um consolo nos momentos difíceis. No fim, sobram essas recordações. O resto, o tempo massacra e transforma em ruínas.

E você, que artefatos te remetem à felicidade e que você doaria a um Museu da Felicidade?

TACÍTO COSTA é jornalista e escritor. Atuou em diversos veículos de comunicação se destacando como ativista cultural. Lançou recentemente os livros “O Caderno de Deuzivado”, contos, e “Crônicas da Quarentena”.



POEMAS





NOVO ENCANTO

Paulo de Tarso Correia de Melo

Somente as coisas não decepcionaram.
As mais belas sobreviveram ao poço das eras
e de idades diversas mandam mensagens.

As jóias que escaparam brilham incorruptíveis
e muitos metais permanecem fiéis
ao primeiro esforço de moldagem.

Não raros cristais
são exemplo e milagre,
conservando-se puros e frágeis.

Os rostos das fotografias não envelheceram
e a carne das estátuas
permaneceu de mármore.

As porcelanas não ouvem nem dizem,
quietas satisfazem nossa vontade
de beleza, alegria, eternidade.

As urnas gregas resistiram à voragem
de tempo. Gastaram-se
apenas como imagem.

As idéias atravessaram o vento das palavras.
Coisificaram-se nos livros que se abrem
ao acaso, paixão ou curiosidade.

A música fixou-se em partitura,
antes que a aprisionassem
meios mecânicos mais ágeis.

As coisas são a matéria incorrupta.
As pessoas são mutáveis.

PAULO DE TARSO CORREIA DE MELO é poeta, escritor e professor aposentado da UFRN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor de “Talhe Rupreste” e outros livros.

TRÊS SONETOS DE LÍVIO OLIVEIRA

Na pele d'água

Percebo o mar: suspiros vêm de ti
a onda empurra os nossos corpos quentes
num vai-e-vem, enlace. Bom que atentes!
Não largues n'água a tua cor sapoti!

Lá na Barra, o gato de Alice ri
dessas coisas loucas, ri! entredentes
das penúltimas relíquias Poty
dos teus perdidos e dos meus parentes.

É tanto riso que nem ouço o céu
cantando loas sobre os arrecifes
descortinando as cores do teu véu.

Contra azuis não ousou tocar meus *riffs*
se o céu te seduz bem mais do que eu
e a minha desbotada cor: naifes.

Investigo-te e rio

A busca atenta em teu corpo início
vêm óleo, perfume...na vaga intensa
debato-me, o impulso! *¿Sin vergüenza?*
nessa anca que brilha, lábio que rio.

Aproxima-te com os teus sopros quentes
já te quero ver mais perto esta noite
meu riso é dessa rosa entre esses dentes
de tais espinhos sei. Farás de açoitado.

Não reveles ainda o teu segredo
que preciso da fé por me entregar
ao dito absurdo do velho aedo.

Sabes que já me joguei noutra mar?
Não brinques jamais com o amor e com o medo:
combate do esquerdo dedo anelar.

Descanso ao vento

De novo o sono me leva ao teu colo
onde em paz me afagas grossos cabelos
ventos que ainda insistem revolvê-los
trago a mente cansada, dor que arrolo.

Se estou sobre esta grama é para amar
olhos na direção do céu aberto
imagens do teu seio vêm bem perto
Oh! Irmãos Lumière! *Très beau cinéma!*

A falésia abriga atrevida teia
precipitada ao fundo do oceano
soam cantos. Deusa? São de sereia!

Indago a mim: és arte em que eu me engano
ao longo da praia em luz sobre a areia?
Ou seria amor no mais raro ano?!

LÍVIO OLIVEIRA é poeta, escritor e Procurador Federal. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do IHGRN e da UBE/RN. Autor de “O Colecionador de Horas”, “O Teorema da Feira” e vários outros livros.

MEUS SÁBADOS DE LIVROS E POEMAS

Jarbas Martins

Sempre fiz dos meus sábados um sonho.
Meus livros todos numa cabeceira
se estendiam aonde meus amores ponho
tecidos pelas tranças leves de uma esteira.

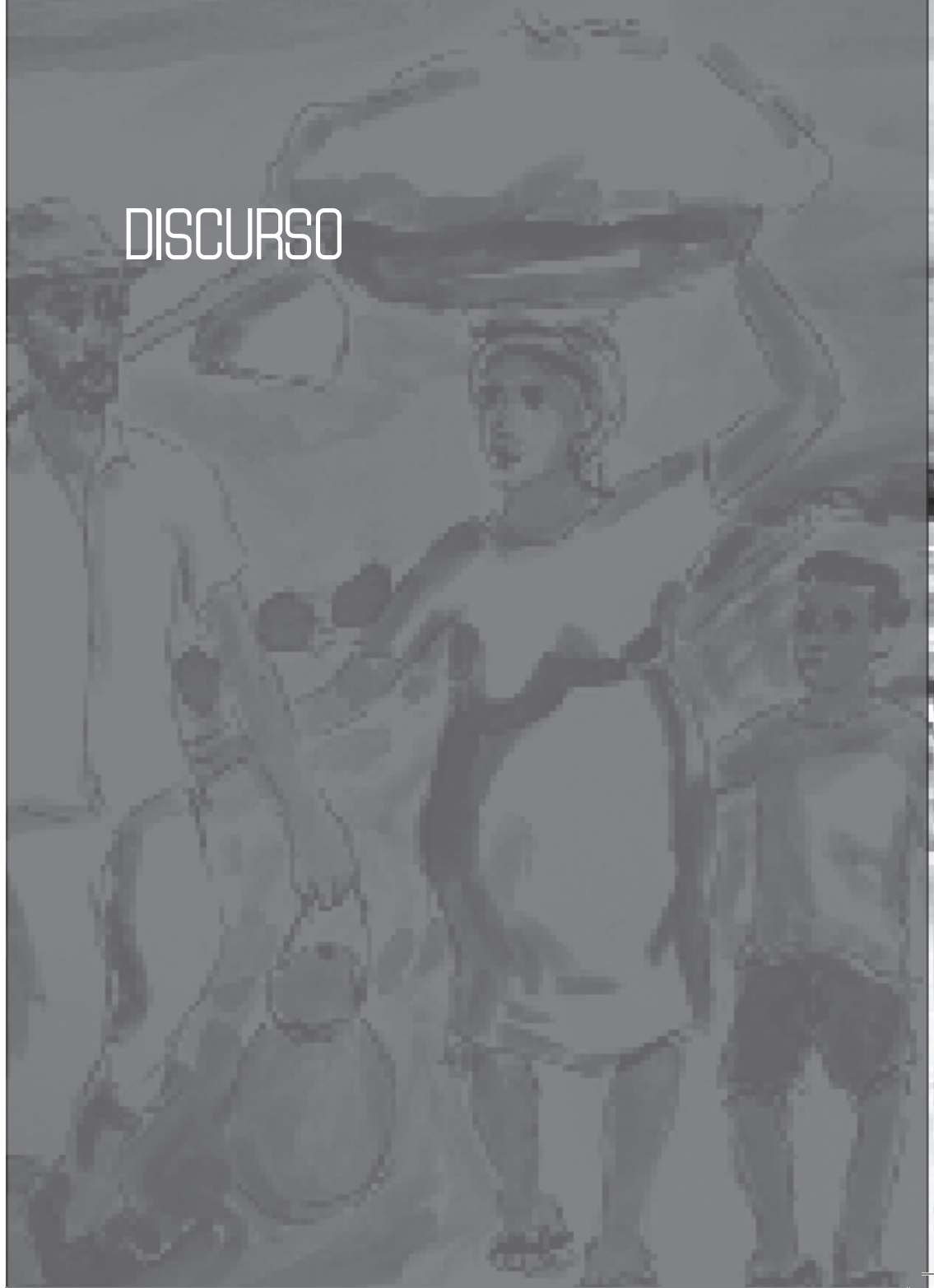
Unidos um ao outro como um fruto inchocho
fizeram-te bem junto a mim – a alvissareira.
Cobiçada por mim, jovial freira,
confesso este pecado que aqui deponho!

Por que me lembras, Vinicius de Moraes
estes velhos pecados iguais e desiguais?
Por que me lembras a sagrada brincadeira

Que nos dói, hoje em dia, como um infarto
tão querido e dolorido como um parto
que nos consola na vozeria de uma feira.

JARBAS MARTINS é poeta, escritor e professor aposentado da UFRN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor de “Contracanto” e outros livros.

DISCURSO





JUBILEU DE OURO SACERDOTAL DE MONSENHOR LUCAS

Padre João Medeiros Filho

Cantai ao Senhor um cântico novo, pois Ele fez maravilhas (Sl 98/97, 1).

A cada dia celebramos a bondade de Deus. Hoje redobramos o louvor. Não a uma divindade distante e abstrata, mas viva e encarnada no coração do homem. Deus está presente, há meio século, na vida sacerdotal de Monsenhor Lucas Batista Neto. O Pai celestial manifestou de modo surpreendente o seu amor, ao assumir a condição humana pela encarnação de seu Filho. E num maravilhoso gesto de dádiva fez mais: tornou-se próximo de nós pela realidade do sacerdócio, conferindo ao homem uma dignidade infinita. Há 50 anos, Dom Nivaldo Monte, em nome de Cristo, nesta mesma Igreja, ungiu as mãos de um jovem para abençoar e perdoar o Povo de Deus. Mãos ternas e amigas que tantas lágrimas já enxugaram e muitos caminhos de luz apontaram, mãos sempre estendidas para nos dar a alegria da graça e a graça da alegria. Talvez eu, particularmente, tenha chegado tarde a Natal para sentir a grandeza da alma de Lucas. Mas, em tempo ainda para compreender que Deus está vivo nele, amando-nos, através de seu coração.

Quem é esse sacerdote cujo Jubileu de Ouro, hoje, celebramos? Despontou para a vida numa família do Seridó, numerosa, humilde e temente a Deus. Sua infância e juventude desenrolaram-se entre as ruas Augusto Monteiro, Olegário Vale, Celso e Renato Dantas, da atual paróquia de São José de Caicó. Desde cedo, revelou sua vocação para servir. Em tenra idade, ajudava sua

mãe a criar os irmãos. Um dia, assistiu um irmãozinho adormecer eternamente, enquanto o embalava em seus braços. Sem entender o mistério da nossa efemeridade, disse a sua mãe: *Ele parou de chorar e gemer*. Os psicólogos poderiam pensar que ele ficaria marcado pelo resto de seus dias. Mas, nosso homenageado conservou para sempre a sua capacidade de ser solidário. Sua mãe para contribuir na manutenção da casa, vendia leite e coalhada, na vizinhança. Netinho – como era chamado – tornou-se seu representante de vendas. Numa tarde, levava uma panela de barro, cheia de coalhada para vender. Havia uma partida de futebol, perto de casa. A criança não se conteve e foi jogar com os amigos. Largou a panela no chão. Eis que uma bolada certa atingiu a vasilha e a quebrou, derramando todo o conteúdo. Nem recipiente, nem coalhada. Sua mãe o repreendeu, incutindo no futuro padre zelo e responsabilidade em seu trabalho. Como seminarista, labutou para custear as suas despesas e colaborar com a manutenção da família. No início da década de 1960, mostrava dedicação e eficácia como frentista do Posto de Gasolina São Pedro (cruzamento das ruas Apodi e Campos Sales). Pouco depois, era o sorveteiro da loja de conveniência. Contam alguns dos mais próximos para “zoar” que ele punha pouca essência e muito açúcar, tornando o sorvete quase uma garapa. Lembra com saudades esse tempo e demonstra sua gratidão a Monsenhor Lucilo Alves Machado, que o ajudou a ganhar a vida com o suor de seu rosto. Um dia, recebera carta de uma de suas irmãs, relatando as dificuldades financeiras pelas quais passavam os familiares. Estudava em Olinda. Pensou em deixar o seminário e tornar-se arrimo dos irmãos. Foi perambular triste e abatido pelas ruas do Recife. Mas, Deus não esquece nem abandona os seus filhos. Por acaso, encontra-se com uma amiga, que ao vê-lo chorar, após ouvir os motivos, disse-lhe: *Lucas, se você deixar o seminário, não vai resolver os problemas financeiros de sua família e será um frustrado por não realizar sua vocação e o desejo de ser padre*. A alma caridosa conseguiu-lhe algumas aulas num colégio em Escada, perto do Recife. E com o parco salário que recebia, conseguiu auxiliar a seus pais na manutenção de outros dez filhos. Já perto da

ordenação sacerdotal, o filho do Sr. João Lucas de Medeiros e Dona Julieta Cristina de Araújo passava as férias, em Natal. À época, sua mãe mantinha, nesta cidade, um pensionato. Quando chegava um novo hóspede, o seminarista era retirado do quarto onde dormia e ia passar a noite num sofá com um buraco por conta de uma mola quebrada. Nunca se revoltou, nem perdeu o prazer da vida. Não coleciona recalques. Comprovou sua capacidade de compreender e resiliência pela fé. Tudo isso fez dele um homem realista, amigo dos desvalidos, dos sofridos e como nos disseram antigas paroquianas de Mirassol e da Santa Teresinha: *Nosso pároco é um atalho de Deus!* Mesmo curando paróquias urbanas de classes mais favorecidas, conservou seu amor aos pobres. Tratava com o mesmo carinho os cristãos do Tirol, Petrópolis e a população humilde de Guarapes ou da antiga Diaconia Nossa Senhora de Guadalupe.

Hoje é dia de festa, memórias e saudades. O agradecimento faz parte da nobreza da vida. Sabiamente dizia Padre Monte: *Não posso deixar de ecoar o canto da gratidão, diante da bondade inefável e infinita do Pai.* Saber agradecer deve ser intrínseco aos cristãos. Não há como esquecer a benignidade divina, que culmina de graças, há cinco décadas, aquele que Ele nos presenteou como luz para nossas vidas. Ele é um verdadeiro pastor e sua marca é estar sempre disponível e próximo de suas ovelhas. Vivencia o que proclama o canto de Dom Carlos Alberto Navarro, inspirado no Salmo 23/22: *Sou bom pastor. Ovelhas guardarei. Não tenho outro ofício, nem terei, quanta vida eu tiver, eu lhes darei.* Nosso amigo é um escolhido por Cristo. Dissera o Mestre aos apóstolos: *Não fostes vós que me escolhestes, mas eu que vos escolhi* (Jo 15, 16). Deus quis se revelar a cada um de nós com o seu rosto humano na pessoa de nosso estimado Monsenhor, que cuida de cada um, como diz o profeta Isaías: *Velarei por ti, te acariciarei em meu colo, como a mãe acalenta o filho* (Is 66, 12-13). Ele tem sido para nós a figura da compreensão, fortaleza e doçura. *Muitas vezes evangelizamos mais com a ternura do que com sermões e discursos*, como escreveu Michel Quoist!

Encanta-nos sempre a alma de criança de Monsenhor Lucas. Guarda dentro de si aquele menino puro, desarmado, dócil e alegre dos seus tempos de infância. Dentre suas virtudes e carismas, ressaltamos a modéstia, a autenticidade e a mansidão. *Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra* (Mt 5, 5). As tentações do mundo não conseguiram contaminar a sua essência. Já aprendemos no Evangelho: *Se não vos fizerdes como crianças, não entrareis no Reino dos Céus* (Mt 18, 3).

Nosso jubilar teve a nobre missão de cuidar do Povo de Deus, onde Este o colocou. Muitos tiveram ou têm o privilégio de desfrutar de sua piedade, sabedoria, bondade e experiência, alimentando todos com o Pão da Palavra e da Vida. Felizes os que o têm como pastor. Nosso homenageado ensina-nos que o tempo é apenas um ensaio para se aprender os gestos e a linguagem do Infinito. É gratificante sentir o seu amor pela vida. Transparece que o melhor da existência é guardar intactos o sentido da fé e o sentimento da esperança no ser humano, imagem e semelhança de Deus. Assim, dedica-se de corpo e alma ao mistério das vidas, através da confissão, da escuta caridosa às pessoas que a ele acorrem.

Lucas, grato por estar sempre disponível, sem burocracia e mesuras para atender quem tem sede e fome de Deus. Ao receber inúmeros fiéis, você repete com o seu gesto o que disse Pasteur: *Não te pergunto qual é a tua crença, a tua origem, mas qual é o teu problema, a tua dor ou o teu sofrimento*. A muitos, você consegue tranquilizar a consciência inquieta, sofrida, angustiada, ou até, revoltada.

Grande amigo, gostaríamos de ter a santidade de Francisco de Assis, a sabedoria de Teresa d'Ávila, a simplicidade de Teresinha do Menino Jesus para dizer o que sentimos por você e poder presenteá-lo com a alegria pura das crianças, o entusiasmo dos jovens, a prudência dos adultos, a sabedoria dos idosos, enfim, a beleza de toda a criação.

Lucas faz da vida um contínuo aprendizado. Apraz-nos vê-lo agindo e trabalhando, com toda a lucidez, criatividade e energia. Aqui cabe recordar Ivo Pitanguy: *A vida me ensina cada dia, continua sempre me ensinando. Acho mesmo que triste é parar de sentir essa vontade de sempre conhecer um pouco mais.*

Caríssimos irmãos, meio século de sacerdócio é grande dívida, participação profunda no mistério de Deus, prodigalidade do Transcendente, mergulho na profundidade do Eterno, recado do Infinito aos que sentem a riqueza da graça divina. A vida de Lucas é um testemunho da Eternidade de nosso Deus e da beleza do Sagrado. O Absoluto é a sede do tempo. E este é centelha do Eterno, folha brotada da imensa árvore da Vida, cujo verdor não cessa jamais.

Querido amigo, separam-nos as origens e os temperamentos, mas as trilhas da montanha nos levam ao mesmo cume que é Deus. E que o Senhor permita-nos pronunciar, durante anos, as palavras da oferenda e da adoração, bem como viver unidos por uma amizade inabalável, há mais de 60 anos, selada pela mão de Deus.

Grato, caríssimo Monsenhor, pela rica pregação do Evangelho, que você transmite pela sua vida. Você sempre foi um profeta. Pregou firme, quando viu fraqueza; ensinou ternura, quando sentiu aspereza; mostrou diálogo, quando pressentiu condenação; e soube amar, quando viu a frieza de tantos. Você continua sendo peregrino e viandante, desde seu apostolado em Pendências, demonstrando às pessoas de Igreja, que ela não tem fronteiras.

Não pode faltar aqui a exclamação: Criatura! É uma de suas marcas e sua maneira preferida de se dirigir a todos. Unido a todos os seus amigos, neste dia, gostaríamos de pronunciar a palavra de cada um e exprimir a gratidão de todos. Saiba que o amamos muito. O amor não cabe em palavras e o reconhecimento é maior do que o discurso. Caríssimo irmão no sacerdócio, revele sempre a marca de Deus, inscrição da nossa proveniência, fornalha que arde em nosso coração.

Que você sinta cada vez mais a força do Alto e diga como Teresa d'Ávila: *Sei que me conduzirás pelas estradas do amor e da misericórdia. A Ti, somente a Ti, eu quero amar, a Ti somente a Ti, desejo servir!* Deus o abençoe. *Nossa Senhora lhe dê a sua mão, cuide de sua vida, do seu destino*, canta Roberto Carlos. Um grande abraço, em nome de todos que o amam e admiram. Cantemos as palavras de Maria Santíssima: *O Senhor fez em mim maravilhas, Santo é o Seu Nome* (Lc 1, 49). E que do céu sua heroína mãe Julieta o abençoe e diga-lhe: *Meu filho, em você nosso Deus é glorificado!*

Natal, Igreja de São Pedro, em 26 de setembro de 2020.

PADRE JOÃO MEDEIROS FILHO é escritor, autor de “Santos da Nossa Devoção” e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

O ARTISTA DA CAPA

Nascido em 1960, na cidade paraibana de Cubati, Assis Marinho ainda criança mudou-se com a família para o Rio Grande do Norte, instalando-se na cidade de São João do Sabugi, no Seridó potiguar. Atualmente reside em Natal.

“Autodidata, suas obras transbordam dramaticidade. Pescadores, retirantes, palhaços e o mítico Dom Quixote via de regra estampam intenso sofrimento e angústia no olhar. Manejando giz de cera ou nanquim aquarelado, Assis Marinho arregala os olhos das suas criaturas, como potentes janelas de tristes e autobiográficas almas” (Manoel Onofre de Souza Neto, pesquisador e colecionador de arte).

Com diversos prêmios em sua trajetória artística, dentre eles o Prêmio Pintura Governador do Estado e o Newton Navarro, Assis Marinho realizou diversas exposições individuais e participou de coletivas, pelo Brasil.

QUADRO DE ACADEMICOS

Cadeira	Patrono	Primeiro Ocupante	Sucessores
1	Padre Miguelinho	Adauto da Câmara	Raimundo Nonato da Silva, Sylvio Pedroza, Claudio Emerenciano.
2	Nísia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão, Grácio Barbalho, Ernani Rosado, Humberto Herme-negildo de Araújo.
3	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra	José de Anchieta Ferreira, Daladier Pessoa Cunha Lima.
4	Lourival Açucena	Virgílio Trindade	Enélio Lima Petrovich, Agnelo Alves, Cassiano Arruda Câmara.
5	Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida, Manoel Onofre Jr.
6	Luís Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva, João Batista Pinheiro Cabral.
7	Ferreira Nobre	Antônio Soares	Mariano Coelho, Nestor dos Santos Lima, Luiz Alberto G. de Faria
8	Isabel Gondim	Matias Maciel	Walter Wanderley, Nilson Patriota, Nelson Patriota, Gaudêncio Torquato (Eleito)
9	Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas, Humberto Dantas, Peregrino Junior, Dorian Gray Caldas, Roberto Lima.
10	Elias Souto	Bruno Pereira	Paulo Macêdo, Dácio Galvão
11	Padre João Maria	Januário Cicco	Onofre Lopes da Silva, Miguel Seabra Fagundes, Fagundes de Menezes, Paulo de Tarso Correia de Melo
12	Amaro Cavalcante	Juvenal Lamartine	Veríssimo de Melo, Oswaldo Lamartine de Faria, Paulo Bezerra, Clauder Arcanjo.
13	Luís Fernandes	Luís da Câmara Cascudo	Oriano de Almeida, Anna Maria Cascudo Barreto. Eulália Duarte Barros.
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes	Raul Fernandes, Armando Negreiros.

15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Antonio Pinto de Medeiros, Eloy de Souza, Umberto Peregrino, Francisco Fausto, Lívio Oliveira.
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Wanderley, Maria Eugênia Montenegro, Eider Furtado de Mendonça e Menezes, Armando Holanda.
17	Ribeiro Dantas	Dioclécio Duarte	Aluizio Alves, Ivan Maciel de Andrade.
18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida	D. Nivaldo Monte, Pe João Medeiros Filho.
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira, Murilo Melo Filho, Marcelo Alves Dias de Souza.
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mario Moacir Porto, Dorian Jorge Freire, José Hermógenes de Andrade Filho, Jarbas Martins.
21	Antônio Marinho	Floriano Cavalcanti	Luiz Rabelo, Valério Mesquita.
22	Côn. Leão Fernandes	Côn, Luís Monte	D. José Adelino Dantas, Côn. Jorge Ó Grady de Paiva, Côn. José Mário Medeiros.
23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior	Othoniel Menezes, Jaime dos G. Wanderley, Iaperi Araújo
24	Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcante	Antídio Azevedo, Antônio Soares Filho, Tarcísio Medeiros, Sônia Fernandes Faustino.
25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Inácio Meira Pires, João Wilson Mendes Melo, Luiz Eduardo B. Suassuna.
26	Manoel Dantas	José Augusto Bezerra de Medeiros	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa	Vicente Serejo
28	Padre João Manoel	Paulo Viveiros	Jurandy Navarro
29	Armando Seabra	Esmeraldo Siqueira	Itamar de Souza
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo	Aluísio Azevedo, Diva Cunha.
31	Padre Brito Guerra	José Melquíades	Pedro Vicente Costa Sobrinho, Leide Câmara.
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado	João Batista Cascudo Rodrigues, João Batista Machado. (vaga)
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza	Hypérides (Peri) Lamartine, Carlos de Miranda Gomes.
34	José da Penha	Alvamar Furtado	Lenine Pinto, Ivan Lira de Carvalho.
35	Juvenal Antunes	Edinor Avelino	Gilberto Avelino, Ticiano Duarte, Woden Madruga.
36	Benício Filho	João Medeiros Filho	Olavo de Medeiros Filho, José Augusto Delgado. (vaga)

37	Jorge Fernandes	Newton Navarro	Luís Carlos Guimarães, Elder Heronildes.
38	Luís António	José Tavares	Vingt-un Rosado, América Rosado, Benedito Vasconcelos Mendes.
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes	Marcelo Navarro Ribeiro Dantas
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	Geraldo Queiroz



Este livro foi composto em
Adobe Garamond Pro
e impresso em cartão
Duo Design 250g./m². (capa)
e Pólen Bold 90g./m². (miolo)
pela Offset Gráfica, Natal/RN,
setembro de 2021

www.offsetgrafica.com.br